ANNO XXV — N.º 26
Rio, 27 de Junho de 1931
— PREÇO: 1$000 —
FON FON
MC. 931

Tambem eu!

— Um descuido... um passo em falso num andaime e... zás! de cabeça na rua. Uns vão para o **buraco** e outros ficam inutilizados, o que é muito peor. Porque nós, os pobres, se perdemos a saúde, levamos a vida peor do que se já estivessemos no cemiterio. Sou, por isso, cauteloso, não só no meu trabalho, como com as cousas que dizem respeito á saude...

... Assim, por exemplo, quando alguem em casa tem uma dôr, não me falem em tornar otra coisa que não seja a bemdita

CAFIASPIRINA

Por toda parte me offerecem outras coisas dizendo-me serem iguaes e "mais baratas".—Pois sim!... sou pobre, é verdade, mas não sou idiota. Para economisar uns nickeis não arrisco nem a minha saude nem a dos meus.

Em minha casa não entra senão a CAFIASPIRINA!

"Uma verdade que se repete em todos os lares".

INCOMPARAVEL, unica e insubstituivel nas dôres de cabeça, dos dentes e dos ouvidos; nas nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, consequencias de farras, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

BAYER

Defenda-se exigindo a **Cruz Bayer.**

Um marido ciumento

POR NELSON NOGUEIRA PINTO

O senhor Djalma Xavier, misanthropo, vivendo á farta dos seus magnificos rendimentos, buscára no interior do Estado uma filha de Eva livre dos vicios elegantes das frequentadoras do *grand monde* social, onde elle, desgraçadamente, passára os peores momentos de sua vida e chegára á conclusão fulminante de que todas aquellas creaturas eram, sem tirar nem pôr, pantheras que se devoravam mutuamente... Dahi a razão de sua misanthropia. Ora, passeiando pelo *hinterland* pernambucano, o homem, que já passára dos quarenta, s o l t e irão, achára a encantadora Esther, typo brasileo, moreno claro, de olhos negros e sonhadores, delgado, voz angelical, emfim, um conjuncto purissimo de belleza. Meiga e carinhosa, o senhor Djalma estudou-a maduramente e lhe falou em casamento. Pobre, de paes pobres, foi uma luta do bem intencionado homem para conseguir dos progenitores de sua eleita seu beneplacito. Relutaram elles, e com razão, em consentir, argumentando que, sendo pobres e pobre, por conseguinte, sua filha, o senhor Xavier, cujos trajes e maneiras trahiam o *gentleman*, queria apenas abusar de sua pobreza e macular sua castidade, posto que raramente um homem rico se casa com uma mulher sem posses. Afinal, após se certificarem de que, effectivamente, eram bons os sentimentos do ricaço, a mão de Esther lhe foi cedida. O casamento se realizou mesmo no interior, na maior simplicidade e obscuramente. Nem ao menos os jornaes tiveram o prazer de dar um *furo*. Porque, si antes, quando o senhor Djalma não abraçára a misanthropia e vivia nas altas rodas sociaes, se casasse, toda a imprensa, com luxo de detalhes, noticiaria a união. Porém, agora, completamente alheio ás sociedades e no interior, tal facto passou absolutamente ignorado.

Realizado o matrimonio e finda a lua de mel, o senhor Djalma Xavier auxiliou pecuniariamente seus sogros e, com sua mulher, regressou a Recife. Installaram-se confortavelmente, sem luxo, em magnifica vivenda num arrabalde. O senhor Xavier amava sua mulher com todas as forças do seu coração. Uma paixão mais espiritual do que material. Os homens de certa idade não olham as mulheres puramente com cubiça, como os novos. Dedicam-lhes amizades sinceras, livre dos sensualismos doentios, quasi, dos jovens. Entretanto, com o correr dos tempos, Esther, que fôra simples, meiga e carinhosa, se metamorphoseára em vaidosa, aborrecida e fria. Não pedia, exigia; não acariciava, reclamava caricias; arrogante, queria que o marido fosse docil, obediente. Ella, que em sua pobreza não possuira mais do que os vestidinhos de chita; que por adorno se utilizára das flores dos prados para collocar entre os cabellos sedosos, desejava vestidos carissimos e joias magnificas. A principio, o marido ia satisfazendo aos desejos da esposa e curvando-se ás suas exigencias. Pelo seu cerebro não passára ainda a idéa da infidelidade de Esther. Achava que suas tolices eram proprias da idade. E se dava por feliz porque pensava:

— Si Esther, a quem eu fui buscar nos campos, obscuramente, agora, está desse modo, que seria de mim se me casasse com uma elegante?

Mas, um dia, lhe veiu ao espirito o que tardava: — o ciume! Simples, bôa e meiga quando se casára e actualmente vaidosa, má e autoritaria, naturalmente, Esther andava cahida de amores por algum amante. E essa lembrança o obstinava. O homem chegava á casa de surpresa. Quando elle entrava, suas pernas tremiam. Julgava encontrar sua esposa nos braços de outro. Nunca se realizaram seus pensamentos. Quando o carteiro distribuia as cartas dirigidas a Esther, furtivamente, o senhor Xavier via onde ella guardava a correspondencia para ir, como um reles inescrupuloso, ler, ás escondidas, as epistolas. E sempre lêra cartas banaes. Dos sogros, de amigas da esposa. Esther cada dia se tornava mais differente. Chegou ao ponto do marido pensar em desquitar-se amigavelmente. Não queria, embora misanthropo, levar a questão aos tribunaes, para não provocar escandalo. Proporia o desquite a Esther, dar-lhe-ia uma bôa mesada, mandal-a-ia para a casa dos paes e ver-se-ia livre, outra vez com sua liberdade. Recriminava-se a si proprio por se ter casado. Quem passára até os quarenta annos sem esposa, passaria até o fim da vida.

(Continúa na pagina seguinte)

UM MARIDO CIUMENTO

(Continuação)

E estaria em melhores condições, livre dos aborrecimentos quotidianos. Entretanto, achava-se sem coragem para propôr um desquite amigavel á esposa. Demais, não era tanto pelo genio mudado de Esther que o senhor Djalma se queria desquitar. Era que elle tinha a certeza — sem prova! — de que sua esposa lhe era infiel. O seu genio irascivel, elle, pondo de parte o amor proprio, o toleraria, humilhando-se. Mas como ser um marido ultrajado sem uma reacção immediata?

Um automato, que se escraviza a uma mulher, se toléra; mas um marido sem honra, o mais miseravel ser, ultimo especimen da baixeza humana, não o quer ser. Uma prova não havia. Esperar? Já tinha esperado tanto...

* * *

O esposo de Esther não dormia bem. Tinha pesadellos atrozes. Julgava ver em seus delirios de ciumes, nos sonhos, sua mulher surprehendida em flagrante nos braços de outro. Então, um assassinato e logo a cadeia, tetrica, sombria, se lhe deparava. Despertava violentamente. Levava a maior parte da noite andando de um lado para o outro, como um allucinado, emquanto no leito, entregue a calmo somno, a Esther outr'ora malata dormia como uma creança. O senhor Djalma achava-se ridiculo. Tinha remorso de fazer tão mau juizo da esposa. Acalmava. Logo, porém, vinha novo accesso. O ciume é, para um marido que não confia em sua mulher, a mais infame das doenças — sim, uma enfermidade terribilissima.

O appetite lhe fugira. As carnes do seu corpo sumiam-se a olhos vistos. Um exgottamento, uma depressão nervosa extraordinarios. Tanto assim que o senhor Xavier teve que ir ao seu medico. O esculapio receitou-lhe calmantes e repouso. Os ares dos campos, tambem, lhe fariam muito bem. Elle propoz á esposa passarem uma temporada no interior. Ella se recusou a acompanhál-o. Aconselhou-o que fosse só. O marido desesperou. Então? A mulher tinha um amante! Tanto assim que não queria se ausentar da cidade, nem mesmo ir para junto dos paes, aos quaes dizia amar. A existencia miseravel do marido ciumento continuava. Não dormia nem se alimentava bem. Proseguia como espião da mulher, lia-lhe as cartas e jamais conseguira uma prova de sua infidelidade conjugal. Resolveu, mudando de tactica, sahir todas as noites. Vagava pelas ruas, magro, de olheiras profundas, como um vagabundo. Regressava ao lar, tarde, percorria o quintal, espreitava, julgando surprehender Esther. Quando entrava, encontrava-a como sempre: innocente. Supportar por mais tempo aquella vida? não! Tudo precisava ter um fim. Esther havia de confessar sua culpabilidade. Separar-se-iam! Como interrogar a esposa? Mais de uma vez o senhor Xavier se dispuzéra. Mas se desarmava quando sua esposa o fitava e o seu olhar era firme, sem tibieza. Abafava as palavras que se lhe iam escapando da garganta. Aventou a idéa de escrever uma carta, uma declaração de amor, solicitando uma entrevista e dirigil-a a Esther. Disfarçára a letra e se assignára com nome differente. A esposa recebeu a missiva e, contra a espectativa do marido, que acreditava ella acceitar a declaração e correr á entrevista, mostrou, indignada, ao senhor Djalma a epistola, exigindo um correctivo para o audaz seductor.

Outro que não fosse o senhor Djalma, acreditaria na honestidade da esposa. Juraria pela sua fidelidade. Mas o homem, com o cerebro completamente dominado pelo ciume injustificavel, sem prova ou vislumbre disso, não se conformou, e allegou que a mulher conhecêra sua letra e o ridicularizára ainda. Sabeis vós, leitor, o que é o ciume? Si sabeis, consolae-vos com o heróe deste conto; si não, meus parabens!

* * *

O estado de coisas continuava. Esther era considerada infiel pelo marido. Mas a prova? Nunca elle conseguira. Uma noite, atormentado pelos máus pensamentos, o senhor Djalma sahiu de casa, como sempre, para espairecer. Chegou

(Conclúe nas pags. 6 e 7)

Faz mal á cutis o mar?

É o que muitas mulheres temem. Effectivamente, os banhos de mar, os banhos de sol, a vida de praia, podem ser grandes factores na conservação e recuperação da saude, mas, tambem, podem sel-o da completa ruina da cutis feminina si não são tomadas a tempo as devidas precauções.

A agua salgada, o ar marinho, os fortes raios de sol exercem uma notada influencia deploravel sobre a pelle, obscurecendo-a, queimando-a, endurecendo-a e resecando-a. Para evitar todos estes inconvenientes deve-se applicar á cutis, todas as noites, antes de deitar-se, uma ligeira camada de Cera Pura Mercolized, fazendo-se logo uma suave massagem. Desto modo obtem-se que a pelle conserve sua tenção natural e o encantador aspecto da primeira juventude.

Este notavel e efficassissimo processo de "mercolização" da pelle permitte a toda a dama, e a todo o homem tambem, o mais completo desfructe da vida de praia, sem que haja logar para qualquer preoccupação a respeito do estado em que, depois da estação, virá a ficar a cutis. Ha mais: a cutis, graças á acção regeneradora e vivificante da Cera Pura Mercolized, ficará mais limpida, mais enrijecida, mais formosa que antes.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

Em todo o Mundo, em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette.

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

a um *bar*, pediu uma cerveja e se poz, olhar fito no sólo, a engerir pachorrentamente o liquido amargo. Não esvasiára o primeiro copo ainda, quando entra o seu amigo Alberto Coutinho.

— Por aqui, tu, Djalma?

— Olá! Admira-te?

— Sim; que bello encontro!

— Não ha duvida; senta-te.

O amigo sentou-se á banca. O *garçon* trouxe mais uma garrafa de cerveja e emquanto ambos bebiam conversavam.

— Tu — disse o senhor Xavier, suspirando — ainda continuas como dantes, não?

— A mesma coisa.

— Conquistador, feliz...

— Yes.

— Que me dizes de tuas conquistas?

— Oh! Agora estou com uma pequena de folego.

UM MARIDO CIUMENTO

— Bonita?

— Linda! Morena, delgada, olhos e cabellos negros, uma das labaredas dos infernos!...

— E já...

— E' minha amante. Imagina que o marido é um idiota ciumento. Vive a espreitál-a, a ler-lhe ás escondidas as epistolas que recebe, está se acabando a olhos vistos, segundo me diz ella. Eu o não conheço. Não tenho esta honra. Mesmo minha amante occulta até o nome do marido. E eu gostava, crê, de conhecer esse esposo. Um *trouxa* vulgar, que em pleno seculo XX soffre de ciumes. Que dizes?

— Concordo comtigo — disse a contra-gosto o senhor Djalma, tornando-se pállido pelos detalhes do amigo, que tão bem se lhe relacionavam e pensando interiormente: será ella?

ATÉ A VISTA

A velha senhora Meynardier cruzou suas mãos sobre os joelhos. Luciano contemplou sua madrinha, pensando:

— Como está acabada! Não viverá mais muito tempo!

A idéa do crime que germinára em seu cerebro se impoz de novo, procurando como justificativa para seu horrivel projecto a decrepitude da velha.

A madrinha confiou-lhe:

— Hontem, recebi a visita de um cavalheiro empregado de uma nova casa bancaria, que pretendia fazer-me depositar meus titulos em poder da mesma.

— E a senhora acceitou?

— De modo algum! Quem sabe lá de onde vem essa gente?!

Luciano voltou a cabeça para occultar á senhora Meynardier seu olhar felino.

Recordou sua pobreza, sua casa miseravel, os automoveis e commodidades que contempla nos outros com ambição, e sentiu que as mãos se lhe crispavam com impaciencia cruel.

— Hoje, não — disse de si para si. — Todo mundo me viu aqui. Voltarei outro dia, com precaução.

Levantou-se.

— Já te vaes? — perguntou tristemente sua madrinha.

— E' tarde, e a senhora deve estar cansada e precisa deitar-se.

Sahiu.

A noite era escura e fria. Por estreitas ruas, Luciano chegou a um modesto café, onde se installou. Na mesa ao lado havia um homem que, com o olhar fixo, parecia reflectir. Deante delle se via um guia ferroviario.

Luciano falou em primeiro logar, dirigindo-se ao desconhecido. Precisava communicar-se com alguem para afastar a sangrenta idéa que o obcecava.

— O senhor me permitte? — perguntou, indicando o guia.

— As mulheres se dizem, sempre, mais jovens do que o são na realidade.

— Sempre, não, porque a minha noiva, a quem prometti um collar com tantas perolas quantos annos tivesse, augmentou a sua idade de cinco.

(Conclusão)

— E demais — proseguiu Alberto — já me encontrei uma vez com o marido de minha amante em sua propria casa e não o conheço nem elle tambem me conhece...

— Como assim?

— Vou contar-te. Nós nos communicavamos durante os dias. Morrendo de ciumes, o marido resolveu sahir todas as noites e passar os dias em casa. Excusado é dizer-te que tanto eu como minha amante folgamos immenso com essa sua medida. Não nos viamos aos dias, mas, em compensação, até meia-noite, depois do morrer da tarde, ella era minha e eu della, comprehendes? Uma noite, eu me demorei mais do que o habitual. O marido chegou, sorrateiramente, e quando nós demos por elle, já estava na sala de jantar. Sem uma sahida, ajudado por minha amante, escondi-me, suando frio, atraz de um guarda-vestidos. O marido, porém, notando a esposa um tanto excitada, mas sem proferir palavra e disfarçadamente, resolveu correr toda a casa. Passou junto a mim.

Eu, encolhido, imprensado entre o guarda-vestidos e a parede, nem suspirava. Quando o esposo foi dar busca nos demais aposentos do lar, consegui escapulir-me... Mas estás tão alegre, por que?

— Irra! — exclamou o senhor Djalma Xavier, batendo com o punho direito, cerrado na mesa, o que resultou cahirem as garrafas e os copos. — Agora me lembro... me lembro de tudo... sim... Esse marido sou eu! Posso propôr, e exigir até, pois, immediatamente, meu desquite amigavel... Tenho a prova!...

E para o garçon:

— Rapaz, *champagne*, faça favor!

De Albert - Jean

O desconhecido, espantado, respondeu:

— Pois não!

Luciano fingiu folhear o Guia. Depois, dirigindo-se a seu vizinho, lhe disse:

— O senhor não é daqui, não é verdade?

— Não... Espero o trem para Draguignan, que passa ás doze e dez.

— Vem da capital?

— Sim, senhor — respondeu, depois de um segundo de vacillação, o desconhecido.

Houve um silencio. Luciano continuou:

— Esta parada é muito incommoda. O senhor podia ter dormido aqui e continuar a viagem amanhã pela manhã.

— Mas é que não posso, de maneira alguma, perder o trem — replicou o viajante.

— Nesse caso, não o detenho — disse Luciano, estendendo-lhe a mão.

O desconhecido contemplou um instante Luciano e apertou-lhe a mão, dizendo:

— Até á vista.

Quando o miseravel leu o jornal, dois dias depois, não poude conter um estremecimento, ao ler esta noticia:

"Execução em Draguignan. Charnier, o assassino de Roqueyroles, foi executado esta manhã. O verdugo chegou na madrugada de hontem..."

Luciano balbuciou, aterrado:

— Então, o homem que me disse "Até á vista!" era o verdugo!

A imagem da guilhotina appareceu deante de seus olhos, para fazel-o dizer, horrorizado:

— Vou embora daqui... Si ficasse, poderia chegar a commetter o crime, e tornal-o a ver

E seguiu para a capital.

No dia anterior, Cassou, o negociante de grãos em Darguignan, dizia a sua mulher:

— Não avalias que rapaz mais sympathico encontrei em um café, perto da estação... Graças a elle, correu-me depressa o tempo em que eu esperava o trem... E eu ficaria muito satisfeito si novamente o encontrasse, para conversarmos...

Descoberta assombrosa, no anno de 1931. — "Foi visto passar, numa das ruas do Rio de Janeiro, um carro puxado por um cavallo. Esta conducção é deveras engenhosa: um homem, sentado no vehiculo, unia suas mãos á bocca do animal, por intermedio de duas correias".

UMA GAROTA M...

Dois actos de ...

— Que tal se acha o seu marido da cleptomania?
— Bem melhor, doutor. Agora já traz alguns objectos de valor...

(*Continuação do n.º anterior*)

ATHOS — E'-me tão dolorosa a idéa de que você irá pertencer a outro homem!

ELZA — Ainda?

ATHOS — Mas Elza...

D. MARIA — Vamos, Athos! Não seja ridiculo!

D. JOANNA — Inutilmente, tentará commover Elza. Esta pequena não tem coração.

ATHOS — Adeus, Elza! Faço votos para que seja feliz.

ELZA — (*friamente*). Obrigada.

ATHOS — D. Maria... D. Joanna...

D. MARIA — Felicidades, meu rapaz!

ATHOS — (*com amarga ironia*). Felicidades! (*com desalento*) Não serei mais, dóravante, do que um boneco ambulante, accionado pelos cordões de um coração que bruxoleia. Adeus! (*Sáe*).

D. MARIA — (*erguendo-se e encaminhando-se para a direita*). Pobre rapaz! (*Sáe*).

D. JOANNA — (*seguindo D. Maria*). Merecia melhor destino. (*Sáe tambem*).

SCENA VIII

ELZA DEPOIS MARCIO

Elza, só, fica pensativa um momento. Depois ergue os hombros, em signal de indifferença.

MARCIO — (*reentrando*) Prompto! Dentro de duas horas, seus vestidos aqui estarão.

ELZA — Ainda bem!

(*Pausa*)

MARCIO — (*approximando-se de Elza*). Então, querida, será já depois de amanhã?

ELZA — Sim. Finalmente. Si demorasse mais, acabaria doida.

MARCIO — (*com ternura*). Pobre querida! Tem trabalhado muito, não?

ELZA — Que quer? A mamãe e a madrinha nada fazem. Ou melhor, o que fazem é ler a reportagem dos jornaes sobre a "Santa" Manoelina. Sabe! Até já me aconselharam a leval-a á Santa. Dizem que talvez ella lhe restituisse a memoria.

MARCIO — Tolice! Segundo os jornaes, só se curam os que têm fé; eu não a tenho.

ELZA — Nem eu. "Santa", nesta época de velocidade e utilitarismo, não pega!

MARCIO — Seria, effectivamente, extraordinario. Aliás, eu, infelizmente, não tenho fé. (*Noutro tom*). Pelo que você me contou hontem, será linda a festa de nosso casamento.

ELZA — Assim espero. Não poupei esforços para tal. Convidei o que o Rio possúe de mais fino, organizei tudo a capricho.

MARCIO — E o meu rival virá?

ELZA — Qual delles?

MARCIO — Tenho tantos assim?

ELZA — Julgava que sabia.

MARCIO — Sim, sei! Sei que me preferiu entre mil. Como lhe agradeço!

ELZA — Não tem que agradecer. Sabe que me caso com você, não por amor. Seria banal que existisse, entre nós, esse sentimento piégas. O casamento, hoje, é um negocio como outro qualquer. Vejamos nosso caso: Você é rico, eu millionaria. Ao dar-lhe minha fortuna, recebo a sua em troca. Além disso, você foi preferido porque é um homem differente dos outros. Encantaram-me as trevas que sepultam o seu passado. Note que, escolhendo-o, não tomei em consideração o facto de você me ter salvo a vida. Isto apenas serviu de ponto de encontro, e nada mais.

MARCIO — Você é uma pequena extraordinaria!

ELZA — Não. Fujo apenas de ser commum, de ser como as outras. Quero ser eu só, exclusivamente eu. Dahi...

MARCIO — Dahi me preferir. U'a mulher original exigia, é claro, um marido diverso dos maridos das outras mulheres. E foi por assim comprehender que eu...

ELZA — Você...

MARCIO — (*perturbando-se*). Nada... (*A' parte*). Quasi estrago tudo!

CRIADA — (*surgindo*). — Ahi fóra está um sujeito que quer falar ao sr. Marcio!

MARCIO — A mim?! Como se chama?

CRIADA — Chico Viola.

ELZA — *Que nome!*

MARCIO — Elza, você me permittirá receber esse sujeito?... Apenas cinco minutos a sós.

ELZA — Perfeitamente. (*Para a criada*). Faça-o entrar.

(*A criada sáe*).

MARCIO — Elle é o encarregado de tratar de meus papeis de casamento. Um caso difficil! Tudo, porém, ha de se conseguir. Nestes "Brazis" compra-se tudo... até consciencias!

ELZA — Emquanto recebe sua visita, vou dar algumas ordens

SCENA IX

MARCIO DEPOIS CHICO VIOLA

MARCIO — (*só*). — Será que já se acabou o dinheiro que dei a esse cypo?

CHICO VIOLA — (*entrando e cumprimentando Marcio, com fingida humildade*). — Bôa noite, patrão!

MARCIO — Olhe, meu velho: Deixe de salamaleques e vá logo expondo o que o traz aqui.

CHICO VIOLA — Seja feita a sua vontade, meu velho! (*Sentando-se numa confortavel poltrona, cuja*

— Meu esposo vive da pena.
— E' escriptor?
— Não, senhor; faz criação de aves...

mente experimentava uma, duas vezes). Isto é bom, não resta duvida!

MARCIO — Então? Não lhe disse que me não procurasse antes do casamento?

CHICO VIOLA — Devagar! Vamos devagar. Dê-me primeiro um cigarro.

(*Marcio tira a carteira de cigarros e apresenta-a ao Chico Viola. Este toma a carteira das mãos de Marcio, tira um cigarro, offerece outro a Marcio e guarda tranquillamente a carteira no bolso. Accende o cigarro. Solta com sa-*

MODERNA

José Maria Senna

tisfação uma baforada de fumaça que evolue, em espiral, no espaço. Marcio segue-lhe, com impaciencia, os movimentos).

CHICO VIOLA — (*fleugmatico*). — Afinal, o sujeito que disse ser a vida uma fumaça, falou como gente grande.

MARCIO — (*impaciente*). — Entra ou não no assumpto que aqui o trouxe?

CHICO VIOLA — Que diabo! Tenha paciencia! Você nem ao menos finge prazer em tornar a vêr um velho amigo como eu, depois de tão longa ausencia!...

MARCIO — Deixemos de conversa fiada. Quer mais dinheiro, não é?

CHICO VIOLA — Não é que você é adivinho!

MARCIO — Quanto?

CHICO VIOLA — (*sopra, pausadamente, as cinzas do cigarro.*

— Meu tio presenteou-me com a "Relatividade", de Einstein, por occasião do meu anniversario.
— Já a leste?
— Não; estou esperando que a passem, primeiro, no cinema.

Puxa, com calma, uma fumaça, e soltando outra baforada, que attinge o rosto de Marcio). — Dois contos.

MARCIO — (*tossindo e abanando a fumaça*). Está louco!

CHICO VIOLA — E' verdade, devia estar louco: Quero tres contos.

MARCIO — Não lh'os darei.

CHICO VIOLA — Sério?! Como se chama sua noiva?

MARCIO — Para que quer saber?

CHICO VIOLA — Para mandál-a chamar. Contar-lhe-ei, então, coisas bem interessantes.

MARCIO — Miseravel!

CHICO VIOLA — Eu?... Nós! Nós somos uns miseraveis, meu caro!

MARCIO — Retire-se!

CHICO VIOLA — Calma, menino! Nervos não adeantam nada.

MARCIO — Pois bem! O dinheiro você não terá. Já lhe dei dois contos.

CHICO VIOLA (*com desprezo*). Dois contos... Não deram nem para os alfinetes de Marianna. Você conhece a Marianna, não conhece? Aquella mulata que é meu "béguin"!

MARCIO — Pois eu não tenho mais dinheiro.

CHICO VIOLA — Obriga-me, então, a contar a sua noiva que você é um pirata de marca maior, que você tem uma optima memoria e mais ainda que quem a salvou fui eu...

MARCIO — Seja razoavel.

CHICO VIOLA — Serei: passe os cobres.

MARCIO — Você os terá amanhã; hoje não tenho um nickel.

CHICO VIOLA — (*desconfiado*). — Olhe lá! Não pensa enganar-me?

MARCIO — Nunca.

CHICO VIOLA — Juro-lhe que será peor para você. Raposa velha não se deixa illudir.

MARCIO — Terá o dinheiro, já disse.

CHICO VIOLA — Então, até amanhã. (*Encaminha-se para a porta. De subito, estaca. Bate na testa e volta-se. Ia-me esquecendo.*) A Maria da Graça anda á sua procura por toda a parte. Está por conta. Você bem sabe que ella tem de você um ciume formidavel. Muito cuidado!

— Senta-te aqui, Henrique, não sejas atrevido!
— Estás pensando que és minha mulher, para descompor-me, assim, deante de todos?

MARCIO — Procure acalmál-a. Diga-lhe que fiz uma viagem, qualquer coisa emfim!

CHICO VIOLA — Está certo! Até amanhã! (*Sáe*).

SCENA X

MARCIO E ELZA

MARCIO — Prompto! Eis-me entre a espada e a parede. Si negar o dinheiro a esse bandido, estará tudo perdido.

ELZA — (*entrando*). — Já se foi sua visita?

MARCIO — Já!

CLARA — (*surgindo*). — As flores acabam de chegar.

ELZA — Com licença, Marcio! Não me demoro. (*Encaminha-se para o fundo, quando sôa a campainha telephonica*). Attenda, Marcio! Si quizerem falar commigo, diga que não tardo. (*Sáe*).

MARCIO — Sim! (*Attendendo o apparelho telephonico*). E'... E' da casa de Elza... Hein! Elza... Como? (*imitando voz de mulher*). Aqui quem fala é a criada da senhorita Elza. Ella sahiu... Ah!... Sim... Não ha duvida... Como? Maria da Graça... E' sério? Nada, não é nada! Devo dizer a senhorita Elza que tem uma importante revelação a fazer-lhe sobre o noivo della, não é?... Perfeitamente. O recado será dado. (*Repondo o phone no gancho*). Que desastre! Maria da Graça faz cada uma! Ir contar áquelle jornalista, o tal de Athos, a historia de seu amante desapparecido. E dar todos os meus signaes, que diabo! Felizmente fui eu que attendi o telephone!

ELZA — (*entrando*). Então, quem telephonou?

MARCIO — (*distrahido*). Ninguem...

ELZA — Ninguem?

MARCIO — Quero dizer... Foi miss Evelyn, que deseja saber si os vestidos te agradaram.

ELZA — Miss Evelyn... Mas eu

(*Continúa na pagina seguinte*)

já disse a ella que dos vestidos enviados ficava com tres apenas.

MARCIO — Pois é! Foi ella...

ELZA — Miss Evelyn não regula.

MARCIO — Bem, Elza! Dê-me licença. Negocios urgentes reclamam minha presença algures. Até logo!

ELZA — Adeus!

ACTO II

Ao levantar o panno, estão em scena d. Maria, Elza e uma caixeira de miss Evelyn. D. Maria e a caixeira estão junto a Elza, a qual tem nas mãos uma peça da guarnição do "toilette" de seu quarto de noiva.

SCENA I

ELZA — (*dirigindo-se á caixeira*). — Você entregará esta peça a miss Evelyn. Diga-lhe que assim não me agrada. Veja como está a costura... Está... Como direi?

D. MARIA — Cuspindo toda.

ELZA — Cuspindo?

D. MARIA — Sim. Nós, os velhos, assim mencionamos a costura que está se desmanchando.

ELZA — (*para a caixeira*). — Você entende, não é?

CAIXEIRA — Sim, minha senhora!

ELZA — Diga mais a miss Evelyn: que tenho pressa desta peça. Sem ella, fica incompleta a guarnição do "toilette".

CAIXEIRA — Sim, senhora!

ELZA — E' só.

CAIXEIRA — Bôa tarde!

ELZA — Bôa tarde!

D. MARIA — Vá com Deus, rapariga!

(*A caixeira sáe*).

ELZA — Tenho tanta coisa a fazer até amanhã, dia do meu casamento! Onde anda a madrinha?

D. MARIA — Está na cozinha, ajudando as criadas... Afinal, só serve para atrapalhar! Mexe para aqui, mexe para alli... Um espantalho!...

ELZA — E a senhora, mamãe, já collocou as garrafas de vinho e cerveja na geladeira?

D. MARIA — Ainda não.

ELZA — E então?

D. MARIA — Já vou... Já vou! Calma! (*Sáe*).

ELZA — Agora eu! (*Apanha o telephone. Faz a ligação automatica. Falando ao apparelho*). — Allô! Allô! E' Martha?... Então, virás amanhã? Como?... Não recebeste a participação?... Pois foi expedida. Eu mesma a subscriptei. Bem! Vens, não é?... Está bem! Traze a Helena e a Elvira, sim? Obrigadinha! Até amanhã! (*Faz nova ligação*). — Allô! Allô! E' Mister Kinger? Estou á espera do collar, que hontem ahi escolhi.

UMA GAROTA MODERNA

(*Continuação*)

Como? Mandou-me pelo sr. Marcio? Ah! Está muito bem. Obrigada! (*Monologando*). Como é que o Marcio hoje cêdo não me falou no collar? Provavelmente, se esqueceu. Que o não tenha esquecido em algum omnibus é o que estimo.

CRIADA — (*entrando*). — O senhor Athos procura-a.

ELZA — Athos? Faça-o entrar. (*A criada sáe*).

ELZA — (*para si*). — Que quererá commigo o Athos? Ha dias já que me não procura.

SCENA II

ELZA E ATHOS

ATHOS — (*surgindo*). — Como está, Elza?

ELZA — Um pouco cansada, apenas. Mas muito satisfeita!

ATHOS — Satisfeita?!...

ELZA — Não havia de estar!? Pois não é amanhã que me unirei ao homem que escolhi?

— Puxa, seu Raymundo! Por que está assim tão gordo?
— Porque não discuto nunca.
— Homem! Não será por isso.
— Está bem; não será por isso.

ATHOS — Perdão! Não recebeu meu communicado?

ELZA — Sobre?

ATHOS — A respeito do seu noivo.

ELZA — Não.

ATHOS — Telephonei-lhe!

ELZA — Telephonou-me?!

ATHOS — Sim. Foi sua criada quem me attendeu. Ficou de dar-lhe meu recado.

ELZA — Admiro-me. Nada me disse. Mas deslindaremos isto já. (*Chamando para o interior*). — Joaquina! Joaquina!

CRIADA — (*Do interior*). — Prompto, patrôa!

ELZA — Vem cá, depressa!

CRIADA — (*Surgindo, a correr*). Prompto!

ELZA — Diga-me uma coisa: desde quando é moda nesta casa receber-se um recado e não o transmittir á pessôa á qual é destinado?

CRIADA — Não a entendo, senhora!

ELZA — Entenderá já! Este senhor acaba de me informar que hontem me telephonou. Você foi quem attendeu ao apparelho. Mandou-me elle um recado e este não recebi.

CRIADA — O senhor telephonou?!... Juro, patrôa, que não sei de nada.

ELZA — Mas... (*Voltando-se para Athos*). Como você explica isso?

ATHOS — E' só essa empregada que você tem?

ELZA — Que attendesse ao telephone, é só.

ATHOS — (*á criada*). — Então não se lembra de haver eu mandado dizer á sua senhora que tinha grave communicação a fazer-lhe a respeito do senhor Marcio?

CRIADA — Não, senhor!

ATHOS — Não sei, Elza, como explicar. Disseram-me, ao telephone, que quem falava era a criada, pois você não estava.

ELZA — (*fazendo signal á criada para sahir*). — Vejamos! (*Parece reflectir um momento*). A que hora você telephonou?

ATHOS — Seriam sete.

ELZA — E disseram-lhe que eu não estava! Não reparou si a voz seria de homem?

ATHOS — A principio, pareceu-me que assim era. Depois, notei que era fanhosa, voz de mulher.

ELZA — Fanhosa!? Mãmãe não seria e nem a madrinha: detestam o telephone. (*Meditativa*). Fanhosa? (*Sempre em attitude de quem reflecte*). Já desconfio quem seja!...

ATHOS — Quem?

ELZA — O proprio Marcio. Foi justamente elle que mandei, hontem, mais ou menos ás sete horas, attender ao apparelho, que chamava.

ATHOS — Deve ter sido elle. E dahi a sua ignorancia. Eu mandei dizer-lhe que fôra procurado, no jornal, por uma mulher de nome Maria da Graça, a qual se me queixou de haver o amante, um grande aguia, batido as possantes plumagens. E ella queria que eu désse uma nota no jornal, pedindo aos leitores indicassem o paradeiro do companheiro, cujo retrato aqui tenho. (*Retirando a photographia do bolso e passando-a a Elza*). Veja!

(*Continúa no proximo numero*)

EXQUISE (S. Paulo) — A sua carta é dessas que recebo aqui diariamente. O teôr não differe. De resto, as consultas que encerra são tambem as mesmas que varias missivistas me dirigem. De sorte que a sua publicação é necessaria e permitte que a resposta seja comprehendida por muitas pessoas.

Eis a sua carta na integra:

"Yves. Saudações. Já ha certo tempo, acompanhando com curiosidade a secção "Saibam Todos", tive desejos de escrever-lhe; mas o receio de importunal-o e receber uma resposta ironica e mordaz — dessas em que você é mestre consummado — adormeceu por algum tempo esse desejo.

Agora, porém, eil-o que volta mais vehemente, ou antes, converte-se em tentação, uma tentação obcecante, irresistivel.

E, Yves, mesmo assim não me decidiria si não encontrasse solido apoio num sabio e commodo conselho de Wilde: "A melhor maneira de se livrar de uma tentação é cahir nella". E cahi. Portanto, si importunal-o culpe ao pae de Dorian Gray, não a mim.

Sei que você, acostumado a receber de todos os recantos desse nosso Brasil, cartas e cartas de mulheres de intelligencia brilhante e fina verve, pouca attenção poderá dispensar á minha humilde pessôa. Mas, só o escrever-lhe é para mim um prazer e.... nem quero pensar no resto...

Saibam

Não conheço o "Suave Enlevo". Não conheço o poeta melodioso e sentimental que eu sei que é Bastos Portella. Não.... conheço apenas o Yves do Fon-Fon, sempre ironico, sempre com um dito mordaz a bailar-lhe na ponta dos labios; um Yves aniquilado ante um alluvião de cartas e.... poesias; um Yves carrancudo a guardar cuidadosamente as joias litterarias que recebe em seu precioso estojo: a cesta...

Mas, sob essa mascara de ironia e sophisma com que você esconde seu verdadeiro "eu", adivinho uma alma sonhadora, (como, aliaz, é a de todos os poetas) uma ansia de ideal, um coração transbordante de ternura. E é por isso que eu o admiro.

Yves, não seria possivel um pequeno estudo de minha graphia? Apenas alguma coisa sobre minha psychologia...

Mas, não venha dizer-me que sou boazinha. Oh! isso não! Tenho verdadeira phobia por essa palavra — como você — pois, para mim é synonimo de: vulgaridade-insignificancia.

E, o que pensa você, Yves, dessa especie de synthetização da orthographia? Que fim têm em vista com isso? Desejaria conhecer sua opinião e colher alguns informes pois não sabendo o alvo que desejam attingir não poderei formar um juizo proprio sobre esse assumpto e tão pouco approval-o ou não.

E.... não lhe digo mais nada... Seria abusar de sua paciencia...

Despeço-me, portanto de si, com toda a sympathia que os poetas me inspiram e com todo o reconhecimento pela attenção que dispensou á — *Exquise*."

Agora, as respostas.

1º — Não faço graphologia se não remunerada. Entretanto, direi dois traços do seu caracter: dissimulação e excessiva desconfiança. O resto.... não é possivel.

2º — Quanto á reforma orthographica, acho que ella vem resolver, pelo menos, esse cháos que é a nossa maneira de graphar as palavras: cháos ou cahos? Este vocabulo diz tudo.

Sou, portanto, pela simplificação da orthographia portugueza. E eu mesmo a pratico do meu modo — como Deus me ajuda.

OCTACILIO AMARAL — (Capital) — O o sr. já terá lido

todos...

Primo Bazilio de Eça de Queiroz? Si o não leu — corra a adquirir esse livro estupendo, onde o sr. encontrará a pittoresca figura do Conselheiro Accacio, o homem das phrases feitas e do chatismo que faz mal aos nervos.

Pois o Conselheiro Accacio é seu illustre collega (?)

Imagino daqui o espanto com que o sr. me perguntaria "Por que?" si estivesse a meu lado...

De qualquer modo eu lhe respondo com a publicação deste trecho da sua fantasia *Idealismo*...

"Na aurora irradiante da vida, onde tudo se nos afigura risonho e venturoso, idealisamos os mais deslumbrantes sonhos, que a nossa fantasia enaltece com as suas de leiosas voluptuosidades! Ah! mas como a fumaça volatisam-se, deixando-nos entregue ao mais cruel desengano. E' a velhice que nos enlaça, fazendo-nos volver o olhar para o infinito, como a querer-lhe sondar os arcanos indecifraveis!"

Basta! O sr. é o primeiro premio de mediocridade literaria.

"Na aurora irradiante da vida..." — Quá, quá, quá, quá! Isso é uma risada que dou, expansivamente, ao lêr esse trecho banal. Elle não é seu: é do Conselheiro Accacio. O Conselheiro, por sua vez, o copiou a Adão, quando esse cavalheiro ainda morava no Paraiso, e não conhecia a deliciosa Eva.

Caro e excellente escriptor... Pelo amor de N. S. Jesus Christo! não me escreva mais nada hoje... "Na aurora irradiante da vida"... — Quá, quá, quá, quá!

OISEAU BLEU (Capital) — Eu hoje estou de pouca sorte. Cada carta que abro — é um poeta d'agua doce... E' um escriptor de "gengibirra", um literato "rococó"... Por que? Ha nisso um *bluff* que já foi, provavelmente, estudado por esses cavalheiros angelicos. Sabem o que fazem? Escrevem-me em lindas cartinhas perfumadas, como si fossem senhoritas... E' claro que abro essas mensagens com um carinho especial. Dentro, porém, está o *bluff*. Não é uma "jeune fille", uma "constante leitora", uma "admiradora exaltada"... E' um poetastro como o sr. "Oiseau bleu", que escreve versos hediondos como estes, sem cabeça, sem barriga e sem pés:

SUPREMO AMOR

O amor que te devoto, querida
E' grande como todo o Universo:
—Não cabe no horizonte de uma [Vida.
Eu te amo sem pranto, sem la- [mento,
Com esse amor de vagas solu- [çantes,
De mar feroz e louco como o [vento!...

Não é tanto o lôgro que nos decepciona. A's vezes, ha cartas de marmanjos que superam, mesmo quando dactylographadas, as mais roseas e perfumadas missivas de Mlle. Fulaninha ou Mme. Cicraninha.

O que desola é abrir uma epistola cheirosa, bonita, em papel timbrado, ostentando monogrammas complicados, e ter ella que ir para cesta, com uma vaia no *poeta* ou *escriptor* que a assigna.

(*Continúa na pagina seguinte*)

KAT (S. Paulo) — Antes de tudo, quero agradecer-lhe a boa lembrança que teve de enviar-me e seu cheque para o estudo de sua calligraphia. Ah, si todos fizessem assim...

Mas vamos ao exame de sua letra.

O graphologo sente uma certa difficuldade para estudal-a criteriosamente. E foi isso o que occorreu desta vez, pois ella me deu grande trabalho — a mim e a um collega, que está presente, e me auxiliou na tarefa. Perdemos uma hora e pouco. E' que a sua graphia apresenta varios signaes contraditorios.

Comecemos.

O sr. é dotado de um temperamento um pouco infenso á luta. Desencorajado, um tanto indolente — talvez devido á sua circulação defeituosa e ao mau funccionamento do seu apparelho respiratorio — o sr. prefere o repouso macio, o commodismo tepido, á intensidade de uma vida agitada. Dahi a razão por que o seu espirito trabalha mais do que o seu corpo. Dessa actividade mental, resulta, para o sr., uma certa superioridade, quando em trato com os homens, dos quaes triumpha pelo ardil.

Vaidoso, em excesso, não raro gosta de imitar altitudes alheias, é precipitado, graças a uma impressionabilidade facil e uma susceptibilidade sem paixão, que o dominam e lhe provocam contrariedades subitas.

E' tambem muito desconfiado. Isso justifica as apprehensões em que se debate, na maioria dos casos, hesitando em tomar uma resolução definitiva.

Amigo da ordem, não é uma pessôa esbanjadora das suas economias; mas sabe ser prodigo quando a isso as circumstancias o obrigam...

A sua saude deve estar compromettida, de accordo com o diagnostico já exposto. Discreto, muito discreto, sabe tirar partido desse predicado. Não é um sentimental, mas antes um emotivo, e um utopista, — apesar do seu espirito pratico.

SYNTHESE GRAPHOLOGICA — *Intelligencia* — Intuitiva, ordenada, inclinada ás locubrações philosophicas e positivas. — *Memoria* — Visual, fixadora dos phenomenos representativos da côr e do movimento. *Vontade* — Fraca, mas contiuuada, liberta de excessos e violencias. — *Tendencias* — (No dominio physico) — Repouso. (No dominio mental) — Fastigio, predominio. (No dominio moral) — Flexibilidade, má fé.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

no que aliás põe muito bom gosto e alguma esthesia.

Habil em negocios, affavel com as pessôas, ás vezes age com prudencia e calculos; mas geralmente

EDECAS (Capital) — A sua carta é uma especie de enigma, feito para atrapalhar o decifrador, como a historia daquelle gato que tinha a penninha de gallo na cauda.

Li-a, reli-a, percebi que era a missiva de um candidato ás letras e, no fim de contas, acabei não entendendo nada. Faz favor de tirar a penninha que atrapalha?

Escreve o sr.:

"Yves: Inclúe, caro amigo, se assim m'o permittes, mais um importuno no teu ról de paulificantes.

Sim! E' mais uma ovelha que se approxima do *meigo* e bom Pastor.

Olha Yves inicio comtigo a minha vida "litteraria". Innumeros obstáculos se me depararão, sei disto. Procurarei, entretanto, transpol-os e vencel-os, tendo em ti, o apoio forte de que necessitam os fracos.

Lendo, continuamente, a interessante secção do "Saibam todos", fui, pouco a pouco, sentindo um desejo immenso de ter relações comtigo e de produzir, com teu auxilio, algum trabalho apreciavel.

A's vezes, ao recordar entes queridos e contemplando a bella enseada de Botafogo eu sinto o apressar do rythmo de meu coração e o anceio insatisfeito de verter em um escripto o que se me vai nalma...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Debalde... Parece-me faltar a coragem, a iniciativa, o animo... e nada faço! Porque não tentar? amigo Yves. Vejo, porem, que, sem um guia franco e sincero, persistirei em minha inactividade.

O que me aconselhas?

Muitas vezes tomo da penna e procuro fazer um conto. As idéas dansam em meu cerebro e eu me esqueço que tenho em frente, o papel e entre os dedos a caneta.

Afinal, amigo, o que tenho feito não méras descripções, esparsas aqui e alli, em cadernos abandonados e papeis soltos.

Bem, espero de agora pelas columnas do Fon-Fon.

Dispõem sempre do amigo agradecido. Pseudonymo: *Edecas.*"

Ao que parece, o sr. quer dizer o seguinte: depois de muito ler o "Saibam todos", se foi infiltrando do desejo de fazer literatura. Olha a enseada de Botafogo e sente a necessidade de verter (*vade retro!*) num escripto o que lhe vae pela alma. Mas, não tem coragem. Então, pede o meu parecer sobre o caso.

Emquanto não tirar a penninha que atrapalha tudo, serei forçado a confessar que pouco entendo de tudo isso.

Creio que o seu caso é com a medicina.

Falta-lhe a coragem, isto é, o animo para escrever? Tome fortificantes, dirá um esculapio. Tonicos, gemadas, mocotó, farinaceos, legumes, etc.

Não posso ir adeante, porque não sou medico.

Póde ser que, tirando a penninha da sua carta, eu lhe apprehenda melhor as intenções...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 27 - 6 - 931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Egoismo

De Adonai

HA, na nossa vida de aventureiros, scenas que o borborinho dos grandes centros não consegue recalcar. Assim aquella noite no seringal do coronel Barrozo, no Alto Juruá, perto da confluencia do Môa. Era eu, áquella época, caucheiro. No barracão estavamos o guarda-livros (accumulando as funcções do gerente, assassinado ás vesperas), a viuva, um velho matteiro e eu.

A casa era como todas desse jaez. Grande salão á entrada, onde se ia ter por enorme escada de madeira, ficando, á direita, o deposito, meio armazem, meio taberna; á esquerda, o escriptorio, onde, cobertos de pó o Razão, o Diario, o Caixa, o Borrador, pyramides dos negocios da firma, assistiam á derrocada da civilização do logar. Sobre velha mesinha, uma "Hammond", sceptica, muda como o destino a que estava sujeita, olhava a quietude e a miseria ambiente. Na escrivaninha, alta, os archivos, empilhados, guardavam os segredos dos dramas numericos, a par de papeis velhos por sobre a estante. O tinteiro, empoeirado, seccava á paixão da penna (mulher não fôra) que o abandonára. Não se faziam negocios; para que escrever?

Dos caucheiros, o mais esperançado era eu; tambem era tão moço... Os demais, vendo a improficuidade do trabalho nas "estradas", haviam abandonado o seringal. Uns internaram-se na matta á procura dos indios para lhes compartilhar o viver nomade; outros, "rifle" a tiracollo, faca á cintura, tinham arribado numa montaria com o intuito do saque, surdos aos conselhos do gerente.

— A fome, haviam retrucado, é-nos melhor conselheira que as leis e outras letranças que o senhor saiba. A sociedade nos corrompe, o governo nos faz bandidos: o mal é dos mandões. Afinal de contas, elles só têm feito o que vamos fazer, protegidos pelas leis e pelas letranças! No emtanto, são homens de bem, elogiados pelos jornaes; nós os bandoleiros, os ladrões... Si houvesse Justiça, o Amazonas não estaria assim, e viveriamos num mar de ouro. Que é da gente do Governo? Bebe *champagne* e passeia as mulheres alheias...

E chasquearam. O "jacuman" já havia enfiado a pá do remo no barranco, deu um impulso á embarcação, e se foram...

* * *

FICÁRA o Zémaria, o chapéo de carnahúba caido sobre os olhos, carrancudo, callado. Olhámo-nos. Sua presença, ali, era presaga, quando todos se lam- Seus olhos brilhavam de maneira esquisita. Fomos para casa, emquanto o gerente se dirigia a elle. Da escada vimos o gesticular de ambos. Parámos. A altercação fôra rapida. Elle prostrára o gerente com certeira facada. Corremos. Não resistiu á prisão. Amarrámol-o ao "tronco", para mandál-o á justiça do Tarauacá. Transportámos o cadaver e o collocámos em cima da mesa de refeição, mudada em eça, já transferida para a sala intermedia entre o escriptorio e o deposito. Todos estavam consternados, com excepção da

Humano de Medeiros

Viuva, sentada perto da janella, olhando para o terreiro, onde, nú, o criminoso cumpria a pena imposta pelo guarda-livros. Apoiado ao rifle, o velho matteiro montava guarda. O guarda-livros e eu fomos dormir, pois o deveríamos render. No dia seguinte, á tarde, seria o enterramento e a cova seria feita pelo homicida.

* * *

ALTA madrugada, fomos acordados pelo disparo do rifle, corremos. O velho matteiro fôra apunhalado pela viuva, conseguindo, ainda, alvejál-a. Ella, de rastros, conseguira chegar aonde estava o assassino e procurava cortar as cordas que o prendiam. Chegámos a tempo de evitar a conclusão do trabalho, levando-a para rêde, pensando-lhe o ferimento. Sobrevieram febre e delirio. E surprehendemos o romance da sua vida no seringal, banalissimo; era, desde ha muito, amante do Zémaria; chamára por elle, para novas entrevistas, dizendo palavras de carinho e, quasi inintelligiveis, outras, diziam-nos de trama urdido. Morto o gerente, ambos fugiram com o dinheiro delle; o velho matteiro, porém, lembrando ficar de sentinella, fôra obstaculo á fuga. Deliberou eliminál-o. Tremêra ao desferir o golpe, dando tempo á desforra.

Lá fóra, soprava, fria, a aragem da noite. No capim, o cri-cri dos grillos emprestava ao coaxar dos sapos, no lago proximo, seu concurso musical, augmentado pelas dissonancias do canto da coruja e a melodia arabe do bacurão.

A lua espargia sobre o paradoxal socego da mattaria a riqueza prateada da sua prodigalidade luminosa. Emquanto o homicida tiritava de frio, a amante tambem o fazia pelo calor da febre.

O guarda-livros, impassivel, olhava-me, e eu, sereno, espiava a lua, parada, em frente á janella... Philosophavamos: "Si o velho matteiro não tivesse feito questão de ser o primeiro a montar guarda, qual de nós dois seria o cadaver já estendido junto ao do gerente?"

No horizonte, raios violetas cortaram o cinzento do firmamento e a passarada deu começo á symphonia maravilhosa da natureza que acorda. O gallo cocorocou. Uma nuvem vadia, como os pensares malignos, passou pela frente da lua, lançando a meia sombra no scenario tragico da sala, exactamente como o tempo lança o olvido das coisas a certas consciencias...

* * *

A' tarde, o criminoso cavou a sepultura para as duas victimas, auxiliando-nos o transporte da tipoia.

Dias depois, subia a "chatinha" da Companhia, a cujo commandante foram entregues os prisioneiros.

Ella enlouqueceu e elle foi condemnado á pena maxima.

* * *

Desci num "gaiola" particular para Manáos, prestando minhas contas. Com o "saldo" vim para cá, trazendo, sempre, na lembrando, o episodio daquella noite, onde na nossa tranquillidade reflectia o humano egoismo...

PAE JOÃO

NO cocoruto daquelle morro pellado está a palhoça de Pae João, conhecido em toda a redondeza, desde o Croatá até a ribeira do Cocó.

O negro velho é uma reliquia do passado. Sua idade é indecifravel, pois dizem que, ao rebentar a guerra do Lopes, o preto já era homem valido, a custo escapo do recrutamento. Pae João gosta de contar casos de seu tempo e quem por acaso passar deante de sua choupana, alumiada por uma candeia de carrapato, ha de ver o vulto do preto velho, que, sentado á soleira da porta, fuma o seu pito de barro.

A noite polvilhada de astros coruscantes encobre a solidão daquelles ermos. Grillos estridulam nas "levadas". Vagalumes intercadentes piscam sobre os brejaes de canna e capim. A ventania que esmorece leva á distancia, num éco perdido e apagado em tons longinquos, a cantiga africana:

"Sae, arué,
bamba queré,
Nhamunguzá
de pae guegué..."

Pae João chupa o seu pito: uma claridade avermelhada alumia o seu rosto encarquilhado, roido de annos e labutas, e uma baforada de fumo azul sobe no ar espantando os marcins da lagôa...

Pae João "magina" em seus dias passados. São idéas simples, vestigios perpetuados por impressões fortes de alegrias ou de dôr quasi, sempre muitas tristezas. Lembra-se de sua aldeia de Angola, onde elle vivêra feliz caçando e pescando, até o dia amaldiçoado em que fôra detido como um veado, e entregue a um negreiro feroz. Os dias atribulados, dentro do porão do navio, a sentir numa modorra de embriaguez o cheiro da maresia misturado com o da carniça humana... A epopéa de dôr, o martyrologio da raça africana e captiva, tudo Pae João sentiu muito moço, e, assim, habituou-se a soffrer a tal ponto, que

IDÉAS DE CREANÇA...

PEÇO desculpas áquelles e áquellas que velaram a minha infancia, mas não estou bem certo de ter nutrido sempre por elles os mais delicados sentimentos que me attribuiam. Não que os quizesse mal, mas com uma obstinação de que me não julgavam talvez capaz, esperei durante muito tempo, dos quatro aos oito annos, que elles voltassem a ficar pequenos.

Devo explicar, pois esse sentimento é algo complexo. Eu imaginava, não sei porque, que á medida que eu crescia, adquiria uma autoridade que se impunha aos outros. Mas ia ainda mais longe, nos meus sonhos; acreditava que meu pae, minha mãe, minha avó, seriam, dentro em pouco, meus filhos, e que eu poderia, finalmente, tratal-os com certa desenvoltura, como elles me tratavam, em summa.

Havia, evidentemente, nessa idéa, a esperança duma vingança.

Ninguem avalia a somma de odio que se accumula no espirito e no coração das crianças quando se commette contra ellas uma injustiça e como pensam no que farão mais tarde para se vingar! Não me parece hoje, porém, que eu estivesse somente tão carregado de amargor. Queria, por minha vez, experimentar a doçura de proteger e a felicidade de dar um prazer a alguem mais fraco que eu. Antecipadamente, gozava o orgulho dessa superioridade bemfazeja...

Naturalmente, ninguem, em torno de mim, desconfiava das illusões que eu alimentava, nem o enthusiasmo intimo com que me rejubilava em silencio. Construi um mundo, segundo os meus desejos; recommendei á minha mãe de vestir-me todos os dias a minha melhor roupa, e ella, tão minuscula, que eu podia suspendel-a nos braços, supplicava-me que lhe désse bombons de chocolate, que eu lhe offerecia, dizendo:

— Quando eu era pequeno, tu m'os recusavas.

Meu pae não era maior do que o gato da casa, e eu seguia por todos os compartimentos, quanto á minha avó era mais ou menos como uma boneca, e não podia fazer outra coisa com ella, senão botal-a na cama. Tudo isso, já se vê, em imaginação.

* * *

Um dia, julguei o momento azado para transformar esses encantadores brinquedos da minha fantasia, em realidade. Minha avó, que era muito velhinha e pequenina, serviu á primeira experiencia. Com franqueza, eu a via do tamanho de um dos polichinellos de panno, que havia ganho pelo Anno-Bom. Ella estava sentada numa poltrona, aproximei-me e disse:

— Minha avósinha, minha pobre avósinha, tão pequenina...

Lauro R. Andrade

hoje, na velhice, parece viver num paraiso. Ao desembarcar no porto da Bahia, uns homens o examinaram com interesse. Foi vendido e embarcou para o Norte. Vida de escravo, cheia de trabalhos, em que elle era um joguete nas mãos dos feitores. Produzia como uma besta de carga, e assim, sempre trabalhando nos engenhos ou nos cafesaes, elle foi envelhecendo até o dia em que veiu a lei da abolição...

Pae João, livre no mundo, e já sem forças para manejar a enxada, tornou-se rezador. Por isso é que hoje elle se sente feliz por fazer o bem em paga do mal que lhe fizeram.

Em sua camarinha existe um arsenal de plantas e raizes, cobras e lagartos, chifres de veado e dentes de jacaré, unhas de onça, e pelles de camaleão... Dentro de um chifre, pacotinhos contendo pós milagrosos, que curam mordeduras de cascavel, máu olhado, espinhela cahida, e, affrontação...

Dizem que o preto velho não dorme. A vigilia constante conserva-lhe no olhar um brilho estranho, que provoca terror ás crianças. Pae João vê no escuro, e, á noite, fica horas inteiras a contemplar o céo estrellado. Quando passa um boldo phosphorescente a riscar a treva nocturna, Pae João se benze e diz: "Deus te guie, zelação!"...

E, de madrugada, quando Venus scintilla com mais intenso fulgor a sua luz esverdeada, o feiticeiro bate a cinza do cachimbo e entra na choupana, afim de tomar o seu calixto de pinga...

Algumas vezes, elle se excede em sua libação e sáe á rua embriagado, a cantarolar. A garotada acompanha-o gritando: "Cavallo do cão, cavallo do cão!"...

Quando algum mais afoito lhe puxa o jaleco rasgado, Pae João olha a criança com um olhar fixo e vidrado, a dizer:

— Menino, respeita o nego véio, que já brincou com teu vovô...

E a surriada explode: "Cavallo do cão! cavallo do cão!"...

De René Bizet

A introducção não foi destituida de encanto para meu avô, que sorria á vista de tanta gentileza. Continuei:

— Minha pobre avósinha, tão delicada... Você não sabe o que é ser pequena! Ah! Como vae ser desgraçada! Pobre avósinha, pequenina, tão pequenina.

A excellente creatura não deixou de receiar pela minha lucidez:

— Que cantigas são essas?...

— Psiu! Não fale, você está doente, porque está diminuindo. Vou trazer-lhe uma tizana.

Dirigi-me gravemente para a cozinha, puz a cozinheira ás tontas, contando-lhe a moléstia da avósinha. Ella falou logo em ir buscar o doutor com urgencia. Que sei eu?

Quando meus paes chegaram tinham a physionomia consternada, precipitaram-se pelo quarto da avó a dentro, a qual nada comprehendia daquelles alarmes, mas de subito lembrou-se das minhas conversas e gritou apontando-me com o dedo:

— E' invenção desse pequeno imbecil!

— Que? diz mamãe.

— Sim, elle affirma que estou minguando.

Meu pae olhou-me severamente.

— Que significa isso?

E eu, delirante de innocencia e de poesia incomprehendidas, declarei com energia:

— E' verdade! E tu tambem ficarás, pequeno. E mamãe tambem...

— Quando?

— Quando eu fôr grande. E então...

— Então?

— Então, eu lhes darei tudo quanto vocês quizerem e os estimarei muito.

Essas palavras firmes, foram como que um balsamo no coração dos meus, que me não castigaram por aquellas extravagancias. Mas tiveram muito médo de ter que combater meus máos instinctos.

* * *

Não sabia, aliás, nessa idade feliz, que eu dizia mais verdade e pensava com mais razão que meus paes. A' medida que envelheci, vi, realmente, minguar minha avó, que não era mais que uma coisinha tropega e rachitica, quando morreu. Ella voltára a occupar, na nossa casa de familia, o quarto de mocinha e uma criada a velava, não tendo o direito de sahir do jardim sozinha, pois tinham receio de que ella fosse pisada. Amarravam-lhe ao pescoço um grande guardanapo quando ia para a mesa. Não estava louca, mas aos noventa e cinco annos já não se lembrava das alegrias de menina e só falava no rei Luiz Philippe, que ella havia visto na ponte Nova.

Pobre avó! Não era assim que eu a imaginava quando lhe queria pequenina. Mas, no emtanto, são os seus olhos bem azues que me fizeram acreditar e me fazem ainda crer que o céo e a fé só existem para o olhar da infancia e da velhice extrema.

Só ellas são dignas dos anjos.

— Presenteou-me com um lindo annel de noivado; o diamante, porém, tem um defeito.
— Não deverias reparar nisto. O amôr é cégo.
— Sim; mas não tanto assim...

DESPRENDIMENTO

Bemdito o seio que desteme a furia
dos odios e que a inveja desconhece;
que tem um riso para cada injuria
e, para toda a ingratidão, — a prece;

bemdito o seio que não tem lamuria
quando o inverno lhe queima o solo e a messe;
que foge das serpentes da luxuria
e os braços abre para quem padece;

bemdito o que ante o pranto se descobre;
bemdito o que ama as dores do cilicio
e, sacerdote da esperança nobre,

resiste e vence ás tentações do vicio
e que, além de viver humilde e pobre,
morre beijando o altar do sacrificio.

WENCESLAO BRANDÃO

FARRAPOS D

ELLES eram dois desilludidos do amor. Ambos tinham amado muito e, no emtanto, não tinham sido comprehendidos.

Ella gostára, com sinceridade, de alguem que só sabia mentir.

Elle, de uma creaturinha linda, mas sem alma. De uma creaturinha que, quando deixou cahir a sua máscara, lhe trouxe a desillusão.

Um dia, o acaso fez com que elles se encontrassem. Uma sympathia mutua os attrahiu. E em breve surgiu uma grande amizade entre elles.

Cada um contou a derrocada de seus sonhos. Cada um falou da desillusão que lhes roubára a ventura e entrára em suas vidas.

E sempre elle a procurava. Sempre ella o esperava. Nessa convivencia diaria, os dois costumavam falar daquelle passado perdido, daquelle pasado que jazia no chãos da decepção.

Em uma tarde azul, em uma tarde dourada, elle disse-lhe:

— Helena, queres casar commigo?

Ella, surpresa, respondeu-lhe:

— Casar-me comtigo, Mario?!

— Sim.

— Mas isso é impossivel. Quero-te muito, mas não sinto amor por ti. E's um grande amigo meu. Alguem que me comprehende. No emtanto, não posso casar comtigo, pois não te amo... e os casamentos sem amor sempre fracassam...

— Helena, insisto no meu pedido. Quero que cases commigo.

— Não te comprehendo, Mario. Surprehende-me o teu pedido. Não ignoras que eu ainda tenho no coração os ultimos farrapos de um sonho perdido. Sei que trazes em tua alma o nome da mulher que adoraste. Não nos podemos casar. O nosso casamento, mais tarde, será deplorado por nós dois.

Ella silenciou. Elle esteve por alguns momentos a scismar. Depois, com meiguice, falou-lhe:

— Helena, o mundo te poz em meu caminho. Encontrei-te quando, desesperado, assistia á ruina de uma affeição. Não sei explicar a razão, mas, desde que te vi, me senti immensamente attrahido por ti. A principio, pela sympathia. Mais tarde, a amizade surgiu, e eu te elegi a creatura mais querida de minha vida. Contei-te a minha tragedia sentimental. Contaste-me a tua. E a dôr da desillusão que nos feriu mais nos uniu. Somos dois sonhadores que a felicidade desprezou. A minha historia de amor é a tua historia. Ambos ambicionamos a ventura que o mundo nos negou. Ambos enfeitamos com a mascara da sinceridade creaturas que só sabiam fingir. Nossos destinos se parecem... tudo quanto soffreste, eu tambem soffri... A lição que a vida nos deu foi cruel... Pensei, então, que, si unissemos as nossas vidas, si firmassemos o alicerces de nosso lar sobre a ruina dos nossos sonhos, talvez que nesse lar um pouco de ventura surgisse para nós... Conhecemos o mundo. Fomos por elle cruelmente feridos. Tenho certeza de que juntos conseguiremos vencer as suas perfidias e encontraremos a ventura ambicionada.

VERSOS DE JUNHO

Na pallidez da nevoa lá perdida,
Eis-te minha cidade feiticeira,
Como te vejo anemica e sem vida,
Velando o fim da tarde rotineira...

Tristonha, tu que, trefega e vestida
De verde, só de verde, na fogueira
Dos dias de verão, entontecida,
Bailavas com o sol a tarde inteira!

Era a festa da luz! O salão cégo
De offuscação, sorria deslumbrado
De ver os dias no fulgido bailado!

Ouve em segredo... Eu penso que carrego
Dentro de mim, a mesma fria agrura
Dum crepusculo infindo de brancura...

FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

ASTUCIA FEMININA. — O marido. — Como é isto?! Levam-me o piano? Então, não te dei o dinheiro para que pagasses a ultima prestação?

Ella. — Sim; mas... cala-te; Pagarei quando já estiverem cá em baixo, pois não te lembras que combinamos collocál-o aqui na sala?

O DESTINO

— Crês mesmo, Mario, que a encontraremos?

— Por que não, si a amizade que nos une não é uma mentira?! Sim, nós teremos a felicidade!...

— E a saudade do passado, o bailado das recordações que estão sempre em nossos corações? Será que conseguiremos tudo olvidar?

— Sim, porque queremos viver e não soffrer. Esqueçamos o passado, Helena. E juntos enfrentemos o mundo.

Ella sorriu, com tristeza.

— Mario, a nossa amizade é grande; no emtanto não é amor. E um lar construido sem amor é tão cheio de bruma.... A mulher que amaste te mentiu. O homem que amei era sem alma. Alguns annos se passaram do romance que vivemos..., mas ficou... a saudade...

— Helena, esqueçamos o passado. A vida ainda nos proporcionará tanta coisa! A estrada se estende ante nós a prometter em cada curva uma surpresa. Façamos o possivel para tudo esquecer. Façamos o possivel para que esse futuro desconhecido, cheio de promettedores sorrisos, nos faça sentir o desejo de viver. Os nossos sonhos estão para sempre perdidos. Tombaram ao nada. Como homenagem postHuma, daremos a esses sonhos um altar. E quando uma saudade grande me ferir, carinhosamente, procurarás suavizar a minha dôr. Quando a saudade estiver em teu coração, procurarei tambem um lenitivo, farei tudo para que possas esquecer o teu soffrer. Um auxiliará o outro, afim de podermos percorrer sorridentes a estrada da vida. O nosso lar não será frio, como dizes. A grandeza de nossa amizade dará o calor necessario ao ninho que iremos construir. E... quem sabe, Helena?... si talvez algum dia esta amizade que nos une não se transformará em amor... Responde-me: queres casar commigo?

— Não, amigo, não me posso casar comtigo. A minha suprema ambição sempre foi ser "tudo" na vida de alguem. Não poderia supportar que algum dia, em um momento sentimental, o teu pensamento estivesse na outra. Não, não posso casar comtigo, porque, si tens a facilidade de esquecer, eu continúo a adorar aquellas illusões que, no altar da esperança, foram transformadas em farrapos do destino. Vae, amigo, segue o teu caminho. Segue sozinho a tua longa estrada. E... quem sabe si na primeira curva não encontrarás alguem que te possa fazer feliz?... Si encontrares esse alguem, escuta, amigo, não lhe contes a tua historia; deixa-a pensar, imaginar ser a tua unica historia de amor... Bem mereces ser feliz. Pela nobreza de teus sentimentos. Por tudo quanto de nobre existe em ti. Vae, amigo, vae, que a felicidade ainda encontrarás... emquanto eu, qual monja solitaria, carregarei resignada a cruz das minhas tristezas, a cruz do meu soffrer, porque sinto ventura em viver dentro da saudade daquelle sonho, daquelle amor que foi transformado em farrapos pelo destino!...

MUSSI

AS CREANÇAS E OS VELHOS

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 26

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1931

Sorrindo...

ESTÃO sendo espalhados pela cidade, a titulo de propaganda de uma salutar campanha de bôa vontade, vistosos cartazes verdes, contendo pequenos preceitos de optimismo.

Alguns, varios desses impressos, berrantemente trabalhados no feitiço colorido da esperança e da illusão, têm vindo parar á minha mesa de trabalho.

Acolho-os bem, a entreabrir a commissura dos labios num sorriso cheio de bôa vontade, se não ingenuamente sceptico. Sceptico, mas confortador, compassivo e bom.

E, nessa attitude sorridente, deante da vida que passa, a agitar os guizos da sua alegria, ficticia ou real, ou a enxugar, pressurosa, a lagrima indiscreta que disfarça uma onda de pranto, prestes a rebentar, apenas me limito a observar aquelle sabio conselho do duque de Choiseul a Yorick, em *A Sentimental Journey* de Sterne: "O homem que sabe sorrir nunca será um homem perigoso".

E eu sorrio, doce, suavemente, neste momento. E o meu sorriso bom, feito de resignação e tocado de immensa piedade por mim proprio, illuminando e aquecendo todo o meu pequeno "mundo interior", palpita-me nos labios em movimentos subtis, volitantes, de azas macias de passaros em remigios de carinho.

Que importa que o meu sorriso, na suave humildade da sua resignada alegria, algo reflicta da minha propria inquietação, e de vez em vez se recolha, timido e indeciso, ao borralho crepuscular das sombras da minha vida?

Oh, écoutez la chanson
[bien douce...

A canção do meu sorriso recolhido e timido, que sorri, agora, para dentro de mim. Uma canção côr de cinza.

... la chanson grise
Où l'Indécis au Précis se
[joint.

Uma attitude sorridente para a vida — a interior, e a que, lá fóra, rodopia e turbilhona — é sempre uma attitude victoriosa. E o homem que sabe rir ou sorrir — sentenciou Sterne, nas paginas admiraveis de "humour" de *Tristão Shandy* — "sempre augmenta de um fio a trama curtissima da vida".

Sobre a terra, cheia de ninhos pipilantes e de beijos fecundantes, o sol esplende numa festa de luz. As arvores, agitando as copas frondosas, de largas sombras amigas, parecem cochichar coisas de amor no mysterio da linguagem farfalhante da sua folhagem verde. Passaros, ligeiros, distendem, no espaço, pequenas azas palpitantes de caricia.

E eu sorrio, piedosa, evangelicamente, para a natureza, para as coisas, para os seres, para mim proprio...

Como Stuart Merrill,

Je ris á tous les cieux,
[Je ris á tous les êtres.

E recordo. E evoco. E a tua saudade — a resignada e carinhosa saudade em que me traz a tua ausencia, meu amor distante — tambem se enche de sorrisos para mim. De sorrisos que illuminam e confortam o coração da gente com a velludosa suavidade verde das miragens longinquas onde dançam e cantam as minhas e as tuas illusões, as tuas e as minhas esperanças.

La petite maison blanche
[au fond de la vallée...

Com que carinho, com que solicito desvelo eu desfolho os rosaes de sentimento do meu coração sobre a "casinha branca, lá, no fundo do valle", onde o meu sorriso enamorado te vae surprehender, a carrear, para ti,

Tout ce qui, des ruisseaux
[aux roseaux
Court, comme une chan-
[son sans paroles,
De fileuses aux légers
[fuseaux...

A felicidade... A humilde e resignada felicidade de saber sorrir, de se ter, sempre, uma attitude sorridente na alegria e na dôr... De saber suggerir, que não exprimir, num sorriso, tudo que se sente, tudo que nos emociona, e fixar, imprecisa e vagamente, os movimentos mais subtis e imperceptiveis de nossa alma e do nosso coração...

Que importa, tambem, a lagrima, esta lagrima, amiga e bôa, que me desce, agora, pelas faces?

Foi o meu sorriso que chorou, com saudade de ti... E o meu sorriso é tão creança ainda! Tão creança e tão piégas!...

Elcias Lopes

A TRISTE ALEGRIA

Como um fio de sol, loiro e frio,
num céo de inverno,
depois de tanto soffrimento,
renasce todo o velho encantamento
na minha alma convalescente.

Sorri em mim uma alegria... uma intima alegria...
uma alegria pequenina,
ainda sem seios: uma alegria menina,
adolentada e pallida,
ainda humida de lagrimas...
uma alegria que tem assim
a graça um pouco triste
de um jardim,
sob uma tarde serena,
depois da chuva...

1924

ABGAR RENAULT

M. ROBERTO

Balcão Florido

SE TU FOSSES MINHA...

— Se tu fosses minha... Se, minha, fosses, um dia, as vozes todas da terra seriam poucas para cantar a minha alegria. Essa estranha e admiravel alegria de me sentir teu escravo quando tu fosses minha, inteiramente minha. Quando, orgulhoso do proprio captiveiro, exaltasse todos os rythmos da minha felicidade, para glorificar o teu suave ou cruel dominio, minha Rainha!

Se tu fosses minha... Se, minha, fosses, um dia, a terra toda refloriria dentro de meu coração. E, em teu pequenino ser, inquieto e bizarro, se concentraria, meu amor, toda a volupia aromal dos rosaes mysteriosos que a tua belleza, que o teu encanto faria florescerem sobre a terra em festa.

Se tu fosses minha!... Se, minha, fosses, um dia, novos rythmos, profundos e mysteriosos, fariam palpitar a alma immensa das coisas. E, dentro dos ninhos fôfos e quentes, vibrariam, doce, suavemente, novas canções de amor...

Se tu fosses minha... Se minha fosses, um dia, as azas arfantes dos passaros cortariam o espaço infinito como grandes leques multicôres que se descerrassem para acariciar-te.

Se tu fosses minha... Se, minha, fosses, um dia, o meu amor por ti, minha Rainha, seria uma expressão emocional do infinito fixada no meu coração de homem...

Se tu fosses minha... Se, minha, fosses, um dia, o immenso coração do Infinito — que é o coração mesmo de Deus, minha Rainha — tanto se encheria de enternecimento que desfolharia sobre as nossas almas confundidas os rosaes mysticos e azues do céo. Porque, minha Rainha, o meu amor por ti é todo feito de infinito e de céo...

Com esse mesmo sorriso encantador, e essa belleza moça e digna das bonecas de Domergue, mlle. Elza Roussouliéres deixou que lhe cingissem a fronte com uma corôa difficil de conquistar: corôa de Rainha das praias fluminenses. Dizemos difficil, porque, entre tantas creaturas lindas, é uma tarefa penosa eleger a que mais encantos reuna. A coroação da senhorita Elza se realizou num baile sumptuoso, que lhe offereceram os nossos collegas do «Beira-Mar» e Praia das Flechas Club, no dia 13 do corrente.

AS VOZES SILENCIOSAS DO PASSADO...

Le voici revenir vers toi, ce soir passé,
Treymblant sous un manteau de froid.

Hontem, ainda hontem, quiz o destino que nos encontrassemos mais uma vez. E, mais uma vez, meus olhos verdes, de novo illuminados pela miragem longinqua de uma felicidade para sempre perdida, buscaram descansar na noite sombria dos teus.

E a noite sombria de teus olhos negros encheu-se de estrellas. De estrellas que pareciam sorrisos de felicidade, tamanha a força da illusão com que ellas reviviam o nosso lindo sonho de outrora — um pobre sonho de amor que "passou pela terra sem nunca ter vivido"...

Les tristes frissons du passé... A minha e a tua alma — toda a alma que fez a alegria e a illusão e a esperança do nosso passado, meu amor, ella toda, num *frisson* de saudade e de angustia, palpitava na retina inquieta e desolada dos teus olhos negros, dos meus olhos verdes...

O nosso silencio era um silencio cheio de vozes mysteriosas. As vozes profundas e mysteriosas do coração que, quanto mais caladas, quanto mais recolhidas e quietas, mais dizem, mais clamam, mais ecôam...

E foi assim que aquelle passado longinquo, cheio de estrellas que doiravam de sorrisos illuminados a acariciada miragem do nosso sonho de felicidade — sonho que apenas viveu na exaltação momentanea de um beijo — veiu hontem, ainda hontem, para ti e para mim, meu amor, mas tão frio, tão frio e tão triste...

Tremblant sous un manteau de froid...

HELIANTHO.

SANTO ANTONIO

Os corações brasileiros exaltaram, ainda ha pouco, no sacrario interior da sua fé, o nome glorioso do santo dos seus lares, daquelle para quem, ainda nos primordios da nossa civilização, já os nossos avoengos elevavam as suas preces mais fervorosas.

Santo Antonio foi a espiritualização mais nobre e mais perfeita da gente portugueza, que sempre o cultuou, com devotado carinho, na sua patria e na grande e desconhecida terra a cujas plagas aportariam, um dia, as naus e caravelas e bergantins da Lusitania, a lhe trazerem, com o baptismo da civilização, tambem o da fé, pela evangelização da selva immensa e barbara.

Nume tutelar da nova patria em formação, o thaumaturgo de Lisboa, cultuado devotamente nos templos do Brasil-colonia, tanto se fez familiar ás expansões da nossa religiosidade que, bem cedo, tinha um altar em cada coração brasileiro.

No fundo sombrio das senzalas, como nos ricos ou modestos santuarios de cada lar, ou, mesmo, em plena selva, seu nome era invocado a todo momento, sempre que uma dor gritava mais forte, ou um soffrimento precisava de lenitivo, ou uma esperança, um desejo, um emprehendimento precisava ser realizado.

No espirito das nossas tradições de religiosidade nenhum santo terá mais influido para animar e robustecer a nossa fé do que o venerado santo portuguez.

Santo Antonio...

Pateo, vasto e limpo, de uma fazenda da minha terra distante. Crepitante, a espalhar fagulhas, arde a fogueira votiva. Balões multicôres sobem aos céos, acompanhados pelo festivo carinho de muitos olhos. Foguetes e bombas estrugem de vez em quando, em meio ao alarido das creanças em alvoroço. Grandes "pistolas" de côres, de varios "tiros", esplendem, illuminadas, a sua magnificencia pyrothechnica, emquanto busca-pés vagabundos enchem de susto a assistencia feliz e risonha...

Prima Andréa, de laçarote na cabeça, sem rouge e sem bistre, a sorrir graciosamente, com um sorriso encantador que lhe abre duas covinhas nas faces, convida-me para "passar" a fogueira.

— Como primos, somente? — pergunto-lhe, emquanto, furtivamente lhe aperto as mãosinhas morenas.

E, rubra, cheia de pudor, um lindo pudor que ria nos seus olhos lindos, é que ella me diz baixinho:

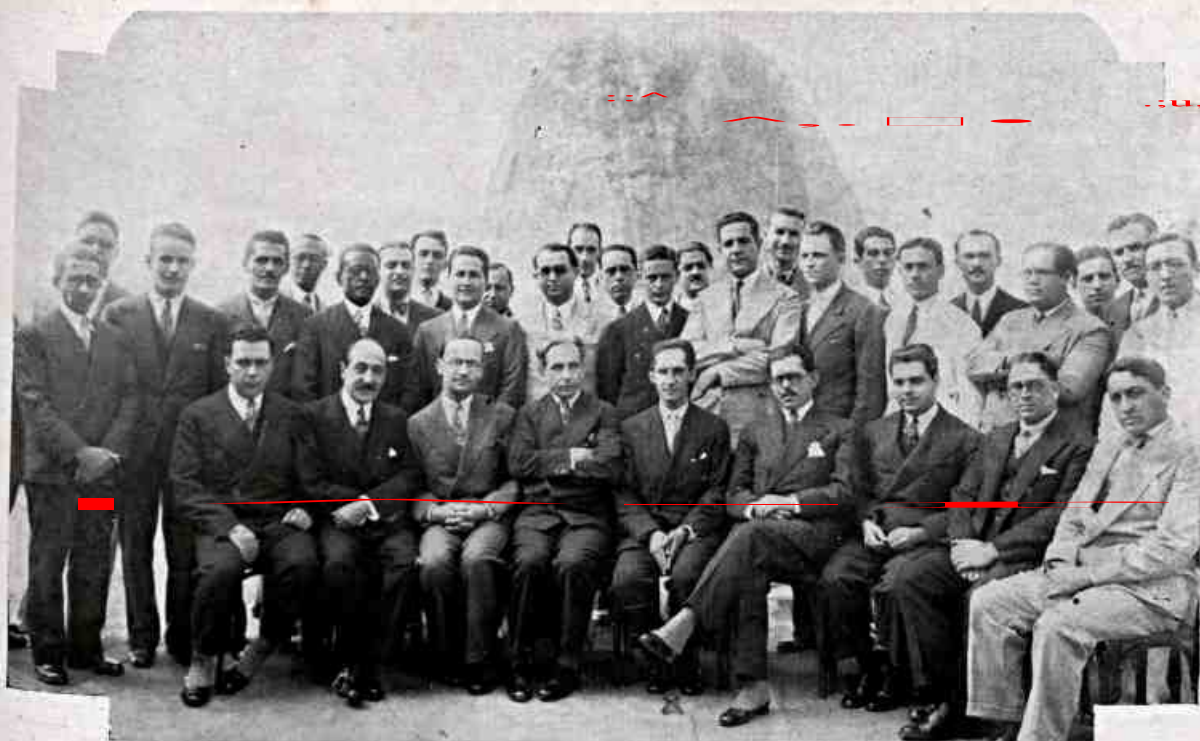
— Não. Como noivos. Mas, tenha cuidado. Ao "passarmos" a fogueira, fale sempre baixinho...

E fizemo-nos noivos junto á fogueira crepitante, que ardia em louvor de Santo Antonio — o bom e querido casamenteiro, que, no emtanto, nunca nos casou, a mim e á enamorada priminha, senão de "brincadeira", naquella noite distante...

E fez mal. Mas, ainda assim, não nos revoltámos contra elle, nem eu nem a minha "noivinha" de uma noite de Santo Antonio, e que nos vamos arranjando pela vida conforme Deus o entendeu...

E louvado seja, agora e sempre, Santo Antonio de Lisbôa...

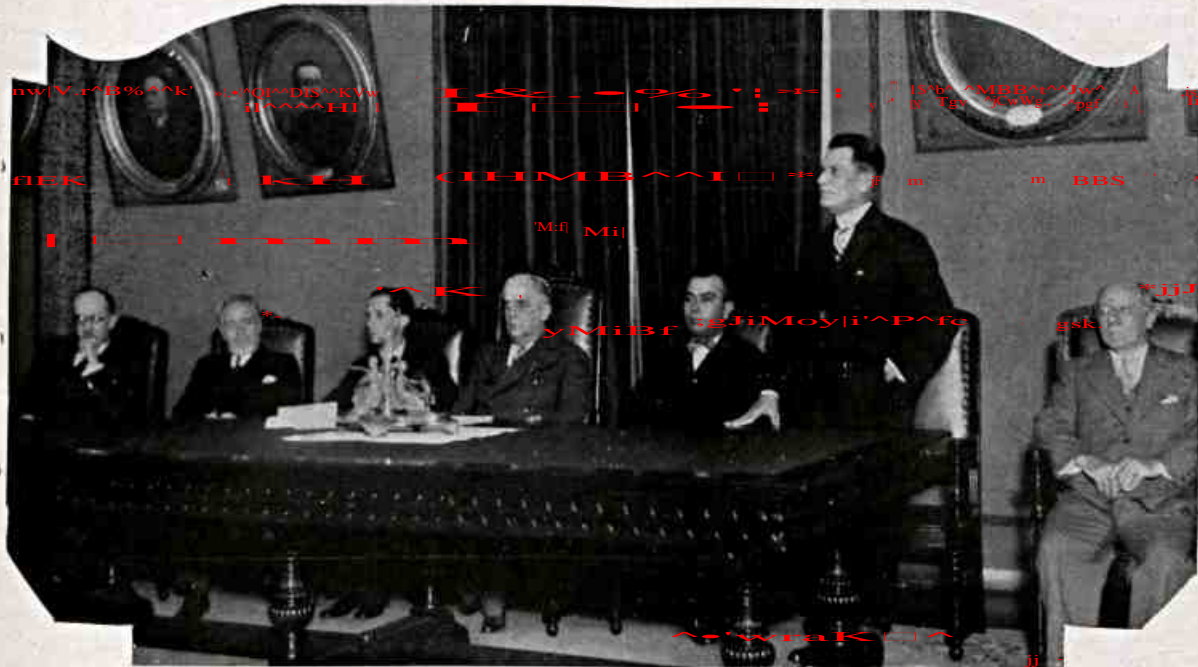
MAX LINDER

Théo-Filho é um desses nomes que prescindem de apresentação. Basta dizer: «Appareceu mais um romance do Théo». Sim, porque Théo-Filho é um dos espiritos novos do Brasil que mais direito têm aos adjectivos com que se destacam os nomes dos nossos intellectuaes. Sobretudo, é preciso accentuar que o impressionista e psychologo de «Do vagão leito á prisão», e tantos outros livros de vulto, é um romancista completo, a quem não falta nenhuma qualidade para se collocar ao lado das grandes firmas. Théo-Filho dá-nos, agora, um genero novo: as «Impressões transatlanticas», livro de chronicas, onde a observação e o estylo do autor sobresaem com um relevo encantador.

O dr. Ruy Mauricio de Lima e Silva, novo director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, foi homenageado, no ultimo domingo, pelos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço, na Urca. No presente grupo, tomado por occasião desse agape, que foi presidido pelo ministro da Educação e pelo interventor do Districto Federal, apparece o homenageado entre os drs. Francisco de Campos e Adolpho Bergamini e demais convivas, entre os quaes se vê o dr. Mario de Britto, professor cathedratico daquelle estabelecimento.

FILIGRANAS

A experiência dos homens é um drama doloroso que se passa no silencio profundo das almas bem formadas.

Ao contrario daquelles heróes de Júlio Verne que, perdidos numa ilha desconhecida e mysteriosa, dia a dia iam nella, com encanto e mesmo deslumbramento, descobrindo novas maravilhas da natureza e applicando com alegria as forças do seu engenho, o homem de bem, fundamentalmente honesto, vae passo a passo na vida, com desencanto e acabrunhamento, verificando todas as fórmas e manifestações da vasta e, ao mesmo tempo, mesquinha maldade humana, adquirindo, com funda tristeza, uma experiencia desalentadora.

Tragédia silenciosa e feroz encerrada nas profundezas da alma!

A Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, de cujo corpo docente era figura eminente o professor dr. Vicente Licinio Cardoso, prestou, quinta-feira penultima, tocante homenagem de saudade á memoria daquelle illustre educador tragicamente desapparecido. No salão de conferencias da Escola, realizou-se, na noite daquelle dia, uma sessão solenne, sob a presidencia do reitor da Universidade do Rio de Janeiro, prof. Fernando de Magalhães, que ficou ladeado, á mesa, pelos representantes do mundo official e membros de destaque no magisterio superior.

FAIANÇAS

CARTA EXTRAVIADA

ENCONTREI, por acaso, sobre a minha banca de trabalho, uma carta num papel de linho cyclamen, dirigida a um lindo nome de mulher. Não revelarei o nome dessa mulher, mas divulgarei o texto da missiva, porque, não sendo ella para uma pessôa das minhas relações, póde ser e n d e r e ç a d a ás Evas desconhecidas. Diz ella:

"C. — Esta carta é o resultado de uma laceração: saiu da minha alma.

Imagina que este papel fizesse parte do meu intimo. Que estivesse nelle integrado... Uma p a g i n a cyclamen? Sim. Eu tive o nobre heroismo de arrancal-a de dentro da minha alma: — é o resultado de uma laceração corajosa. Ajoelha-te. E' de joelhos que tu deves lêr estas palavras de dôr. Essa dôr que é "la vraie parure de notre ame". Percebes?

Talvez haja nessa confissão dolorosa uma evidente prova de fraqueza. Mas não! Não ha fraqueza. Ha dôr. Ha desespero. Ha decepção. Ha essa desillusão que é o caminho mais curto, embora o mais pedregoso, para a renuncia final.

E si não chóro, neste momento quasi augusto, é porque, plagiando a famosa Mme. Warens — a grande a m o r o s a do seculo XVIII — "je fais les choses avec une indifférence qui me surprend quelquefois". Mas, no intimo...

Occorre-me, a proposito, recordar aquelle breve dialogo que, certa manhã, se travou entre nós.

Vendo o meu *carnet* de notas, tu disseste:

— E' facil esquecer uma mulher que se amou. Basta riscal-a da memoria — como quem a risca de um caderno.

Observei:

— Risca-se-lhe o nome da memoria, como se póde riscar o caderno. Mas, infelizmente, nós sabemos que, por baixo dos riscos, está o nome adorado.

Replicaste, sorrindo:

— Arranca-se a folha do l i v r i n h o de notas...

— Sim — tornei eu — mas nem sempre se tem coragem de fazer o mesmo com a cabeça...

*

Hoje eu te venho dizer que, apesar do conceito de Mme. Warens, apesar da indifferença com que renuncio a tudo que constituiu o nosso sonho de "tendre camaraderie", soffro como quem se aparta de alguem, em cujas mãos deixou metade da sua alma.

Ah, sim... Metade da minha alma angustiada fica palpitando em tuas mãos, — essas pequenas mãos de boneca, o n d e rutila uma pedra vermelha, como uma gotta do meu sangue amoroso, no aro de ouro do teu annel de "jeune fille". Não te risquei do *carnet* das minhas conquistas perdidas; tambem não te arranquei da memoria, porque tu não e s t a v a s apenas dentro della. Para esquecer-te, cheguei a um paradoxo irrisorio: — deixei metade da minha alma nas tuas mãos de pequenino jaguar... De uma laceração p o d e s fazer uma laceração maior. Adeus. — Teu X."

*

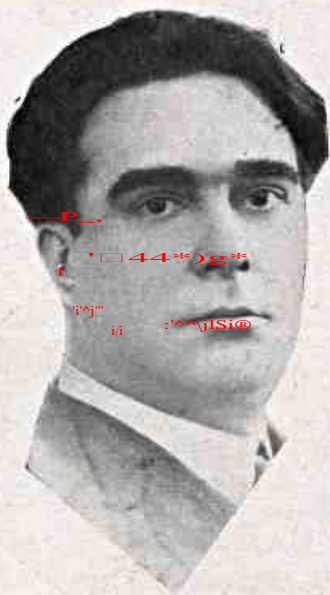
Não é de certo a carta de um homem do seu seculo; mas é o depoimento de um pobre sêr que muito amou e soffreu.

YVES

Senhorita Maria Ninno, ornamento da alta sociedade de Catanduva, e que, após brilhante curso, acaba de se diplomar pelo Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo.

Decorreu com o maior brilho e enthusiasmo, sabbado ultimo, a festa que se realizou nos luxuosos salões do Atlântico Club, para a coroação da senhorita Léa Smith Vasconcellos, eleita rainha das praias cariocas. A senhorita Léa foi saudada pelo fino poeta Harold Daltro, em nome do «Beira-Mar», que organizou o concurso, havendo, em seguida, uma hora literaria, e, depois desta, um animado baile. São flagrantes dessa noite linda que o nosso cliché reproduz.

Na vespera da installação dos trabalhos do Segundo Congresso Internacional Feminista, as illustres damas que formam a commissão promotora desse certamen, acompanhadas de numerosas delegadas nacionaes e estrangeiras, estiveram no palacio do Cattete, em visita ao chefe do governo provisorio, que as recebeu no salão de despachos. Após a audiencia, o dr. Getulio Vargas «posou» em companhia das visitantes, que na gravura apparecem ladeando sua ex. Destacam-se no grupo, com seus uniformes caracteristicos, a commandante e inspectora da policia feminina de Londres, respectivamente, sras. Mary Allen e Hellen Tagart, que representam a Inglaterra no Congresso Feminista desta capital.

Manhã sombria...

Quando partiste, era manhã sombria...
Somnolento, entre as nuvens, bocejava
O Sol. Mas em minha alma, eterna escrava
da tua, andava uma intima harmonia,
que á harmonia das coisas se casava...

Partiste, sim, numa manhã sombria...
Teu coração desabrochara em flôr,
e o meu desabrochara em harmonia
e, ambos, no instante do nascer do dia,
cantavam hymnos, fulgidos de amôr...

Partiste, após, — (Era manhã sombria...)
para a viagem sem fim da Eternidade!
Mas que harmonia tragica, esse dia!
— harmonia de magoas, harmonia
dolorosa da Angustia e da Saudade...

E nessa funeral manhã sombria...
nem ficaram teus olhos a chorar!
Ficou-me na alma, apenas, a harmonia
do adeus eterno que nos extasia,
para a intima tortura de sonhar...

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

O poeta Solfieri de Albuquerque, que brevemente publicará seu livro «Veneno...», ao qual pertencem estes versos.

Em sessão solenne que se realizou sabbado á noite, no salão nobre do Automovel Club do Brasil, installou-se o Segundo Congresso Internacional Feminista, que se realiza nesta capital, sob os auspicios da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, e com um vasto programma de cerimonias destinadas a promover o congraçamento das mulheres dos varios paizes representados no importante certamen. Presidiu aos trabalhos da solennidade inaugural do Congresso Feminista a sra. Bertha Lutz, directora da commissão organizadora do certamen, e que estava ladeada, á mesa, pela esposa do chefe do governo provisorio, sr. Getulio Vargas.

TRAIÇÕES

O esculapio está pelos cabellos com a birra da esposa.

O castigo vae se tornando prolongado e nem ha esperança do desejado perdão...

Mas, quem mandou sahir fóra dos trilhos, inscrevendo-se no ról dos conquistadores de viuvinhas alegres?...

Tudo corria muito bem, e até os telephonemas á hora certa constituiam uma das suas grandes alegrias, quando a viuvinha não podia apparecer no consultorio.

Entretanto, quando se tem de memoria o numero de um telephone, por que trazel-o apontado em caderninhos de bolso?

Leviandade, pura leviandade de criança, ou inexperiencia que vae custando muito caro ao sympathico esculapio.

A esposa, que nunca teve o *feio habito* de remexer os bolsos do marido, *scismou* o outro dia de revistal-os.

Implicou com os numeros que viu no caderninho de notas e chamou o marido ás falas.

Elle, afobado pela surpresa da pergunta, foi explicando como podia os numeros dos telephones. Um era da Saúde Publica, outro de um hospital, outros de collegas...

Madame não achou a explicação muito clara, e quiz tirar a prova.

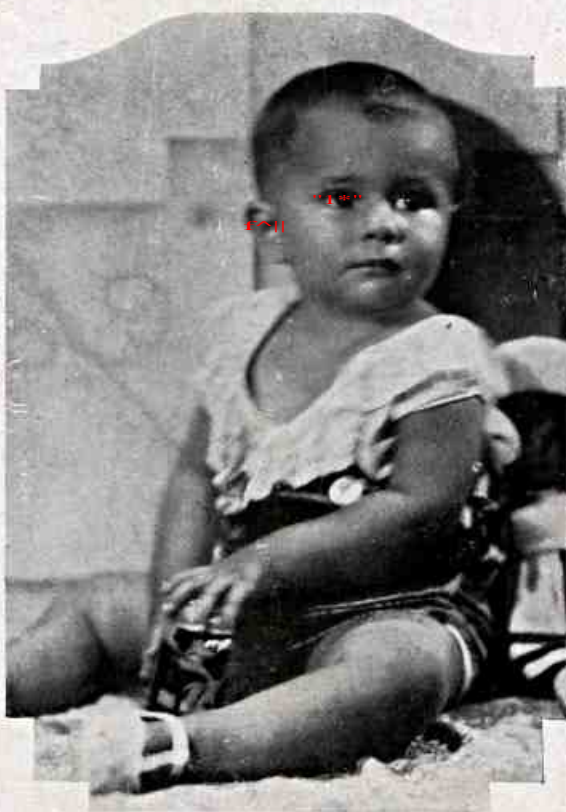
Havia no caderninho uns algarismos traçados sob a impressão dos nervos...

— Que telephone é este?

O marido respondeu, sem pestanejar:

— O da residencia de um collega.

Madame apanhou o phone e pediu ligação...

Uma voz feminina respondeu do outro lado, informando que lá não residia nenhum medico. Havia engano de numero, certamente... Não, estava certo o numero, insistiu a esposa, já agora allucinada de ciumes.

Mauricio, filhinho do prof. dr. Leonel Gonzaga e de sua exma. esposa, d. Inah Barbosa Gonzaga. Com seu olhar vivo e sua attitude energica, mostra que não tem medo de caretas nem... da machina photographica...

Dois lindos garotos. Vivos, intelligentes, sabem ler e escrever e jogam football... São elles Carlos Fernando e Oromar Terra, filhos do dr. Sylvio Terra, nosso collega de imprensa e alto funccionario da Policia Civil, e de sua exma. senhora.

A outra, porém, do lado opposto, innocentemente, deu detalhes: que lá residia uma senhora, viuva, e creados...

O resto é facil adivinhar...

O sympathico medico ficou submettido a uma penitencia cruel, que já dura demasiado.

Está pagando caro a leviandade de ter escripto, no seu caderninho de bolso, algarismos desenhados sob a impressão dos nervos, segundo o senso altamente psychologico da esposa.

Forte azar!

A menina loira, á hora de maior movimento da cidade, apparece ali junto ao estabelecimento de meias, onde a espera um rapaz de bôas roupas e regularmente descarado.

O encontro é sempre festivo... só faltando a caricia dos beijos para se tornar realmente moderno.

Uma vez juntos, a palestra prolonga-se até que ella verifica ser necessario regressar á casa paterna.

O rapaz, entretanto, prende a pequena o mais que póde, segurando-a pelas mãos.

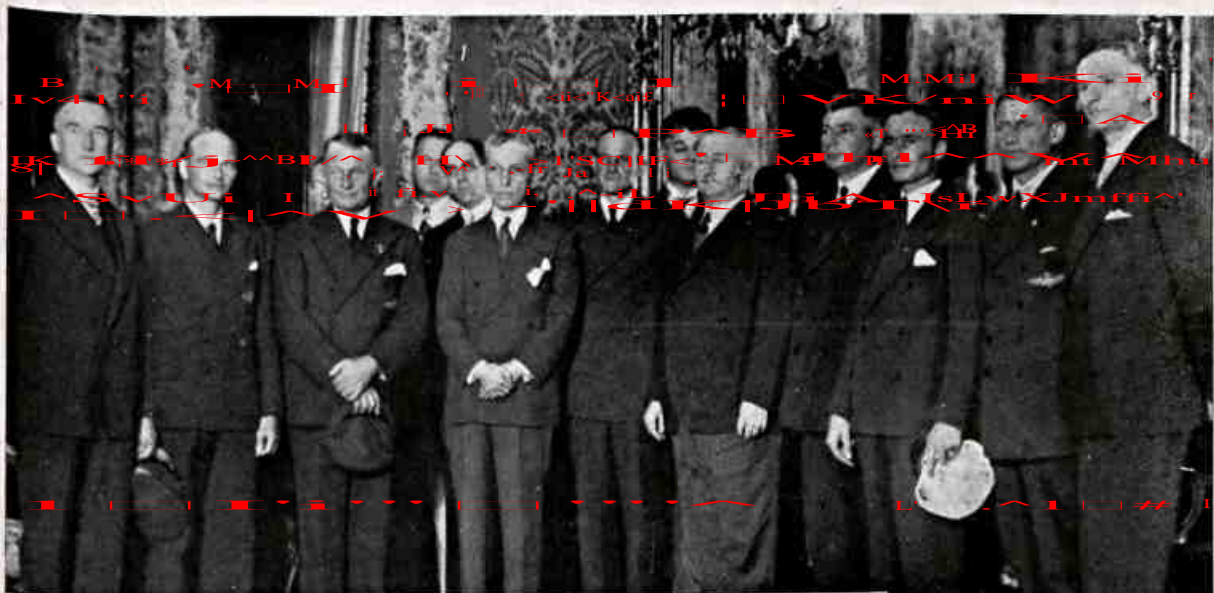
E tome massagens, em plena via publica, para escandalo dos transeuntes despreoccupados.

Esse brinquedo se repete com regularidade, quasi todas as tardes, sem que os personagens sejam interrompidos nem mesmo pela policia de costumes, que dizem existir na cidade.

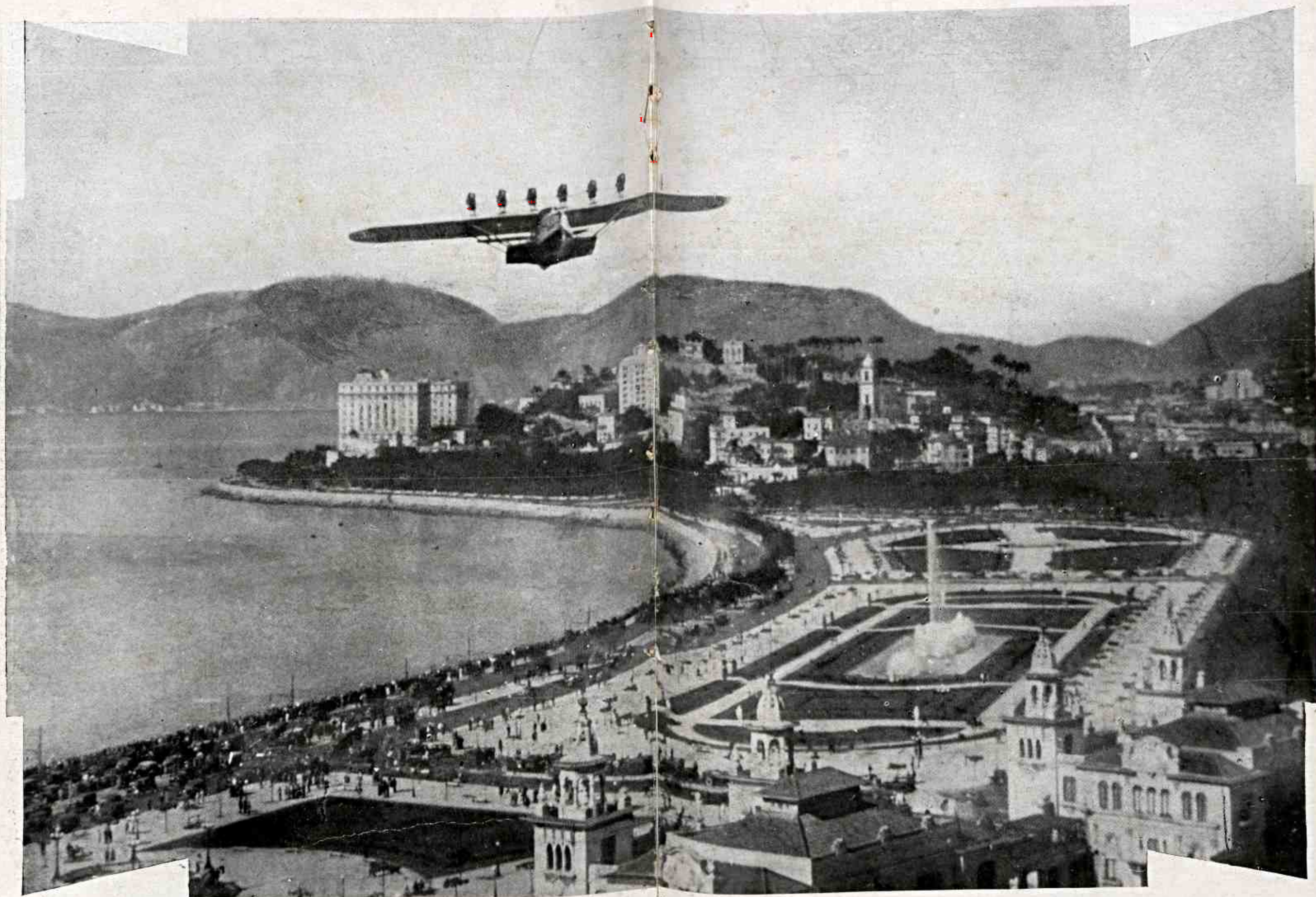
Nós admiramos a paciencia do rapaz e não sabemos por que a pequena deixa de attender aos rogos delle, salvo si pede coisa impossivel...

Porém, si as massagens continuarem, qualquer dia bancamos o *interventor* em nome da Moral ou coisa equivalente...

A menina loira e mais o rapaz descarado podem indagar o que temos com o caso, não é verdade?...

Nós desde já respondemos aos dois: é inveja...

Tres detalhes da recepção do commandante Christiansen e officialidade do grande hydro-avião «DO-X», sabbado ultimo, nesta capital. No alto, o commandante do navio aereo no palacio do Itamaraty, quando, momentos após o desembarque nesta capital, visitava, em companhia do ministro allemão, sr. Hubert Knipping, o chanceller brasileiro, dr. Afranio de Mello Franco. Ao centro e em baixo, ao lado do interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini; do almirante Gago Coutinho, que viajou no «DO-X» de Portugal para esta capital, e de outras pessoas gradas.

"VOCÊ ME CONHECE?"

Depois de "Do que ellas gostam", depois de "A cidade do amor", Mario Poppe, nosso querido companheiro, está alcançando grande exito com o seu novo livro "Você me conhecer?"

Numa arrancada que tem algo de ciclopica, e a intrepidez de verdadeiros titans, escalando os céos altos de outras patrias, o «DO-X», como um symbolo glorioso da grandeza e do genio allemães, veiu pousar nas aguas da Guanabara, onde se encontra desde sabbado ultimo. Gigantesco, formidavel, o seu perfil cinzento nos suggere um albatroz indomavel, que se aninhasse, crestado pelo sol dourado dos tropicos, entre montanhas magestosas, ao embalo das aguas brasileiras. O «DO-X» é, porém, e antes de tudo, um mensageiro da paz, da cordialidade e da sympathia, que vinculam, cada vez mais, num élo indissoluvel, a Allemanha e o Brasil. O nosso povo, que assim comprehendeu e sentiu, não escondeu o seu enthusiasmo e o seu jubilo immenso, ovacionando, de todos os modos expressivos, a grande nação amiga, na pessôa do commandante do grande transaereo e da sua tripulação. Na gravura desta pagina se distingue a silhueta do maior avião do mundo, evoluindo sobre a nossa magestosa cidade.

Jardim Aberto

D. JAYME

O accordo orthographico

O dr. Jayme Carneiro Leão de Vasconcellos, figura de accentuado relevo e prestigio nos altos circulos da nossa cultura e na sociedade carioca, tomou, ainda ha pouco, a louvavel iniciativa de promover a abertura de uma subscripção publica, afim de, com o producto da mesma, ser perpetuada no bronze a effigie de Pedro Moacyr — o grande e saudoso tribuno patricio, que Ruy Barbosa, um dia, em memoravel discurso, disse ser «a maior affirmação parlamentar que lhe fôra dado conhecer no Brasil». A iniciativa do illustre dr. Jayme de Vasconcellos, nessa justa e patriotica homenagem posthuma a Pedro Moacyr, foi acolhida com geraes applausos. E a subscripção, aberta com essa nobre finalidade, está a receber a assignatura e a contribuição de todos os amigos e admiradores do grande parlamentar gaúcho, no Banco da Provincia do Rio Grande do Sul. O gesto do dr. Jayme de Vasconcellos, espirito de élite e notavel advogado no fôro desta capital, é digno do applauso e do apoio de todos os brasileiros.

É urgente necessidade pôr ordem no chaos graphico que torna difficil e, ás vezes, mesmo incomprehensivel a lingua portugueza. Os pruridos etymologicos conduziram-na a uma anarchia tão grande, que cada grammatico se julga com o direito da imposição de seus cânones á escripta, que tem sido, desde os clássicos, um acervo de contradicções, exaggeros e impropriedades. De maneira que a graphia vulgarmente denominada usual é uma verdadeira selva selvaggia.

Todos os idiomas têm sido a pouco e pouco simplificados na sua maneira de escrever. Basta compararmos um trecho das primeiras edições de Shakespeare com uma pagina de Wilde para sentir quanto se modificou a orthographia ingleza, uma das mais conservadoras et pour cause. E na propria Inglaterra actual, como nos Estados Unidos, nestes ainda mais, se delinêa forte reacção para simplifical-a. Si compararmos o velho allemão escripto com o allemão moderno, veremos differença ainda maior. Do francez, nem se fala. Anatole France em Les contes de Jacques Tournebroche, a historieta D'une horrible peinture, reconstituindo o francez de antanho, que demonstra a mesma simplificação de modo completo, si o confronto dum capitulo de Rabelais ou Montaigne com um de Ville Hardouin ou Commines, no passado, com um de Daudet ou Regnier, no presente, não bastasse. A simplificação italiana é das mais completas e a hespanhola attingiu ao mais alto ponto.

A lingua portugueza, sem duvida, pertence hoje mais ao Brasil do que a Portugal. Quantitativamente e até qualitativamente, a antiga colonia se sobrepõe já á velha metropole. Alem disso, o affluxo de outros sangues, a alluvião de termos novos creados por uma vida nova, mil outras circumstancias de toda a especie modificaram profundamente o portuguez que falamos e que prevalecerá. Dahi a primeira reforma orthographica feita pela Academia Brasileira, que foi combatida entre nós e posta de lado, mas que, indubitavelmente, serviu de base á reforma lusitana logo officializada do outro lado do Atlantico.

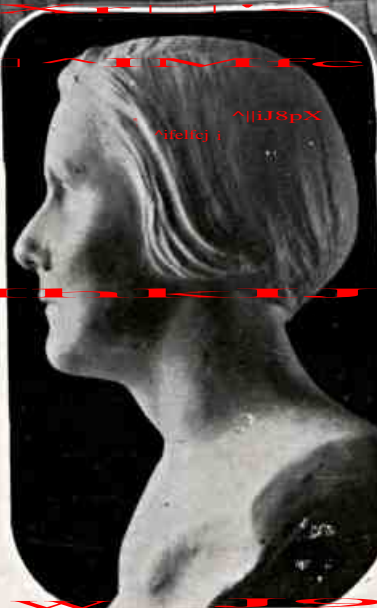
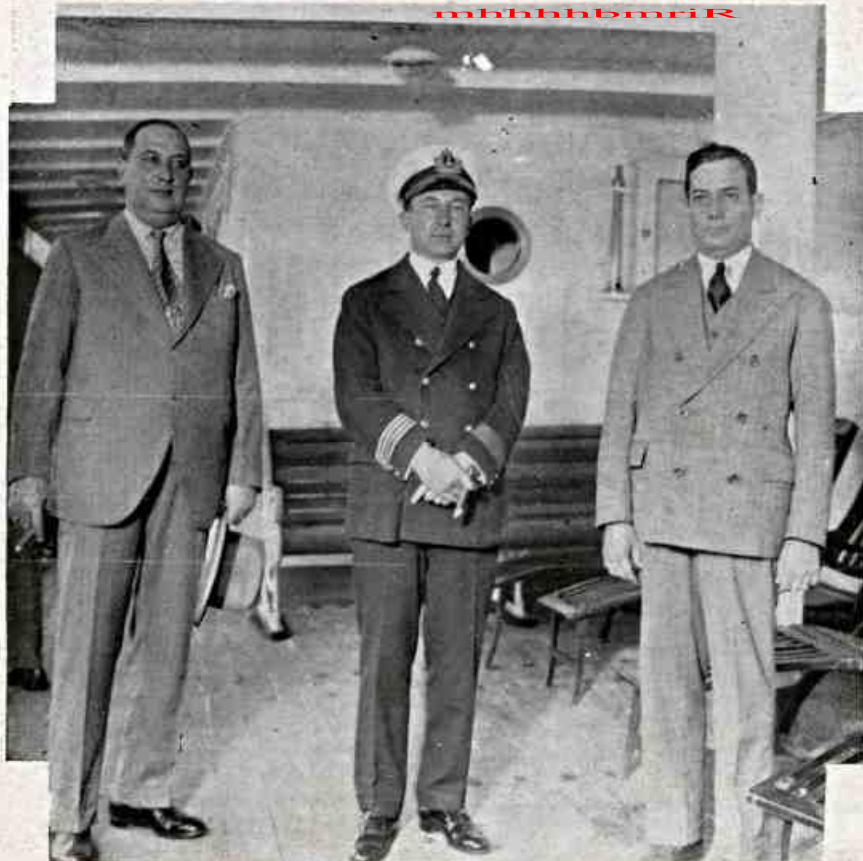
Passados tempos, a Academia Brasileira propoz nova reforma, louvando-se na antiga. Apresentou-se, moldado sobre ella, um projecto ao Congresso. A revolução de outubro interrompeu, porém, a marcha do trabalho de officialização e mesmo contra ella, de publico, se insurgiram os grammaticos, demonstrando marcada preferencia pelo systema luso. E foi desses acontecimentos que decorreu o accordo entre a Academia de Letras e a de Sciencias de Lisboa, pelo qual a maioria dos pontos de vista da primeira se enxertam na constituição orthographica da segunda, formando uma orthographia racional e simplificada, de base scientifica, que não é portugueza nem brasileira, mas concilia os interesses e modos de pronunciar e escrever dos dois paizes irmãos, resolvendo de vez um problema secular e trazendo uma grande utilidade pratica para ambos os povos.

Essa é que é a questão, na sua verdade verdadeira, deturpada por protestos apaixonados e pela critica apressada de alguns jornaes.

O poeta Alfredo Cumplido de Santanna, que ainda ha pouco publicou «Festa dos Astros», livro que alcançou brilhante successo em nosso meio, foi recebido, sabbado ultimo, na Academia Carioca de Letras, indo occupar, naquelle cenaculo, a cadeira patrocinada pelo grande nome de Cruz e Souza. O novo academico foi saudado, em vibrante discurso, pelo escriptor Carlos Rubens.

O dr. Pereira da Silva, prestigiosa figura da nossa classe medica e scientista de brilhantes qualidades, acaba de seguir, em viagem de estudo, para a Europa, onde ficará alguns mezes, devendo estar de regresso ao Brasil ainda este anno.

NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

Photographias tomadas na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, por occasião da ceremonia do encerramento do Terceiro Salão dos Artistas Brasileiros, alli realizado por iniciativa daquella sociedade que congrega os mais illustres nomes da arte nacional. Em cima: grupo de directores da A. A. B. e expositores prestando expressiva homenagem ao professor Henrique Bernardelli, deante da esculptura «Santo Estevão», ultimo trabalho do grande e saudoso mestre Rodolpho Bernardelli. Ao centro: o quadro do pintor Jordão de Oliveira, que conquistou o premio «Costeira», instituido por essa companhia de navegação, cujo director-presidente, dr. Oswaldo Jacyntho, alli apparece em companhia do architecto Nestor de Figueiredo, do poeta Olegario Marianno e do pintor Celso Kelly, directores da Associação dos Artistas Brasileiros; do esculptor Humberto Cozzo e do pintor Manoel Faria. Em baixo: busto da «leader» feminista d. Bertha Lutz, trabalho da joven e já consagrada esculptora senhorita Carlota Nascimento, alumna do professor Rodolpho Bernardelli, e que o expoz no Terceiro Salão dos Artistas Brasileiros.

O commandante Euclydes de Almeida Basilio ladeado pelo commandante Hercilio Faria e pelo sr. Carlos Solér, inspectores do Lloyd.

O NOVO "COMMANDANTE ALCIDIO»

O vapor "Commandante Alcidio", do Lloyd Brasileiro, que acaba de sahir das officinas da ilha de Mocanguê completamente remodelado, apresentando aspecto novo e offerecendo melhor conforto aos seus passageiros, recebeu, no ultimo sabbado, a visita de um grupo de jornalistas, que, a convite do commandante Euclydes de Almeida Basilio, foram tomar uma taça de chá a bordo daquella unidade da nossa marinha mercante.

De accôrdo com a directoria do Lloyd, quiz assim o commandante do "Commandante Alcidio" proporcionar á imprensa carioca uma opportunidade para verificar, numa hora alegre, os melhoramentos por que passou o seu navio, que é, hoje, um dos mais luxuosos e confortáveis da grande companhia de navegação. Tanto interna como externamente, o "Commandante Alcidio" está outro. Seus camarotes, seus salões, seu jardim de inverno — tudo agrada naquelle paquete. A reforma foi completa e toda ella já executada na actual administração do Lloyd Brasileiro, onde avulta a capacidade realizadora do sr. Mario de Almeida, cujos serviços á empresa que dirige são de molde a recommendál-o aos louvores geraes.

Foi isso, aliás, o que, em discurso de saudação aos jornalistas presentes, ao offerecer-lhes o chá, salientou o commandante Euclydes de Almeida Basilio, que ainda se estendeu em outras considerações em torno dos progressos do Lloyd e da grande obra de sua directoria.

Grupo tomado a bordo do «Commandante» Alcidio», durante a visita dos jornalistas, sabbado ultimo.

"ROS IRAL"

A apparecer em breve, em julho proximo, teremos nas livrarias um novo romance: *Roseiral*, de Raul de Azevedo.

Vae ser editado pela Editora Americana, em caprichosa edição e em grande tiragem.

Para a capa está trabalhando, numa bella concepção, o magnifico artista que é Oswaldo Teixeira.

Raul de Azevedo, escriptor do Norte, tem collaborado muito em jornaes e revistas cariocas, inclusive o FON-FON.

E' premiado pela Academia Brasileira de Letras, e tem diversos romances e livros de contos publicados, todos esgotados.

Os footballers hungaros do quadro do Ferencvaros, actualmente entre nós, jogaram domingo passado, no stadio da rua Alvaro Chaves, a sua primeira partida nesta capital, onde vieram realizar uma temporada internacional, a convite do Fluminense F. C. Seus adversarios de domingo foram os rapazes do tricolor, que perderam para os afamados profissionaes hungaros, mestres no sport do pontapé... A nossa pagina apresenta dois instantaneos desse «match» internacional e o «team» do Ferencvaros, antes do grande jogo.

Vicente Leite, o conhecido e festejado artista patricio, acaba de inaugurar, em Fortaleza, a linda capital de sua terra natal, uma magnifica exposição de pintura. O exito que vem alcançando o seu «Salon», alli, consagra os altos meritos do pintor cearense.

O escriptor Paulo de Magalhães, que estreou como autor theatral a 5 de janeiro de 1923, quando foi levada á scena, no Trianon, sua primeira comedia, vae ser homenageado, amanhã, pelos seus amigos, com um banquete commemorativo das suas cincoenta peças representadas, e que são as seguintes:

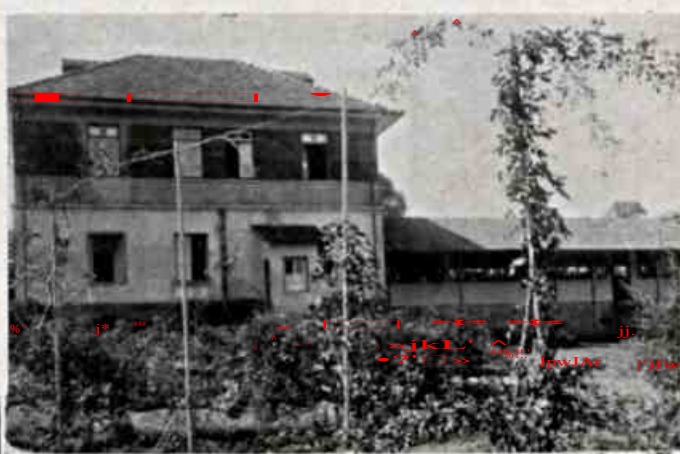
Comédias: E o amor venceu — As rosas do nosso amor — Vida encantadora — Wetmour c'est ça... — Senhorita Futilidade — Aventuras de um rapaz feio — Velhice desamparada — Aluga-se uma mulher — Coração de mulher — Recordar é viver — Onde está o dinheiro? — Guerra ás mulheres — O querido das mulheres — De quem é a mulher? — Oh!... As mulheres! — Mãe-Preta — O coração não envelhece — Felicidade — O interventor — Quem manda sou eu! — O homem que Mirou o Brasil. — Dramas: Vicios mundanos — Sangue português — Patria e bandeira — A rainha. — Farças: Beira-Mar 1-2-3 — O homem que morreu — A arvore que chora — O filho de papae — O truc da luva — A mulher é um perigo — A ceia das midinettes — Flor de laranjeira — O dia da corista — O aviador — Um caso virgem — A vicio-la — Bonita — Gostosa — Revistas: Cruzeiro do Sul — Ouvir estrellas — Segure-se quem puder — Rio Sorrindo espero — Sem-nua — Paris — LAIA — Quizéra amal-a — Miss universo — Flirt. — Operetta: Lindamor.

O escriptor Paulo de Magalhães.

Dez dessas peças estão traduzidas em varios idiomas, tendo sido já representadas em alguns paizes da Europa e das Americas Central e do Sul.

Militando, tambem, fóra do theatro, como homem de letras e jornalista, Paulo de Magalhães publicou os seguintes livros, que alcançaram expressivo successo: Resignação (romance). A psychologia das actrizes (ensaios). Tenho dito! (discursos). Viva Portugal! (Impressões de viagem). Argentina, grande terra, grande povo! (Impressões de viagem). Argos (impressões de viagem) — A mulher que morreu tres vezes (novella).

ACABA de transformar-se em sanatorio o antigo Pensionato Maria Auxiliadora, localizado em Campos do Jordão, e destinado ao tratamento das molestias pulmonares. De propriedade da sra. Odette de Souza Carvalho, o novo estabelecimento hospitalar dispõe de todo o conforto moderno e da maxima hygiene.

O director clinico da Pensão Sanatorio Maria Auxiliadora é o dr. Clovis Corrêa, especialista em molestias do pulmão, de notoria competencia e com largo tirocinio.

Essa estação climaterica, em bôa hora cognominada a «Suissa Brasileira», encanta pela sua belleza e, pelo seu clima prodigioso, attrahe doentes de todos os recantos do Brasil. Situada a 1.600 metros de altitude, é servida por tres trens electricos diarios, que, partindo de Pindamonhangaba, fazem em 3 horas a ascensão, descortinando aos olhos do viajante panoramas imprevistos, grandiosos, verdadeiramente deslumbrantes.

Aspectos do Sanatorio Maria Auxiliadora: O pavilhão das senhoras — Um canto da sala de jantar — Um quarto.

Um aspecto do embarque do interventor federal no Pará, capitão Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que, depois de alguns dias de permanencia nesta capital, regressou áquelle Estado.

Da saudade

Muita gente fala em saudade, mas nem todos, positivamente, a sentem.

Thema escolhido pela maioria dos poetas para alguns dos seus poemas, dentro do qual dezenas se têm immortalizado, a saudade, comtudo, continúa a ser um enigma.

A verdadeira saudade não se conforma com a simples recordação de um bem que se foi, ou de certo tempo feliz que já vae longe. E' que a saudade, raras vezes, vem acompanhada de uma sua amiga, mas dessas amigas raras e de poucas visitas — a nostalgia. A lembrança do torrão natal e dos momentos bons que lá se passaram é a saudade sob um aspecto mais elevado.

Para a simples saudade ha sempre um lenitivo. Quando a nostalgia se lhe aproxima, porém, a consolação é quasi nulla. Ha, sim, uma especie de desprendimento de tudo que nos cerca — um mixto de mágoa e de desejo.

ALEXANDRE PASSOS

Os amigos e auxiliares do sr. Lopes Vieira, antigo e distincto funccionario da 4.ª Delegacia Auxiliar, prestaram-lhe carinhosa homenagem, ha dias, por motivo da sua nomeação para o cargo de chefe da secção de Ordem Social e Segurança Publica, que vinha sendo dirigida pelo sr. Mario Costa, outro policial distincto. E' um aspecto dessa justa manifestação de apreço a Lopes Vieira que a nossa gravura reproduz.

ZEPPELIN PERDIDO
com
RICARDO CORTEZ
VIRGINIA VALLI
CORNWAY TEARLE
Um film da
TIFFANY PRODUCTION
2ª feira
TIFFANY TONE
no
PALACIO - THEATRO
CIA. BRASIL CINEMATOGRAPCA

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

O Zeppelin Perdido

Film da
TIFFANY PRODUCTIONS

Direcção de
ED. SLOMAN

Poema sem palavras.

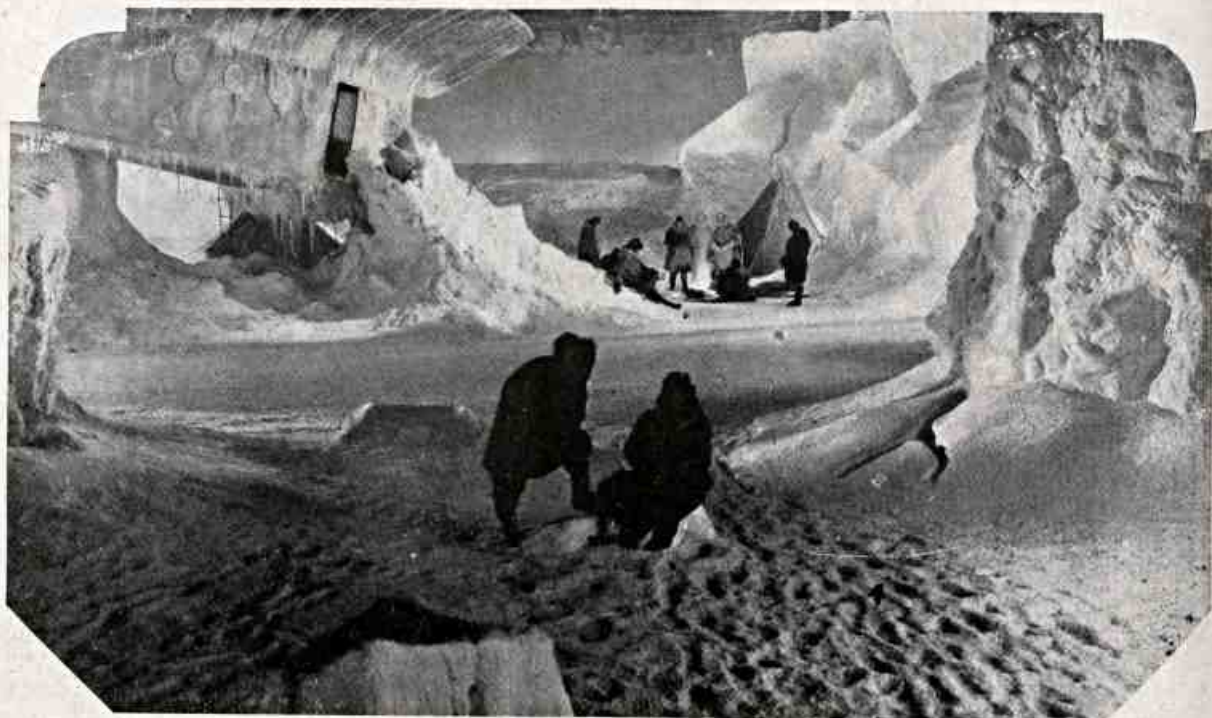
Com:

Conway Tearle
Virginia Valli
Ricardo Cortez

NA noite da vespera da partida do gigantesco dirigivel que ia tentar devassar os segredos do Polo Sul, o seu commandante, capitão Hall, tornou-se o hospede de honra de um banquete de despedida. Elle preferiria ficar essas ultimas horas ao lado de sua esposa, Miriam, que elle adora, a ponto de emprehender essa viagem perigosa apenas para ter o prazer de lançar aos pés della os louros da victoria. E, no emtanto, foi nessa mesma noite que elle a viu nos braços do tenente Armstrong — o seu melhor amigo e ao mesmo tempo seu companheiro naquella expedição que se ia realizar!

Ambos os amorosos suspeitaram de terem sido surprehendidos em seu segredo, porém Hall nada diz a respeito, até que Miriam, não podendo mais agüentar aquella situação dubia, se resolve a confessar ao esposo o seu amor por Tom. Mais ainda, ella espera que ante essa confissão elle lhe dê o que naquella occasião mais almeja — a sua liberdade, para o divorcio. Para Hall, o golpe foi terrivel, mas elle soube supportal-o. Amando-a, elle só pensa na felicidade della e por isso lhe pede deixe essa decisão para após a viagem. E, na manhã seguinte, antes do «Larga tudo!», os dois esposos se beijaram ante todos, para salvar as apparencias, pois que Hall bem sabia que aquelle beijo que ella recebera era de Tom.

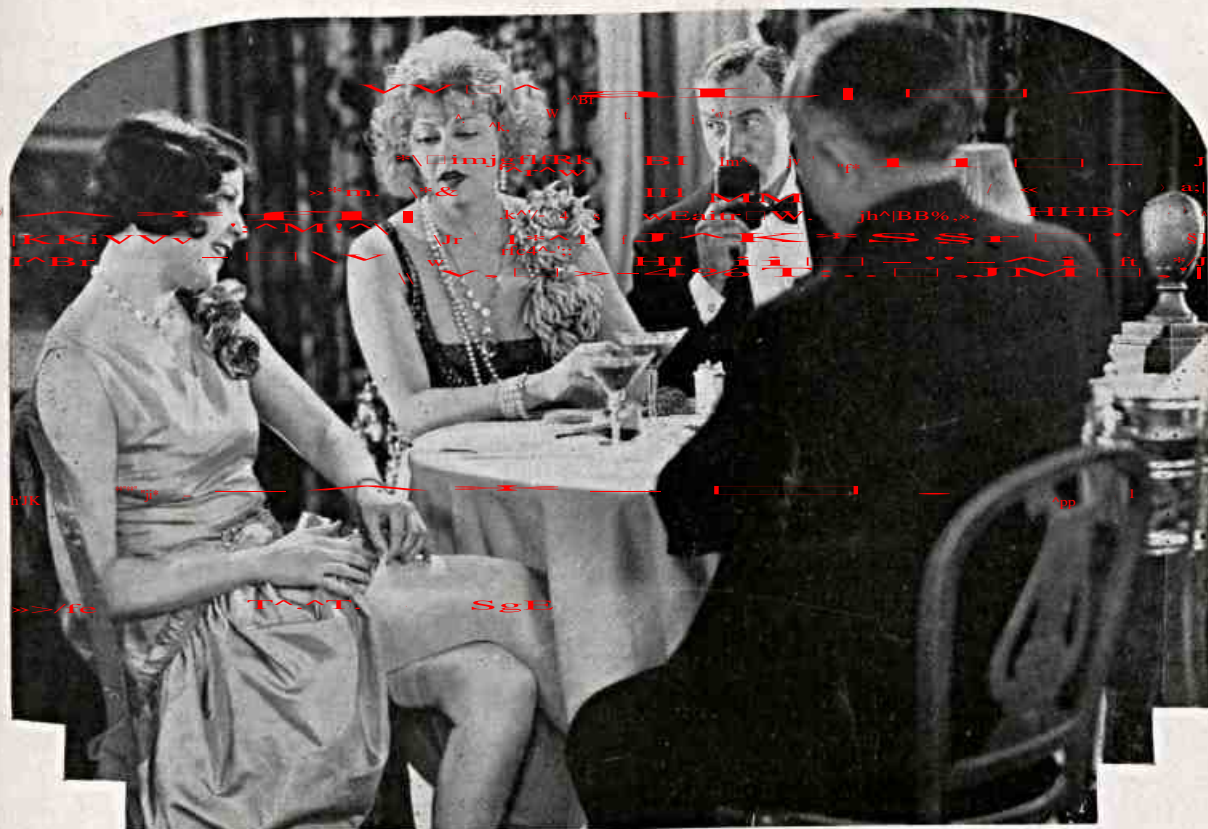
O dirigivel alçou vôo e partiu. Durante a viagem, os dois amigos de hontem e rivaes de hoje não cuidam sinão do serviço. As etapas vão se vencendo, e as suas peripecias vão sendo transmittidas pelo radio, ouvindo-as tambem Miriam. Assim o mundo foi sabendo os instantes de vôo feliz e depois a travessia tremenda de uma zona em temporal, que damnificou um pouco os motores. Agora entram na zona gelada eternamente e é um temporal de neve que têm de supportar, até que o gigantesco dirigivel, sobrecarregado pelo peso da neve que se accumulou sobre elle, cae fragorosamente, arrebentando-se de encontro a um pico de gelo! E, com a quêda, o seu ultimo tubo de radio partiu-se.... Todo o mundo foi inteirado a respeito, e Miriam ouviu tambem, até ahi. Depois, foi o que só elles, os da tripulação, tiveram de supportar sem contar ao mundo. Dividiram-se em grupos para percorrer áreas, de modo que os aviões, partidos do mais proximo campo de emergencia, os encontrasse. Hall, Tom e mais um companheiro, fizeram parte de um grupo que bem

O pômo da discordia.

Perdidos do mundo.

depressa ficou reduzido a elles dois, colhido o outro por uma avalanche. E, quando os dois attingiram de novo o acampamento, foi para encontrar apenas os corpos dos companheiros, mortos de inanição.

Tambem elles se consumiam, quando lhes chegou o soccorro. Tinham sido avistados por um aeroplano, que poude transportar apenas um passageiro. E Hall, comprehendendo bem que Miriam preferiria a volta de Tom e não a sua, obriga-o a ir em seu logar. Foi Tom quem chegou sozinho a Nova York, pois que o aeroplano voltara a procurar o commandante e não mais regressára... Tom procura Miriam para encontrar uma outra que elle desconhecia. E' que ella descobrira agora que amava apenas o seu esposo, e chorava a perda delle, ao mesmo tempo que comprehendia a sua abnegação procurando salvar o outro a quem elle suppunha que ella amava. Mas o Destino não queria que esse amor morresse, e é nesse momento que ella ouve o radio dar-lhe a bôa nova: o commandante fôra emfim trazido ao acampamento de emergencia pelo aviador que concertára a sua machina.

Por isso foi que, lá naquelle recanto cercado de gelo, o commandante Hall, quando deplorava ter sido trazido novamente á existencia, veiu a receber um radiogramma: «Vem. Espero-te e te amo muito. — Miriam.»

O mysterio do amanhã torturava-os.

Um cofre original.

PIRATAS DA BOLSA

PRODUCÇÃO DA RADIO PICTURES

Com: Gertrude Astor, Jacqueline Logan, Richard Gallagher e Albert Conti

PROFUNDAMENTE apaixonada por Tom Greene, um mensageiro de correctores da Wall Street, Patsy é advertida por Goldie, uma sabida mordedora, e sua companheira de danças no Kit Kat Club, para desistir de Tom e, arranjar um daquelles praticos coronéis da Broadway... Para Goldie, Tom é um fracasso, mas Patsy não tem o mesmo ponto de vista de sua amiga e companheira. Ella está de combinação com Tom para a compra de moveis e installações de sua casinha, que esperam adquirir antes de realizar o sonho do casamento.

Tom é o que se póde dizer um "tapeador" ousado, constantemente empolgado com os seus conhecimentos dos segredos da Wall Street, querendo saber mais do que seu chefe, Powers, que se vê obrigado ás vezes a fazel-o chegar ao seu logar.

Tom, ás vezes, accusa Patsy de ser uma das mordedoras e igual ás demais. Goldie e sua companheira preoccupam-se em depennar os conhecidos, e, por uma dessas occasiões, Goldie apresenta Patsy a Powers, patrão de Tom. A moça conserva essa apresentação em segredo para Tom, porque sabe que no dia seguinte será informada de que Tom foi posto na rua. Ambos vêem desmoronar-se o sonho de amor contido naquella casinha...

Naquella noite, Patsy e Goldie juntam-se a Powers e a um banqueiro no club. A' proporção que a noite avança, os dois homens, com um pouco de bebida, conversam sobre uma grande partida de petroleo que pretendem vender na Wall Street. Patsy, ouvindo a conversa, toma nota de todos os seus pormenores no car-

O encanto do «cabaret».

A ruina!... A desgraça!

dapio. Na manhã seguinte, Tom recebe uma carta mysteriosa de uma firma, autorizando-o, em nome de um cliente que não quiz dar o seu nome, a fazer jogo com o petroleo. Tom empolga a todos os correctores pelo êxito de sua esperteza. Seguem-se outros negocios e a fortuna e prestigio de Tom crescem rapidamente.

Patsy e Goldie põem a seu serviço uma loirinha do club cuja actividade ali consiste em tomar nota dos palpites os quaes são levados ao conhecimento de Tom, que age com êxito todos os dias. Afim de arranjar uma surpresa para Patsy, Tom paga a casinha. Dali, vae ao club e lá encontra Patsy com Powers e accusa-a de ser igual ás outras que na Broadway vivem cavando dinheiro de qualquer maneira. Ella está innocente. Elle vae beber em companhia de outras mulheres. Para fazel-o voltar, abatendo-lhe a vaidade, Patsy, com o concurso de Powers, provoca a ruina de Tom e elle fica sabendo de quem eram o capital e os palpites para as transacções da bolsa, tudo isso dito por Goldie. Humilhado, volta para ser perdoado por Patsy, emquanto Goldie se torna esposa de Powers.

O momento de panico bolsista arruinava-o.

CHAMPAGNE

MUITAS vezes uma ligeira satisfacção domina um profundo aborrecimento.

Quando quizer alegrar o seu espirito pelo paladar — *quem negará que o paladar é um dos melhores vehiculos do bom humor?* — exija do seu fornecedor os deliciosos biscoitos Aymoré "Champagne".

São biscoitos finissimos, levemente adocicados e tão appetitosos que basta a sua simples apparencia para fazer vir agua á bocca.

BISCOITOS AYMORÉ

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Em a noite do lunedia da ultima semana, 2ª f., 15 de junho, realizou no T. M., a O. P. R. J., sob a regencia do maestro Burle Marx e com o concurso do grande pianista Arthur Rubinstein como solista, o 1.º concerto extraordinario, e 5.º da série iniciada em 18 de maio. Ouviram-se successivamente: a 5.ª *Symphonia*, de Beethoven; o *Concerto*, op. 23, de Tchaikowsky e a *Abertura* da opera de Wagner — *O Navio Fantasma*. Antes dessas audições foi executada, como homenagem á memória de Henrique Oswald, a peça desse grande musico brasileiro *Bébé s'endort*, ao que se seguiu, ainda em homenagem á illustre memória, um minuto de silencio.

Burle Marx continuou a nos impressionar pela invulgar direcção dada á orchestra, que parece tem fulgores raros sob a animadora batuta do joven regente.

Arthur Rubinstein mostrou mais uma vez toda a força communicativa do seu estro de pianista, que empolga e arrebata. Foi deslumbrante em todo o *Concerto* de Tchaikowsky, sobretudo no *Prestissimo*.

Ouvindo, uma após outra, a *Symphonia* de Beethoven e o *Concerto* de Tchaikowsky, tivemos a prova immediata do conceito que pouco antes emittira A. Rubinstein: *gosto de tocar, mas não gosto de ouvir o Concerto de Tchaikowsky; é uma obra vulgar*... Realmente, como cresce ainda mais o poema de Beethoven comparado com a peça de Tchaikowsky! Sente-se que o *Concerto* é brilhante, cheio de effeitos de sonoridade, mas frivolo, sem idéas; ao passo que a *Symphonia* é toda uma série de pensamentos profundos, traduzidos na mais alta linguagem musical. E' a tragedia musicada do destino. Chamam-lhe, por isso, a *Symphonia do Destino*. O thema do 1.º tempo evoca-nos pela sua lugubre e insistente toada o *Never more*, de *O Corvo*, de Poe; suggere-nos a mesma tragica belleza. E o *Allegro* final é uma epopéa á gloria, como lhe chama Romain Rolland. E quasi todos esses sentidos, quasi todas essas interpretações, soube revelar-nos magistralmente a orchestra de Burle Marx.

Coroando a bella noite de arte, executou a orchestra, com extraordinario brilho, uma das symphonias dramaticas de Wagner: a *Abertura* do *Navio Fantasma*.

Pela insistencia reiterada do publico, que, como sempre, não cessava de o applaudir e chamal-o á scena, Rubinstein nos fez ouvir, tocadas com a costumada mestria, *Navarra* de Albeniz e *Suggestões Diabolicas*, de Prokofieff.

A's nossas elegantes não poderá deixar de interessar, e grandemente, a noticia de que os productos de belleza DAGELLE, — o «Vivatone», o «Creme Evanescente» e o «Creme Perfeito», — destinados a realçar a belleza feminina por um tratamento racional da pelle, passarão agora a ser fabricados no Rio, onde acaba de ser installada a fabrica, sob a competente direcção technica do chimico sr. I. F. Englander, cuja photographia estampamos. Os productos de belleza DAGELLE de fabricação brasileira serão preparados na fabrica do Rio com a mesma perfeição technica que tornou famosos os fabricados nos departamentos estrangeiros DAGELLE.

1.º SALÃO FEMININO DE ARTE — A pinacotheca de arte feminina, exposta na E. B. A., onde figuram 172 trabalhos de pintura, 17 de esculptura, 1 de gravura e 3 de artes applicadas, todas obras assignadas individualmente, e mais outras dessas ultimas artes, com a assignatura collectiva de Escola Profissional Orsina da Fonseca e Escola Profissional Paulo de Frontin — é a prova eloquente de quanto vale a intelligencia feminina, num campo em que preponderam as funcções cerebraes por excellencia, as funcções affectivas, o campo da arte. Alli figuram não só ensaios, mas tambem obras definitivas, — não só productos do talento mais ou menos vulgar, como creações de alto valor artistico.

Numa vista de relance destacamos logo as esculpturas de Nicolina de Assis, que parece ter o genio da estatuaria. *Iracema*, *Creança* e *Cabeça de creança* sobejamente o attestam. Impressionam pela perfeição do esculpido, e mais ainda pela vida que as anima. Paira no mesmo plano de poesia plastica, o quadro de Maria Francellina, *Alvorada*. O olhar masculino se esquece da nudez do modelo para admirar a belleza do modelado, o esplendor da forma feminina illuminada pelo sol nascente, se não é antes o sol que se illumina com aquelle esplendor. Outros primores ainda: os *Retratos*, onde Sarah Villela de Figueiredo imprime tal cunho de verdade, que dão a sensação da presença real das pessoas retratadas; taes o Marques Junior e Dr. Grabowsky. Assignalemos mais: *Intimidade*, de Georgina de Albuquerque; *Ciganinha*, de Palmyra Pedras; *Retrato*, de Regina Veiga; um quadro, de Yolanda Torres, que não consta do catalogo, que não pudemos identificar, e é uma figura de preto velho, notável sob todos os aspectos como reproducção viva de um typo humano; — todos composições reveladoras do bello talento e da boa technica das autoras, capazes de figurar entre as melhores exposições de arte.

Continuando o rapido exame, façamos especial menção das *Paisagens*, de Julieta Bicalho ns. 65 e 66; *Flores*, de Ignez Corrêa; *Retratos*, de Sylvia Meyer; *Genoveva*, de Wanda Turatti, e outros e outros que a rapidez da visita não permitte examinar para dizer.

Entre os expostos, chamaram-nos immediatamente a attenção para condemnal-os, os quadros de Candido Gusmão Cerqueira. A' primeira vista, impressionam mal os seus trabalhos. Embora sem competencia para julgar, nem por isso deixamos de ter

De Oscar D'alva

a liberdade de sentir. E perante o nosso sentimento não nos agradam os processos da pintura. São aliás os chamados mais ou menos futuristas, muito embora sejam realmente ultra-passadistas. Como quer que seja, não os apoiamos. Entretanto, se foi essa a nossa primeira impressão, modificamol-a quando em melhor situação, contemplando os quadros a maior distancia do que aquella em que os haviamos contemplado, pudemos sentir toda a arte de um delles — Archaismo. Condizendo com o processo pictural, a idealização plastica dos casebres erguidos á beira dagua deu-nos reaes emoções de belleza. O que vem mostrar o erro dos juizos apressados, e ao mesmo tempo revelar que a pintora poderá sem processos extravagantes, e mesmo apesar delles, merecer lugar de destaque entre os cultores femininos da pintura.

Quaesquer que sejam as restricções a fazer sobre o valor dos trabalhos expostos, nenhuma deve ser feita á bella iniciativa da S. B. B. A. e da A. A. B., instituindo as exposições de artes plasticas, producto do genio feminino. Se o 1.º Salão é bom, os que se succederem serão melhores. O estimulo é a alma da perfeição. As principiantes de hoje serão mestras amanhã.

SOFIA DEL CAMPO — Confirmando o renome de que goza perante as platéas americanas e européas, a notavel cantora Sofia del Campo estreou com grande exito no Municipal, na tarde de 17 de junho. Fez-se ouvir, cantando, além do extra final—*E'clat de rire* de Auvert — estas peças: *Aria de Elisa*, da op. *Ptolomeu*, de Haendel; *Alleluia*; *Ah lo so*; e *Aria da Rainha*, da op. *A flauta magica*, de Mozart; *Jota Tortosina*, de J. Nin; *El majo discreto* e *Tralala* J. Penteado, de Granados; *Barbeiro de Sevilha Hespanhol*, de Jimenez; *Berceuse*, de Gretchaninoff; *Chere nuit*, de Bachelet; *Hai lili*, de Cocquard; *Snegourochka*, de Rimsky — Korsakoff; *Charmant Papillon*, de Campra (1744); *A Calhandra*, de Jamelli (1744); *Villanelle*, de Dell'Acqua.

Chronista e não critico musical, os nossos juizos traduzem apenas as nossas emoções. Medimos o valor dos artistas pelo gráo de emoção que nos causam. Com esse criterio palmeamos Sofia del Campo, não só pela musicalidade da sua voz, sem nenhuma aspereza, sem a mais leve estridencia, como tambem pela esmerada cultura della, tornando-a capaz dos mais bellos effeitos, como esses fios sedosissimos de som, cheios de invulgar belleza, com que a cantora esmaltou muitos numeros cantados.

Para dizer com toda verdade a nossa impressão, mencionamos como mais bellas as interpretações da 1.ª, 3.ª e 4.ª parte do programma, especialmente *Ah lo so* e *Snegourochka*. Mas acima de tudo, interpretações excepcionaes, maravilhas canoras, a *Berceuse* e *E'clats de rire*. Nessas peças a famosa cantora excedeu-se a si mesma. E o publico comprehendeu-o, applaudindo-a calorosamente. A *Berceuse* foi delirantemente bisada.

COMPANHIA LYRICA BRASILEIRA — Formada quasi exclusivamente de artistas brasileiros como as cantoras Carmen Gomes, Edméa Montanari e Antonietta de Souza, e os cantores Reis e Silva, Asdrubal Lima e João Athos, com um repertorio em que figuram ao lado das mais applaudidas operas estrangeiras, as nacionaes — *O Guarany*, de Carlos Gomes, *Il Neo*, de Henrique Oswald e *Jupyra*, de Francisco Braga — estréa no Theatro João Caetano, em 1.º de julho proximo, a Companhia Lyrica Brasileira, sob a regencia do acatado maestro Gianetti.

E' uma tentativa digna de todo o apoio para incrementar o movimento artistico brasileiro. A par dos concertos symphonicos, dos recitaes de musica de camera, das exposições de artes plasticas, que se vêm succedendo com louvavel frequencia nesta temporada, os espectaculos de opera virão dar o caracter de um movimento integral da arte brasileira. Se associarmos a esse movimento o que se faz pela arte literaria, temos agora uma reacção salutar contra o marasmo artistico em que viviamos, relativamente a outros centros de cultura da America e da Europa.

Sem querer diminuir o valor do concurso das demais figuras da C. L. B., destacamos o da soprano Carmen Gomes e do tenor Reis e Silva, pela circumstancia de renunciarem neste momento vantajoso contracto em Buenos Aires, afim de participarem do bello tentamen em pról do theatro brasileiro de opera.

Louvemos sem restricção os organizadores da C. L. B. e desejemos todo o exito que merece o seu artistico e patriotico emprehendimento.

VESPERAL DE CANTO — No salão nobre da A. dos Empregados no Commercio, realizou-se na tarde de 18 de junho uma audição de canto das alumnas da prof. d. Isabel Verney Campello, onde figuraram 9 moças e 1 rapaz.

A impressão geral que tivemos foi de todo favoravel ao vesperal, dada a relatividade com que devem ser julgadas audições desse genero. Mas a impressão especial variou conforme o gráo de estudo de cada alumna. Assim, entre as que nos pareceram principiantes, assignalamos a senhorita Elisa Carvalho, que sobresaiu mais em o n. *Chi vuole innamorarsi* de A. Scarlatti. Entre as mais adeantadas, é justo destacar a senhorita Eneida Silva que, numa aria da op. *Roberto do Diabo*, nos surprehendeu pela belleza da voz e pela expressão dramatica do canto. Afinal, em plano superior, duas alumnas especialmente dotadas: a senhorita Maria de Lourdes Sá Earp e a sra. Lydia Gomes de Oliveira.

A senhorita Maria de Lourdes tem bôa voz e melhor arte. Sente-se que tem paixão pelo canto. Vive com muita expressão os autores que interpreta. Sabe interpretar tão bem um trecho de musica de camera, como uma aria de opera: mostrou-o plenamente no *Canto da saudade*, de A. Costa, que foi bisado, e na grande aria da *Traviata* — *Fors'e lui*. Para ser completa, parece-nos falta apenas aperfeiçoar-se mais para ingressar na vida artistica profissional.

A sra. Lygia de Oliveira é um bello meio-soprano, senão um contralto de valor não vulgar. Adquirindo toda a cultura que merece, a sua rara voz, tornando-se a cantora mais artista, não duvidamos prever-lhe esperançoso futuro. Cremos pensem comnosco todos os que a ouviram, especialmente quando cantou a *habanera* da *Carmen*, ruidosamente bisada.

A falta de espaço não nos permitte referencias especiaes a cada uma das interpretes; limitemo-nos a mencionar-lhes os nomes: Senhoritas Alda Goulart e Olga Rodrigues, em primeiro lugar, e depois senhoritas Maria Favchet, Laura Machado, Lili Sico, e o dr. Luiz Faveret. Todos concorreram, dentro das suas possibilidades, para o exito da audição.

A VIRGEM DOS GATOS

A mãe do menino havia morrido exactamente tres mezes depois de morrer o pae. Foi preciso, então, que o menino ficasse em companhia da tia Pascasia, que o levou para longe, para sua cidade de provincia, e ali prometteu fazer da criança uma pessôa util a Deus e aos homens.

Como Pascasia não tinha filhos, até então se dedicára, com nobre enthusiasmo, a criar gatos. Gatos brancos, gatos negros, gatos vermelhos e azulados, cinzentos e amarellos... Gatos de todas as côres e raças vieram esfregar-se nas frágeis pernas do menino, que, como em seus escassos annos de existencia jamais assistira a uma demonstração tão eloquente de sympathia animal..., estremecido de horror, se poz a chorar como um desesperado. Então Pascasia, que podia se responsabilizar pelos sentimentos hospitaleiros e pela probidade de seus gatos, desde o branco ao negro, desde o cinzento ao vermelho, logicamente offendida, censurou o menino.

— Potin, que mal te fazem estes animaezinhos?

— Tenho médo delles! — soluçou o garoto.

E aferrou-se, cada vez mais desesperado, á saia enorme da solteirona.

— Médo, disseste? E por que tens médo delles?

— Não sei... Nunca vi tantos gatos juntos. E, além disso, estes não são como os outros gatos...

A mulher deixou escapar uma gargalhada nervosa, que, em vez de acalmar o menino, o impressionou ainda mais.

— Escuta, e não sejas bôbo, Potin: estes animaezinhos são inoffensivos sabes? E são intelligentes como jamais o poderão suspeitar os vizinhos...

Potin protestou:

— Mas eu não os quero!

— Tens, entretanto, que querêl-os...

— Não! Nunca!...

— Sim. Vaes gostar muito delles... Não vês com que olhos doces te olham? Não ouves com que terno ronronar te recebem?

— Por isso é que não os quero. Porque me olham com esses olhos feios e porque miam assim.

— Feios seus olhos? Chamas miado ao carinhoso e suave ronronar? Pobre criança! Vê-se que minha querida irmã, com sua enfermidade, não poude educar melhor teus sentimentos incipientes... Mas eu, com a mais delicada ternura, vou inculcar-te o altruismo necessario, ao menos para saberes viver em contacto com os animaes indefesos... Estes bichinhos que nos procuram tão ternamente, e tão mansamente, vivem como si tivessem consciencia de que suas vidas estão em nossas mãos, como as nossas estão nas mãos todo poderosas que não vemos.

Terminado esse pequeno discurso, Pascasia, com extrema solicitude, levou o menino até o balde de agua que estava á beira do tanque e lavou-lhe o rosto e as mãos. Feito o acto de primordial asseio, o menino encontrou um quarto com sua caminha limpa, seus livros de contos infantis sobre a mesinha de cabeceira e, depois de muito procurar, alguns brinquedos escondidos certamente para elle. Depressa o garoto esqueceu o médo ou antipathia que os gatos lhe haviam inspirado ao chegar. Na cidade de gente apressada, nunca suspeitára siquer que existisse um trecho tão excellente de céo como o que se recostava na moldura da janella. Na cidade

De Julio Vignola Mansila

dos homens que andam depressa e olham duramente quando se lhes fala de coisas que não são negocios productivos, Potin tambem não havia suspeitado o canto dos passaros entre as arvores e o andar de estranhos insectos por toda parte, livremente, sem esses alfinetes que os cravam nas caixas dos graves naturalistas...

Era evidente que o animo de Potin marcava um grão de regosijo em harmonia com o mundo novo que o cercava. Assim, occorreu que, quando Pascasia foi buscal-o para leval-o á sala de jantar, onde já a sopa fumegava, encontrou o menino gesticulando e em dialogo absurdo com algum invisivel companheiro.

— Potin, é hora de almoço! Vamos.

— Ah, eu quero brincar!... Depois comerei, quando tiver fome...

— Não, isso não: cada coisa a seu tempo, querido.

— Não quero!

— Tens que querer, Potin.

— Não quero!

— E' feio que um menino seja caprichoso... Vem. Depois irás brincar.

— Não quero! — rugiu o menino, pondo-se vermelho como uma braza, e com os olhos desafiadores de ira. — Si a tia me obrigar... sabe o que farei? Matar-lhe-ei os gatos...

— Que te fizeram elles?

— Nada! Mas... hei de matál-os, porque a senhora gosta delles...

A pobre mulher amava o menino e seus gatos. Mas ella não havia criado o menino. Em compensação, desde o branco ao negro, desde o cinzento ao vermelho, todos os seus gatos haviam brincado junto della, quando pequenos. Todos haviam afiado suas unhas, por assim dizer, em suas enormes saias de fazenda estampada. Muito em sua vida solitaria ouvira falar da perfidia dos felinos. Pessôas bôas e más, estúpidas e intelligentes alludiam a essa perfidia. No emtanto, esses animaezinhos nunca lhe proporcionaram uma dôr de cabeça. Não lhe roubavam os doces, nem mettiam o focinho onde não deviam. Pareciam, pelo contrario, criancinhas bem nascidas, na hora em que se repartia o leite ou o bofe... E si a gente cordial ou aggressiva, intelligente ou estupida, a chamava *a virgem dos gatos*, de maneira alguma ella se considerava offendida. Muito pelo contrario, sentia-se ennobrecida, já que desde o menor gatinho ao gato mais robusto sentiam por ella veneração pura, mais que obediencia servil. Agora, sim, que se sentia offendida e ultrajada deante desse atrevido Potin, que, em seu insolente desplante, lhe disséra: "Matal-os-ei, porque a senhora gosta delles."

E houve o que occorre quasi sempre: os olhos tristes de Pascasia, que nunca haviam chorado por filhos proprios, então, copiosamente, choraram pelo filho alheio, que, longe de se enternecer, a olhava com gesto desafiador, mixto de orgulho e de ironia.

— Potin, vaes ser bom?

— Com quem? Com os gatos? Com a senhora?

— Com todo o mundo, Potin.

— Não, não quero...

E uma joven gata, mãe de uma collecção de formosos gatinhos, que, ao passar, se detivéra no humbral da porta, dirigiu a Pascasia um doce olhar e um *miau* tão affectuoso, que queria dizer, com traducção ou sem ella:

— Bôba! Não sei por que estás chorando!...

UMA QUESTÃO JUDICIAL

OS meios artisticos do Rio estão, agora, interessados numa ruidosa questão judicial referente a direitos autoraes.

E' promotor de uma acção por perdas e damnos contra a "Casa Edison", do sr. Fred. Figner, o sr. Oswaldo Santiago, autor do "Hymno a João Pessôa".

A pendencia, entretanto, não tem relação com essa consagrada composição.

Prende-se a outras peças do mesmo escriptor, editadas em discos e em musicas para piano, isto sem o prévio consentimento do sr. Oswaldo Santiago.

Os patronos do autor são os advogados drs. Gabriel Bernardes e Joaquim Inojosa, que requereram ao juiz da 1.ª vara civel, dr. Alvaro Bittencourt Berford, um mandado de busca e apprehensão.

Concedido este, foram encontrados na "Casa Edison" cerca de 1.500 discos e 2.000 musicas para piano das producções illegalmente em circulação e que eram as seguintes: — "Melodia do Amor", "Veneno Louro" (musicadas por Nelson Ferreira); "Olhos tristes, os teus olhos" (musicada por Joubert de Carvalho); "A Cruz das Estrellas", "Glorificação", "Terra de Sol", "Noite e Dia", "Não sei" (musicadas por Pery Pirajá); "Venus Carioca" (musicada por Gastão Lamounier); "Digo já!", "No Reinado da Alegria" (musicadas por Eduardo Souto); e "Onde tudo sorri" (musicada por Djalma Guimarães).

A acção está correndo os tramites da lei, provocando grande celeuma nos circulos interessados.

JORGE FERNANDES

Um cantor moço, dos mais novos na arte de gravar discos.

Jorge Fernandes ainda não é, por isso, um nome feito nesse genero apparentemente facil, mas na verdade bem difficil.

Estreou, ha poucos mezes, gravando para a "Odeon".

Esta não lhe tem offerecido, porém, opportunidade para brilhar como merece, preferindo os sambistas mediocres e pretenciosos.

Jorge Fernandes não possue, assim, uma chapa de grande exito popular.

Isto não quer dizer, entretanto, que elle não seja um dos primeiros elementos do elenco de cantores daquella fabrica, sendo, pelo contrario, uma demonstração disto uma prova indiscutivel, até.

Porque, rebaixado como é, entre nós, o verdadeiro artista, a selecção se procede pelo methodo inverso do seu valor e da sua competencia.

Mas Jorge Fernandes é ainda muito moço e pode esperar que mais adeante lhe façam justiça.

Dos seus discos divulgados, até agora, o melhor é o que traz a linda valsa de Homero Dornellas, intitulada "Meu coração é teu", composição esta delicadissima, cheia de lyrismo e de movimento interior.

Parece uma valsa americana daquellas que trazem a assignatura de Nathaniel Shilkret, de George Olsen ou de Rudolf Friml.

O seu defeito é ter autor com nome brasileiro...

Voltando, porém, a falar de Jorge Fernandes, lamentamos que o grande publico ainda não lhe tenha dado o apreço a que elle faz jús.

Trata-se, indiscutivelmente, de um artista de valor, com voz educada, dicção elegante, sobrio e discreto, com uma mentalidade moderna e uma intuição perfeita do que é bello.

E' quem mais se aproxima de Pormenti, sem, comtudo, ter com elle a menor semelhança.

Jorge Fernandes vae ter occasião, no proximo dia 10 de julho, de fazer-se apreciar pela alta sociedade carioca, que já o tem applaudido em varias festas de caridade.

Realiza elle, naquella data, um recital de canções brasileiras, no "Studio Nicolas", no salão do "Movimento Artistico Brasileiro".

Temos o palpite de que essa festa será um triumpho para o joven interprete.

NOVIDADES

Lamartine Babo fez uma adaptação da letra americana da valsa "You will remember Vienna" e fala, na mesma, em umas "tardes fulguraes" que não sôam lá muito bem... Nos versos finaes, ha um duello de morte entre um "tu" e um "você" que se encontraram no caminho e se empenharam em luta corporal. Ambos sahiram contundidos...

— "Dark Night" (Noite escura) é um fox-trot americano que começa a ser tocado, com muito exito, nas victrolas cariocas.

— Gloria Swanson reapparecerá brevemente no film "Que viuva!", onde canta alguns numeros destinados a successo. No seu primeiro "talkie" exhibido no Rio, "The Trespasser", ella cantou a canção "Love", que ainda vibra nos nossos ouvidos.

SÃO JOÃO

A melancolia da tarde fria de junho... Tudo calmo, na tarde de São João que morre lentamente...

Aqui na cidade pequena e bôa, tranquilla e amiga, tão distante do centro dynamico, da capital formidavel, a tarde cae lentamente, na melancolia da cidade pequena, perdida num recanto delicioso, com rio manso que se espraia, indeciso, timido, rolando sempre, levando sonhos, illusões...

A melancolia das tardes nas pequenas cidades... Tarde fria de junho...

* * *

Um balão subindo... subindo... serenamente. A policia, de olhos grandes, attenta, foi burlada uma vez mais. A ordem severa que não é cumprida. E, por que roubar á criançada o prazer da gritaria?

— Olha o balão... olha o balão...

Por que a lei nervosa querer impedir-lhe a explosão natural de alegria? Por que a multa de centenas de mil reis pesando sobre tantas cabeças jovens? O balão que sobe sereno leva tantas esperanças, tantas... O balão que desce sereno, traz tantas esperanças, tantas... E a criançada, a gritar:

Olá um balão pimpão
caiu na terra do Japão...

* * *

E a tarde melancolica de São João morreu aos poucos, tranquilla... Lá no morro distante, lá no alto do morro fronteiro á cidade pequena e bôa, em terreiro amplo da fazenda mais proxima, se vêem os primeiros clarões da fogueira colossal... A fogueira de São João... e o espocar de rojões. Lá, o modernismo louco ainda não conseguiu banir a tradição... A fogueira festiva e o espocar de rojões...

A volta, no terreiro amplo, as crianças e os velhos, homens e mulheres. As historias singelas, as caçadas rendosas, as assombrações, os gritos em noites tenebrosas, as aventuras de caboclos des-

Uma confabulação entre ministros que foram jogadores de rugby...

de Alvaro Beltram Sousa

torcidos, os muchirões rumorosos repletos de sitiantes de toda uma longa região e hoje apenas uma saudade; os desafios ao som da viola triste, nas mãos de um cantador tambem triste e.... o longo desfiar de historias verdadeiras e mentirosas, as lembranças de tudo que não mais existe, de tudo que se foi com o advento da civilização, com o modernismo louco... E a fogueira de São João crepita festiva e os rojões espocam, a criançada sorri feliz, emquanto namorados reflectem nos olhos ternos...

Viva São João! Vivaaaaaaa...

* * *

Na noite clara, que desceu aos poucos, tranquillamente, nesta noite fria e luminosa de São João, a cidade minuscula, illuminada, scintilla, faisca, brilha.... Tudo é alegria nas ruas alinhadas da cidade tão distante do centro dynamico do progresso.... E, no jardim principal, arvores mudas contemplam louras e morenas que passam.... A graça, a belleza, a seducção. Ellas passam felizes, reflectindo almas jovens, na immensidão da noite fria e luminosa, no jardim florido e repleto de arvores mudas e de crianças que saltam e de namorados que se comprehendem, na irradiação de tantas luzes, brilhando, faiscando, mirando nas aguas do lágo central, pequenino...

Noite de São João...

O desfile se prolonga por minutos longos, por horas que não se findam. A graça, a belleza, a seducção.

Passam louras e morenas, reflectindo, nos olhos grandes, a promessa de um mundo todo de felicidades.... sorrisos.... e o jardim da cidade pequena e distante abriga toda essa numerosa legião de pequeninas almas bôas.... No coreto ao lado, musicos sinceros completam a alegria reinante. A vida da cidade formosa se resume toda, nesta noite fria e luminosa de São João, no jardim que scintilla, faisca, brilha....

Noite de São João...

A filha. — Mãezinha, por que não me deixas ver o teu rosto sem pó nem pintura? Eu gostaria muito de ver com quem pareces...

M. AMABO E O

DE J.-H. ROSNY AINÉ

M. Amabo havia chegado aos 52 annos, depois duma existencia banal e trabalhosa. Os ultimos vinte annos dessa existencia, sobretudo, passaram-se num escriptorio carunchoso, ao fundo de um pateo cheio de limo, na casa archaica dos senhores Quereus e Aquila — lãs, sedas e roupas brancas.

Para não perder o habito, M. Amabo almoçava e jantava, invariavelmente, na casa Lacuisse, onde lhe serviam, antes da guerra, um *hors-d'œuvre* ou caldo, meia garrafa de vinho, carne, legumes, uma sobremesa ou queijo, por um franco e vinte e cinco. Depois da guerra, esse preço não mudou, comquanto fosse nominalmente multiplicado por cinco.

A' noite, depois de fazer uma fésinha nos *Trois-Mégots*, Amabo lia livros baratos, que ás vezes são os melhores. Graças a elles, desapparecia a chateza de sua existencia. Porque M. Amabo, de natureza meiga, contemplativa e muito romanesca, não cessava de sonhar aventuras fabulosas. Sua pobreza, seu ar fatigado, sua timidez, que lhe provocava colicas quando via uma mulher bonita, só lhe permittiam amores bichados e irrisorios. Por infelicidade, amava, desesperadamente, a graça e a belleza!

Com a idade, tomava melhor aspecto que na mocidade: rugas bem cabidas, cabelleira muito branca, emprestavam-lhe certa distincção. Mantinha-se erecto e a cutis fresca actualmente, era mais agradavel que a tez poenta de antigamente.

Elle não era um velho ainda, assim lhe dizia o espelho da *toilette*, quando elle se mirava pela manhã. E, por conseguinte, podia, pelo menos, pretender apanhar as migalhas do banquete da vida.

Lugubre e resignado, conservava o amor das aventuras, uma imaginação fertil e uma ternura para sempre sem applicação.

* * *

No dia 2 de novembro de 1927, M. Amabo, tendo visitado alguns cemiterios, entrou num, onde se guardavam animaes queridos durante sua vida passageira...

Elle não achava isso ridiculo. Os animaes, sobretudo os cães, pareciam-lhe quasi sempre melhores que os homens.

Deteve-se muito tempo deante dum tumulo onde se celebravam os meritos de Moustapha, extraordinario cão, que havia feito as delicias de seus donos.

— Faço mal, pensou M. Amabo, de não ter um cão...

Ficou ali, pensativo e commovido, quando um perfume encantador lhe fez voltar a cabeça. E elle avistou uma mulher alta e esbelta, de cabellos lindamente tintos de *henné*, vestida e arranjada com uma arte singular. Essa creatura humana pareceu-lhe mais bella, sem duvida que a deusa Selené ao bello Endymion.

Um terrivel receio apoderou-se delle, e quiz fugir como a lebre deante do caçador, quando a dama entra em assumpto:

— O senhor gosta de cães?

Elle respondeu com inteira sinceridade:

— Adoro-os, senhora...

Ao pronunciar taes palavras, o coração enfraqueceu-lhe, mas a dama sorriu-lhe tão amigavelmente, que elle ganhou animo, emquanto ella lhe dizia, com grandes suspiros:

— Si o senhor tivesse conhecido Moustapha!... Ah! senhor... que

TUMULO DO CÃO

animal de élite... que cão de genio... e tão dedicado, tão meigo... Si a palavra lhe faltava, sua physionomia era tão expressiva, de tal forma as suas inflexões de voz traduziam as coisas... Garanto-lhe que conversávamos juntos.

— Creio bem, minha senhora, creio bem! — disse M. Amabo, todo tremulo.

No emtanto, elle estava um pouco mais á vontade, habituava-se á deliciosa atmosphera dessa mulher, e a audacia foi a ponto de contar duas ou tres historias de cães, que elle havia lido e que enthusiasmaram a dona perfumada de Moustapha.

* * *

No emtanto, a noite cahia com rapidez outomnal, a ponto da dama dizer:

— Não quer, senhor, dar-me o prazer de tomar chá em minha casa?

Elle gaguejou:

— Tenho, minha senhora, de... de...

Mas ella interrompeu-o:

— Vamos! não recuse... soffreria com isso.

M. Amabo achou-se ao lado da dama num auto que rolava com a maciez dum velludo. Nada mais que isso, era já uma aventura, e a mais extraordinaria de sua vida.

Elle respirava a perfumosa companheira com respeitosa embriaguez, ouvia-a; evidentemente, ella gostava da linguagem alada.

* * *

Foi o principio de sua felicidade. Sim, desde então elle é feliz, loucamente, apaixonadamente, mysticamente, fantasticamente feliz.

Passa as noites perto della, com os papagaios, os ratos brancos, o gato de Sião e dois cães que substituiram o admiravel Moustapha.

A dama fala, fala e M. Amabo ouve; ouve de fórma maravilhosa, com recursos inesgotaveis de deslumbramento. Elle ama com um amor sem limites, mas que ficará bem mais em segredo que o do soneto d'Arvers. Estende este amor até aos animaes que o substituem... E eis tudo!

Pelas onze horas elle cumpre a delicada e hygienica tarefa de passear os dois cães. Assim, a sorte, por tanto tempo rebelde, acabou por attingir ao escravo dos senhores Quercus e Aquila.

A alguem que achasse essa sorte insufficiente, eu responderia, como na fabula do *Pollo e da Aranha*:

— Você está fóra de proposito. A felicidade de M. Amabo é da mais fina essencia, da mais rara, dessa essencia incomparavel que satisfez aos dois maiores poetas da Italia: Dante e Petrarcha. V. não vae julgar-se acima desses dois gigantes!

O homem distrahido. — Mas isto não tem explicação!... Não ha nem dois minutos eu tinha os suspensorios nas mãos, e agora, não os encontro em parte alguma!

UMA AVENTURA

ELLE se recordava bem daquella aventura. Trabalhára o dia todo para vender a manada de bois que ficára lá na fazenda. Gente bôa aquella do seu Rincão escondido entre montanhas orgulhosas das alturas, que exhibem os vestidos verdes enfeitados de fructos dos cafezaes.

Era noite, quando elle sahiu á rua, tendo na ponta do lenço vermelho e grande o producto do bom negocio que fizera, com marchantes acreditados na cidade, além do dinheiro na carteira de couro crú, trazido para as despesas no hotel desclassificado em que se hospedára por dois dias. Andava apertando, constantemente, os bolsos, com receio; em todos os passantes cravava olhos perscrutadores, indagando de si mesmo si este ou aquelle não seria um salteador disfarçado, a seguil-o, prestes a matál-o, sabendo-o dono duma fortuna. Pensou em correr ao hotel. Foi. Quiz deixar o dinheiro escondido sobre taboas, em baixo do colchão; mas, si o roubassem?!...

Teve uma idéa: dobrou cuidadosamente as notas e enfiou-as nas botinas amarellas, que foram calçadas logo. Estava satisfeito: havia tirado um peso do bolso e do coração.

Aquella hora da noite, só si fosse jantar em alguma casa de viajantes; era contra seus habitos, mas, não havia ganho tanto dinheiro?! E por que não quebrar a monotonia daquela vida repetida sempre, do engenho á pastaria, desta á matta, em trabalho arduo, fazendo derrubadas, levantando cercas, batendo capoeiras, atraz de novilhas tresmalhadas, desde o romper do dia, sob o sol causticante ou sob a chuva impiedosa?! Já havia sommado tanto, que teve preguiça de calcular gastos, a bem do seu espirito economico. Fim de anno, cansado, vendo tanta alegria, o fonfonar dos autos, a festividade das luzes... E por que não fazer uma extravagancia?! Tendo chegado á porta de uma casa de pasto, que era como um Moloch a engulir gente, deu de hombros e entrou.

Comeu regaladamente e pagou a despesa, sem pestanejar. Duas horas depois estava na rua e esta era como um formigueiro humano. Aquelles foguetes, o bradio dos clarins, o vozerio do povo convidaram-no a terminar a festa que a si mesmo prodigalizava, com uma sessão de circo de cavallinhos.

O BALÃO

Eu tinha a alma invalida pelo tédio.

Debruçado á janella do meu quarto, assistia ao ziguezaguear da garotada do meu bairro, que, na calçada fronteira, fazia espocar bombas chilenas e morteirinhos, no meio de uma algazarra ensurdecedora.

Nisso, um grito me chamou a attenção:

— Olha o balão!

Voltei-me e vi elevar-se lentamente, por detraz da silhueta pardacenta do casario, um lindo e majestoso balão.

Elevava-se devagarinho, numa ascensão lenta e suave, como que embalado pela viração branda da noite. Fitei-o extasiado, attrahido por aquella esphera

de Carlos Madeira

Voltava ao hotel, admirado do que vira: o homem que engulia espadas; a mulher que perdia a cabeça e outras coisas interessantes para elle, que não podia explicál-as e comprehendêl-as. A rua era escura; de raro em raro, um lampeão a gaz e o estridulo do apito dum guarda nocturno. Ouvia o barulho dos tacões dos seus sapatos nos ladrilhos da calçada. De mão no bolso, encolhido, pois que a noite estava fria, elle caminhava despreoccupadamente, quando sentiu que alguem lhe ia no encalço: era um homem alto, magro, chapéo desabado sobre os olhos, golla do casaco erguida... Pediu-lhe um phosphoro; ia responder-lhe que não fumava, quando viu que o desconhecido tirava a mão do bolso direito, trazendo nella uma coisa que brilhou, rapidamente, contra a luz do lampeão proximo. Teve um estremecimento, sentindo o cano duma arma contra a nuca; depois, aquella voz de trovão:

— Nem mais uma palavra, ouviu?

E elle, impotente, foi despojado da carteira. Ah! E com que raiva deixou o bandido esgueirar-se na sombra e desapparecer no fim da distancia!

Quiz gritar por soccorro, mas teve escrupulos, com mêdo do ridiculo. E si fosse á delegacia? E si ainda pudesse encontrar o ladrão?... Reconhecêl-o-ia, logo: aquelle capote pesado, o chapéo sobre os olhos, aquella altura... Parando no fim da rua, deliberou. O quarteirão era grande; além havia lampadas. Poz-se a andar ligeiro; depois, encostado á parede, protegido pela sombra, examinou a rua, que estava deserta. Desanimou. De volta, vinha cansado, devagar, pensando numa porção de coisas que lhe atormentavam o juizo.

— Porquera di cidade onde num hai sordado nem luz!

E elle, que nunca andára armado; só de facão, furando os capoeirões, lá pelo matto... Si encontrasse o miseravel que o expoliára, por certo que haveria de estrangulál-o. Era mesmo um idiota — pensava. Porque havia elle abusado aquella noite, modificando seus costumes?!

Na esquina, esbarrou com um homem alto, magro, chapéo desabado sobre os olhos, golla do casaco erguida...

De um salto, agarrou-o pelo pescoço, atirou-o ao sólo... Foi quando appareceram os soldados, numa corrida desabaladr

de Luiz Fernando

de fogo que se perdia dentro da noite, subindo, subindo mais, até ficar igual a um ponto luminoso, no estrellado céo...

Durou pouco a illusão. Um sopro mais forte da brisa fêl-o oscillar e tombar sobre si mesmo, incendiando-se na propria chamma que o animava.

E depois... aquelle balão orgulhoso, que parecia querer alcançar as estrellas que luziam lá no alto e unir-se a ellas, num beijo quente e luminoso, se desfez em pedaços de papel em chammas, que desceram pelo espaço lentamente, lentamente, como immensas lagrimas de fogo.

Não sei por que achei aquelle balão parecido com a vida de certa gente...

Elle. — Apesar de muitos affirmarem o contrario, está provado que a imbecillidade é hereditaria.

Ella. — Santo Deus, Paschoal! Não digas sandices! Por que tratas, assim, aos teus pobres paes?

(Continuação do numero anterior)

O telegramma por que almejavamos chegou-nos ás mãos á noitinha, quando eu me ia deitar e Holmes se dispunha a trabalhar toda a noite na solução de um problema scientifico.

Era useiro e vezeiro naquellas vigilias.

Quantas e quantas noites o não deixei debruçado sobre uma retorta, com um provete na mão? E no dia seguinte, pela manhã, á hora do almoço, vinha encontral-o na mesma attitude! Rasgou o sobrescripto verde, lançou os olhos por sobre a mensagem, e atirou-m'a.

— Vê ahi na guia o horario dos comboios, disse e voltou a enfronhar-se na sua experiencia chimica.

Era tão breve quanto urgente o appello:

"Queira achar-se no hotel do Cysne Preto, em Winchester, amanhã ao meio-dia. Rogo-lhe que não falte! Perco o juizo!

Hunter."

— Quer vir dahi commigo? pergunta Holmes.

— Morrendo por isso estou eu.

— Consulte então a guia das estradas de ferro.

— Ha um trem ás nove e meia e chega a Winchester ás onze e meia.

— E' exactamente o que nos convém. Será melhor adiar para mais tarde a minha analyse da acetona, pois necessitamos de estar frescos e bem dispostos amanhã de manhã.

III

No dia immediato, ás onze horas, tinhamos á vista a veneranda cidade ingleza. Holmes, a principio, absorvera-se na leitura dos periodicos da manhã, mas assim que demos ingresso no Hampshire largou-os de mão e dahi poz-se a admirar a paizagem. Estava um dia ideal de primavera: um céo azul claro, mosqueado de nuvenzinhas brancas, algodoadas, correndo de oeste a leste. Fulgia alegre o sol, e soprava, porém, uma aragemzinha fresca, que beliscava a pelle, enervando-nos. Por toda a região, até ás arredondadas collinas das immediações de Aldershott, os telhadinhos vermelhos e cinzentos das granjas, emergiam da verdura um tanto desmaiada, e desabrochada apenas.

AS FAIAS

(SHERLOCK - HOLMES)

— Está fresquinho que é um gosto! exclamei, com o enthusiasmo natural a um individuo que se viu livre de Baker Street e dos nevoeiros.

Holmes bamboleava a cabeça, com gravidade.

— Sabe o que lhe digo, Watson? Que é uma desgraça para um cerebro conformado como este que Deus me deu, o não poder olhar seja para o que fôr, sem lhe procurar referencia á minha especialidade. Vê aquellas casas dispersas e impressiona-o o seu aspecto pittoresco? Pois eu observo-as, e o unico pensamento que me acode é o seu isolamento e a impunidade com que alli poderá ser perpetrado um crime qualquer.

— Deus de misericordia! exclamei. Quem se lembrará de falar em crimes naquellas venerandas mansões exhalando um encanto tão indefinivel.

— Incutem-me sempre um tal ou qual pavor. E' esta a minha convicção, Watson, e baseia-se na experiencia de que os mais tetricos e vis recantos de Londres não terão mais peccados na consciencia do que os tem a planicie mais ridente e mais formosa.

— Assusta-me!

— E é manifesta a razão. A pressão da opinião publica póde fazer nas cidades aquillo que a lei por si só não é capaz de conseguir. Não haverá viella por mais escusa que seja, onde o grito de uma creança atormentada, a bulha das pancadas vibradas por um ebrio, não venham excitar a sympathia e a indignação dos vizinhos; num abrir e fechar de olhos, está alerta a justiça com todo o seu apparato; um signal é sufficiente para lhe imprimir movimento e arrastar o criminoso ao banco dos reus. Veja, porém, aquellas casas ermas, no meio dos respectivos campos, habitadas por gente pobre, que, a respeito de leis, não percebe coisa nenhuma. Lembre-se dos actos de infernal crueldade, dos crimes occultos que ali podem perpetrar-se com todo o vagar, sem que ninguem venha a dar uma palavra. Se acaso aquella rapariga, que nos chama em seu auxilio, residisse em Winchester, nunca me haveria incutido receios a sua sorte. O que me inquieta são estas cinco milhas de campos.

— E, comtudo, é certo não se achar pessoalmente ameaçada.

— Está claro que não. Ella que veiu esperar-nos a Winchester, é porque em caso de necessidade poderá escapulir-se. E' evidente que desfructa liberdade.

— Mas então que mysterio será este? Já descobriria um dado qualquer, porventura?

— Encontrei sete soluções diversas, podendo cada uma dellas adaptar-se aos factos por nós conhecidos. E, não obstante, não poderei ter opinião assente se não concorrerem para isso novas informações. Lá está a torre da cathedral, e bem depressa saberemos o que nos quer miss Hunter.

O "Cysne Preto" é um hotel afamado, sito logo ao pé da estação. Ali fomos encontrar, á nossa espera, miss Hunter. Mandára reservar uma sala e tratar do almoço.

— Ainda bem que appareceu, exclamou ella. Como poderei retribuir-lhe tanta amabilidade? Na verdade, nem sei o alvitre por que hei de optar. Vão ser-me precisos os seus conselhos.

— Antes de mais nada, diga-me o que foi que lhe aconteceu.

— Vou começar por ahi e tenho que ser breve,

RUBRAS

Por CONAN DOYLE

visto que prometti ao sr. Rucastle estar de volta antes das tres horas. Deu-me licença para vir á cidade esta manhã e não sabe o que me traz aqui.

— Procedamos ordenadamente. Queira encetar a sua narrativa.

Holmes extendeu as compridas pernas em frente do fogão e refestelou-se commodamente, afim de escutar.

— Antes de ir mais longe, devo confessar que não tenho sido mal tratada quer por *mister* quer por *mistress* Rucastle. Faça-se-lhes justiça. Mas não consigo percebel-os, e inquieta-me a attitude tanto de um como do outro.

— E o que é que não consegue perceber?

— Os motivos do seu modo de viver. Eis os factos taes como occorreram. Quando aqui cheguei, estava á minha espera na estação o senhor Rucastle e levou-me no *dog-cart* para as Faias Rubras. Conforme já me tinha dito, é uma casa muito bem situada, mas sem a minima apparencia. Ora imagine um casarão quadrado, caiado, sarapintado aqui e acolá de grandes chapadas verdoengas, resultantes da humidade. Nas immediações, por tres lados, arvoredo, e pela quarta, um prado inclinando-se para a estrada real de Southampton, estrada que se encontra a uns 80 metros do portão. O prado é propriedade de lord Southerton. O nome e a designação da quinta provem-lhe de um grupo de faias rubras que ficam em frente do portão.

O sr. Rucastle, que se desfizera em amabilidades, assim que chegámos apresentou-me á esposa e ao filho. Laborámos num erro, senhor Holmes, suppondo que estivesse louca *mistress* Rucastle. E' uma mulher macilenta, taciturna, muito mais nova que o marido, pois não poderá contar mais de trinta annos, e elle não andará muito aquem dos quarenta e cinco. Já averiguei que terão para ahi uns sete annos de casados, que Rucastle quando casou com ella era viuvo, e que o unico filho que houve da primeira mulher seria essa menina que foi para Philadelphia. O senhor Rucastle communicou-me muito confidencialmente que a ausencia da filha fôra motivada pela aversão exaggerada que votava á madrasta, cuja pouca idade tornava sobremodo melindrosa a situação de *miss* Rucastle no lar paterno.

Mistress Rucastle afigurou-se-me ser tão incolor no moral como no physico. Não me produziu a minima impressão, quer bôa, quer má. E' um ente descaracterizado. Percebe-se que dedica entranhado affecto tanto ao marido como ao pequerrucho. Não despega os olhos de um e de outro, a todo o instante, com o sentido em lhes adivinhar as vontades. Elle, comquanto violento e gritador, é amigo della, a seu modo. Em summa, não se dão lá muito mal. E sem embargo, tem algum desgosto occulto aquella mulher. De vez em quando fica como que absorta, e a expressão do semblante denota soffrimento. Quantas vezes a não surprehendi eu, toda chorosa! Cheguei a suppôr que fosse motivada aquella tristeza pela indole do filho, pois nunca vi creatura mais perdida de mimo, ou dotada de instinctos mais perversos. Está pouco desenvolvido para a edade, mas com uma cabeça de tamanho descommunal e fóra de toda a proporção. O seu viver representa uma alternativa constante de accessos de furia e de amuo carrancudo. Uma coisa unica lhe dá prazer: atormentar os entes mais fracos do que elle. E' dotado de singular habilidade para apanhar ratos, passaros e insectos de toda a casta. Eu, porém, senhor Holmes, prefiro não insistir mais em coisas que aliás pouco ou nada têm que ver com a minha historia.

— Necessito de saber os minimos pormenores, quer lhe pareçam uteis, quer não.

— Farei a diligencia por não omittir circumstancia alguma importante. Um dos inconvenientes daquella casa, e que logo me deu nas vistas, foi a insufficiencia dos creados. São dois, apenas: marido e mulher. Toller, que assim se chama o homem, é um individuo malcreado, grosseiro, de barba e cabellos já grisalhos, e tresanda sempre a bebida. Desde que lá estou, já por duas vezes o vi ebrio de todo, sem que Mr. Rucastle me parecesse dar por tal. A mulher é muito alta e muito cheia, com um carão de metter medo e de tão poucas falas como *Mistress* Rucastle, mas muito menos amavel. E' um casal desagradavel a mais não poder ser, que pouco ou nada me incommoda aliás, visto eu gastar o melhor do meu tempo na *nursery* (*) e no meu quarto, aposentos contiguos e situados em um dos cantos do edificio.

Nos primeiros dois dias que se seguiram á minha chegada ás Faias Rubras, correu socegadissima a minha vida; ao terceiro, *Mistress* Rucastle, depois do almoço, desceu cá abaixo e segredou umas palavrinhas ao ouvido do marido.

— Ah! sim, de certo, exclamou elle, voltando-se para mim. Estamos-lhe immensamente gratos, miss Hunter, pelo sacrificio que fez á nossa phantasia, em cortar o cabello. E affirmo-lhe que o cabello curto lhe fica muitissimo bem. Vamos a ver agora como lhe assentará o vestido azul electrico. Ha de encontral-o em cima do seu leito, e penhorar-nos-á sobremodo se quizer dar-se ao incommodo de experimentar si lhe serve.

O vestuario com que eu fui dar no meu quarto, e que me haviam destinado, era de uma côr azul muito especial; o tecido assim a modo de sarja e de optima qualidade, mas já com algum uso. No conjuncto, assentava-me a primor, e como se fôra

(*) — Aposento nas casas inglezas em que ficam as creanças.

(*Continúa nas pags.* 62 e 63).

feito por medida. Tanto o senhor como a senhora Rucastle manifestaram a sua satisfacção por fórma, absolutamente exaggerada. Estavam á minha espera, na sala, recinto de vastas proporções com tres portas de vidraça, abertas na frontaria do predio.

Proximo da janella do meio fôra collocada uma cadeira, com as costas voltadas para o exterior. Pediram-me que me sentasse nella e Mr. Rucastle, passeando, para cá e para lá, pelo lado opposto do aposento, poz-se a contar historias as mais inverosimeis. Não póde imaginar a que ponto era engraçado e divertido. Mistress Rucastle, que, segundo parece, não é sensivel ao humorismo, nem sequer teve um ar de riso, e para ali estava, sentada, com as mãos assentes nos joelhos, e um modo ansioso. Decorrida cerca de uma hora, Rucastle observou que era occasião de pensar no trabalho, e que eu podia ir mudar de vestido e ir ter com o Eduardinho á *nursery*.

Dali a dois dias repetiu-se a mesma ceremonia, e nas mesmas condições, exactamente. Tornei a vestir-me, fui me sentar ao pé da janella e ri tanto como da primeira vez das divertidissimas historias extrahidas do inexgottavel repertorio do meu patrão, que era eximio em contal-as. Apresentou-me em seguida um romance de capa amarella, e virando-me um tanto a cadeira, afim de que eu não projectasse sobre a pagina a minha sombra, pediu-me que lhe lêsse em voz alta. Li durante uns dez minutos, ou coisa assim, uma pagina escolhida á ventura. Dali a pouco interrompeu-me o sr. Rucastle, no meio de uma phrase, dizendo-me que fosse mudar de vestuario.

Ser-lhe-a facil imaginar, senhor Holmes, a que ponto estimularia a minha curiosidade tão extraordinario cerimonial. Notei que punham sempre especial cuidado em que eu permanecesse de costas voltadas para a janella, de modo que fiquei ardendo em desejos de ver o que occorreria por detraz de mim. A' primeira vista, afigurou-se-me que seria impossivel, mas não tardou muito que não encontrasse um meio. Estava partido o meu espelhinho de mão, e occorreu-me o feliz alvitre de esconder um pedaço no meu lenço de assoar. Na sessão immediata, emquanto me estorcia com o riso, levei o lenço aos olhos, e pude assim observar o que estavam fazendo por detraz das minhas costas. Confesso que fiquei descoroçoada. Não havia nada, absolutamente nada.

Pelo menos, foi essa a minha primeira impressão. Observando, porém, novamente, avistei lá na entrada de Southampton, estrada aliás de muito transito, um homenzinho vestido de cinzento, com a barba crescida, encostado á cerca, e, que pelos modos não tirava os olhos de mim. Abaixei o lenço e os meus olhos encontraram os de mistress Rucastle. Esta não disse uma palavra, mas estou persuadida de que me adivinhára a manha. Acto continuo, levantou-se, dizendo:

— Jephrys, está ali na estrada um atrevido que não tira os seus olhos de cima de miss Hunter.

— Não será pessôa das suas relações, miss Hunter? perguntou o marido.

— Não, senhor. Não conheço ninguem por estes sitios.

— Ora já se viu! Que atrevimento! Volte-se para elle e acene-lhe que se afaste, por favor.

— Quer-me parecer que melhor seria não fazer caso!

— Nada, nada! Nunca mais nos largava a porta. Volte-se, e faça-lhe signal assim...

Fiz o que me recommendava, e mistress Rucastle arriou o *store* a toda a pressa. Deu-se isto a semana passada, e desde então não voltei a sentar-me á janella, nem tornei a avistar o tal individuo.

— Continue, faça favor, disse Holmes. Promette immenso interesse a sua narrativa.

— Receio que, ao senhor Holmes, ella pareça um tanto incoherente. Nem sempre encontrará demasiada ligação entre os diversos incidentes que tenho que referir-lhe. No proprio dia em que cheguei ás Faias Rubras levou-me Mr. Rucastle a uma casinhola annexa ao predio, ao pé da porta da cozinha. Ao acercar-me, senti o barulho de uma corrente, e o de um animal de avantajadas dimensões a mexer-se.

— Olhe para ali, disse elle, e mostrou-me uma fenda entre duas taboas. Bonito animal, pois não acha?

Olhei, e a principio vi dois olhos a luzir e depois um vulto, que mal se distinguia na escuridão.

— Não tenha medo, aconselhou Rucastle, rindo do estremecimento que me percorrera de alto a baixo. E' o *Carlo*, o meu cão de fila. O *meu*, digo eu, mas o Toller, aquelle velhote, é a unica pessôa que se atreve a lidar com elle. Dá-se-lhe de comer uma vez por dia, e não é á farta, de modo que está sempre esfomeado. O Toller solta-o todas as noites, e Deus livre o ladrão que tiver de experimentar os seus dentes. Por tudo quanto ha de mais sagrado, nunca se lembre de pôr o pé fóra de casa á noite, seja qual fôr a urgencia. Arriscaria a sua vida.

Não era para desprezar o conselho. Dali a dois dias, ás duas horas da madrugada, estava eu á janella do meu quarto. Fazia um formosissimo luar, communicando ao terreno relvado fronteiro á residencia um reflexo argenteo e illuminando-o como se fôra de dia. Para ali me fiquei, enlevada no sereno encanto daquelle espectaculo, eis que vejo uma coisa a mexer á sombra das faias. Dali a pouco vejo surdir um cão gigantesco, de focinho preto, do tamanho de um vitello, com as fauces pendentes, e os ossos a furar-lhe a pelle. Atravessou com todo o seu vagar o pateo e sumiu-se, para o lado opposto, na escuridão... A' vista daquella terrivel sentinella muda resfriou-me o coração, muito mais do que me resfriaria um qualquer ladrão, creio eu.

E agora eis-nos chegados a uma aventura das mais singulares.

Deve estar lembrado de que cortei em Londres o cabello e de que o arrecadei no fundo da minha mala. Uma noite, estando já deitado o pequeno, occorreu-me passar revista á mobilia do meu quarto e arrumar os meus moveis. Havia ali uma commoda velha, cujas gavetas de cima estavam vazias e abertas, ao passo que a de baixo se achava fechada a chave. Eu havia enchido de roupa as duas primeiras, e, como tivesse ainda muita coisa que arrumar, aborrecia-me não poder aproveitar a terceira. Occorreu-me que era possivel conservar-se fechada por esquecimento, e deitei mão á minha argola das chaves, com o sentido de a abrir. Acertei logo á primeira. Continha um objecto apenas, e aposto que não adivinha o que era: — o meu cabello!

Tirei-o para fóra e examinei-o.

Era tal qual, a mesma côr, e a mesma qualidade. Mas por que artes se acharia o meu cabello fechado naquella gaveta? Era completamente impossivel. Com as mãos a tremer, abri a mala, e no fundo lá fui encontrar o meu cabello. Confrontei ambas as tranças, eram identicas absolutamente. Se já se vira caso mais extraordinario! Por mais que cogitasse, nunca chegaria a deslindar semelhante enigma. Tornei a guardar o outro cabello na gaveta, e não disse aos dois conjuges uma palavra relativa ao assumpto, pois tinha a consciencia de que não procedera regularmente abrindo uma gaveta que elles haviam fechado.

Sou observadora por indole, senhor Holmes, deve tel-o já notado, e a breve trecho tinha na cabeça toda a planta da casa, inteira e integrada. Um lado mesmo afigurava-se-me não ser habitado. Perto dos aposentos do casal, havia uma porta, que dava accesso, manifestamente, para aquelle lanço do edificio, e que estava sempre fechada a chave.

Sem embargo, um dia, ao subir a escada, vi Mr. Rucastle transpôr aquella porta, de chaves na mão, e com o semblante mui diverso daquelle que lhe communicava o aspecto de um homem franco e jovial, sob o qual eu o conhecia. Tinha os olhos afogados, a testa enrugada pela ira, e as veias da testa inchadas. Fechou a porta e passou por mim de corrida, sem me dirigir a palavra ou olhar para mim, sequer.

Estimulou-se-me a curiosidade; e quando sahi com o pequeno, a passeio, pelo jardim, encaminhei-me para o lado donde podia ver as janellas daquelle lanço da casa. Eram quatro em linha recta, tres muito sujas, e a quarta entaipada. Percebia-se não residir ali ninguem. Como eu seguisse passeando e a olhar de quando em quando para as janellas, veiu-me ao encontro Mr. Rucastle, que já reassumira a sua alacridade usual.

(*Continúa no proximo numero*)

GENTE BÔA!

RAIAVA uma manhã nevoenta e fria. Uma chuvinha impertinente cahia ininterrupta, augmentando o lamaçal já elevado. O barro vermelho, viscoso e forte, formava, aqui e alli, grandes atoleiros. As ladeiras núas escorregavam como si estivessem untadas de quiabos. Os tropeiros, áquella hora da manhã, ao sopé dos grandes caminhos ingremes, iam escangalhando os animaes, arrochando-os, carregando-os de saccos de café, cacáo e fardos de fumo em folha. No chão da rancharia ainda estava a "trempe" onde um caldeirão negro fumegava agradavelmente, cheirando a feijões cozidos com grandes "lanhos" de toucinho de fumeiro. Gente admiravel! Emquanto uns "arreiavam" os ultimos quadrupedes, outros comiam com appetite e prazer, revezando-se para não roubar tempo á partida. Esse, incerto e humido, não lhes esmorecia na jornada que havia para aquelle dia: a subida da ladeira temivel!

Os animaes haviam comido bastante milho, tendo "ração" dobrada para galgar sem esmorecimento o conhecido e temivel "Pellado".

"Pellado" é uma serra de subida difficil no verão e de accesso quasi impossivel no inverno. O nome lhe é muito adequado: núa, vermelha como uma clava, sem uma arvore, tudo resvaladio, pavoroso! Mas, para elles, não existe impossibilidade, após uma refeição farta, um copo de aguardente e um cigarro de palha, feito ao concavo da mão. Dahi a pouco, o "relho" estalava nos ares, um assobio cortava o espaço e a cavalhada se abalava para a ascensão da serra perigosa. A "madrinha", na frente, com um "peitoral" cheio de guizos e de chocalhos, tendo á cabeça uma enorme boneca com cabellos de linha preta, marchava garbosa com a sua carga de oito arrobas. No chão pegajoso, as "ferraduras" iam ficando impressas fundamente, aqui e alli, como letras inconfundiveis gravadas por cascos duros. E começava o supplicio! Os pobres irracionaes mal se sustinham nas patas fortes! Rolavam, cahiam, erguiam-se de novo, fazendo esforços inauditos. Os tropeiros — eram quatro — prestos faziam "cospi" a esse e levantavam aquelle, para verem mais adeante outro tombar exhausto "numa banda sêcca". De quando em vez, um grito partia, como uma angustia. Era um incentivo á cavalhada ou um "diabos te levem" soltado ao vento. E aqui e alli as cargas iam ficando, porque os animaes e os homens enfraqueciam. Gastavam, ás vezes, um dia de labuta immensa, numa persistencia admiravel, para, da tropa, composta de 30 ou 40 muares, chegar ao pinaculo, carregados, a metade ou menos disso.

Ganhava cada homem desse arduo mister 4$000 por dia, portadores de grandes capitaes alheios! Jamais elles se revoltavam e, conformados com a sorte que "Deus lhes deu", depois de longos dias de penosa jornada, cheios de lama e de cansaço, entregavam no seu destino o que lhes fôra confiado, intacto e certo.

Eu conheci, no meio dessa gente simples, rustica, capaz de derramar o sangue pela causa alheia, um caboclo forte, de pelle bronzeada e narinas resfolegantes, enormes.

Chamava-se Pedro Onça. Valia-lhe o appellido a coragem invulgar, o destemor e o desapego pela vida e, ainda, umas coisas monstruosas que se diziam baixinho a seu respeito. Era, porém, apparentemente, manso como um cordeiro. Si alguem lhe "pisava o pé", numa provocação, fingia não ter visto ou sentido e, maneirosamente, se abalava para outro local.

— Eu sou inimigo de "barulho — dizia elle ao "cabra" que lhe fizesse cocegas de briga.

Entretanto, quando Pedro Onça se zangava não media o numero de indi-

De Gilberto Veiga

viduos que delle se acercasse. Com o "costella de vacca" desembainhado, ou a garrucha de cão suspenso, não vacillava ferir. O dinheiro, porém, que lhe fosse confiado, chegaria ao seu destino moeda por moeda.

Pedro fôra casado. "Um capricho damnado" — dizia elle. — Mas si a gente procurava saber a causa desse capricho, elle sorria amarello, deixando ver os dentes escuros pelo sarro do tabaco e, disfarçando, fugia á curiosa interrogação.

Era bom no "côco" e doido por uma garrafinha da "pura". Cantar e beber eram os seus melhores prazeres.

"Pontilhando" uma viola e engulindo "uns copinhos" da "agua que passarinho não bebe", elle desdobrava-se horas a fio, com os olhos muito vivos, em versos rusticos e admiraveis.

Certa vez, na rancharia, se travava um desafio de "tyranna". O meu "camarada" — note-se que eu viajava pelos longinquos sertões da minha velha Bahia — viera perguntar-me, respeitoso, si eu não queria "ver a coisa".

Era no mez de junho. Fazia frio. Tomei da minha "colonial" e embucei-me até ás orelhas.

Quando lá cheguei, no centro da sala tôsca ardiam tóros de madeiras sêccas e, em volta das labaredas, oito homens acocorados, nús da cintura para cima, deixando ver os thoraxes largos magnificamente desenvolvidos, se aqueciam ao lume e assistiam áquella luta de palavras entre João Onça e Thomé Braz.

Gostei immenso. Mandei buscar cachaça e os servi abundantemente, nivelando-me a elles com alguns tragos. Foi o quanto bastou para captival-os inteiramente.

Quando me dispuz a abandonál-os, os gallos clarinavam, "miudando" tristemente, de quebrada em quebrada. João Onça, loquaz e alegre pela minha presença e pelo alcool que ingerira, acompanhou-me até a "Republica" e, como eu o convidasse a entrar, accedendo promptamente, me foi dizendo:

— Ha muito tempo que não "incontro" um moço tão "bão".

E abancou-se pesadamente na minha pequena cadeira de lona.

Como falavam á meia voz coisas pavorosas a respeito da vida passada daquelle homem "simples e bom", julguei opportuno interpellál-o naquelle momento em que elle tinha o cerebro excitado.

— Então, Onça, que foi que aconteceu á sua mulher? Disseram-me que você se casou e mezes após a creatura que lhe agradou desappareceu, sem que ninguem conseguisse encontrál-a? E' verdade?

Elle olhou-me algum tempo com os olhos cheios de pequeninos raios sanguineos e, depois de accender o cigarro que se havia apagado:

— Não sei porque, vancês, os brancos, gostam tanto de saber da vida dos cabôco! Em que lhe póde interessar a minha triste historia?

Espicacei-o. Forcei-o á confissão. Disse-lhe, entre outras coisas, que magoas reveladas eram magoas alliviadas. Emmudeceu.

Em seguida, soltou no ar grandes baforadas, cuspinhou no canto da paréde, deu de hombros, e começou:

— Pois bem. Foi assim: eu gostei de uma mulatinha, miudinha, cheiinha de corpo e que se chamava Magdalena. Diziam por ahi que ella não prestava. Mas eu gostei da mulherzinha. Prompto! Podia não prestar para todo mundo, mas para mim ella era tudo de bão.

"Nesse tempo eu era um cabôco forte e destemido. Cuidava da roça e, me embelçando pela mulher que mais tarde me desgraçou, fiz o meu rancho mêmo no centro das

(Cont. na pag. seguinte)

GENTE BOA — (conclusão)

plantação lá imriba, no taboleiro. E me casando pensei: "aqui nenhum cabra terá o tupete de vim tentar minha Magdalena!" Mas, ah! patrão! quando as marditas trazem o diabo no couro, nos enganam inté drumindo, sonhando com aquillo que não deve!

"Vivemos dois mezes sem grande novidade. Entre nós exestia mêmo certo xodó um pelo outro. Magdalena só fazia o que eu queria; trabadava commigo no prantio do arroz e não me largava por geito nenhum. A's vez, eu tinha vontade de relembrar os tempo antigo lá da villa, nas noites alegres dos sabbados das feiras, mas ella se pegava tanto commigo, que eu acabava ficando em casa. Eu inté gostava de vê a mulherzinha cheia de ciume por esse cabôco véio que aqui está.

"E o tempo foi correndo...

"Uma noite, eu dixe que ia na villa assistir o desembarque do meu patrão, seu Zé das Queimadas, que vinha vindo da capitá, onde se avistára com o governo.

"Como eu já contei pra vancê, toda vez que eu falava em sahir dinoite ella ficava toda cheia de dengues e allegando que tinha mêdo de ficar só no meio do matto, me prendia tal e quá como a herva de passarinho amarra à laranjêra.

"Pois bem patrão. Nessa noite ella riu e me deixou ir sem ao mêno me pedir pra vortá cêdo. Fiquei cá purga atraz da oreia e lhe dixe que só vortava de manhãsinha.

"Quando cheguei na encruzilada que leva pra villa o coração me aconceiou que não seguisse viaje.

"Dei de vorta. Quando cheguei no rancho notei que nem o lume tava acceso! Empurrei a porta. Tava fechada. Fui devagarinho e pela porta do fundo metendo a mão num buraco que tinha pelo lado de fóra abri a tramella. Entrei — confesso a vancê — com grande mêdo. Mas era um arreceio que eu não sabia dizer de quê.

"Na camarinha, Magdalena tava deitada e na tarimba um vulto que eu não pude ver quem era. A escuridão era grande. Mêmo assim, quando o phantasma me viu, deu um pulo e se abraçou com o facão que tava encostado na parêde.

"Enfrentei o bicho e lhe tomei sem grande esforço a arma da mão. Logo no começo, notei que elle era mais fraco do que eu. Ainda assim, lutemos, corpo a corpo, escangaiando com tudo que tava dentro do quarto, um bão pedaço de tempo, inté que emfim eu consegui dominar o bruto. Amarrei-lhe as mãos no morão da porteira, e vortei para ver se Magdalena tinha fugido. Ella tava na mêma posição e tremia como vara verde. Nem falar, creia vancê, podia. Tambem amarrei a dita cuja dentro do quarto, no pé da camarinha. Isso feito, abalei-me pra porteira e, entonce, patrãosinho, com essa pernambucana que aqui está — e mostrou-me uma faca longa de gume reluzente — tirei quatro correias das costas grossas do mardito, que gritava mêmo que uma raposa bebada.

"Na menhã seguinte, dissorvi um boccado de chumbo grosso da minha caçadeira e, na ponta de cada correia — tinha cada uma tres dêdos de largura — amarrei uma bolinha de chumbo do tamanho de um imbú verde, e pendurei tudo estiradinho no fumêro pra seccar.

"Fez um dia bonito. O sol cahindo quente nas costas retaiadas como toucinho fresco, do Judas amarrado na porteira, bebeu o resto do sangue que elle tinha, matando-lhe antes das araquuans subirem pra o gasalho.

A professora. — Mal, muito mal! Lembre-se de que conduz uma dama.
O alumno. — Estou apenas ensaiando para quando tiver que dançar com a minha mulher.

"A boquinha da noite, já os lanhos tirados ao miseravε tavam sequinhos que dava gosto. Fiz uma trança bonita, de quatro pernas, onde as bolas de chumbo se balançavam, luminado.

"Entrei no quarto. Magdalena tava quasi nûa, com os cabello remexidos como um roçado novo que os porcos fussassem. Os óio tavam inchados de chorar. Quando me viu, pediu perdão em nome de Deus, a renegada!

"Entonce, com o chicote feito do couro do meu simiante, comecei a retaiar a carne morena da mulata. Cada açoite que eu dava, era um grito que ella sortava, tal e quá uma araponga no cahir da noite.

"O chicote descia e vortava com um pedaço de carne ou de pelle pendurada nas bolinhas vremelhas de sangue.

"Durou pouco o castigo. Eu era forte e ella fraca.

"Quando comecei a sentir os braços cansados de bater, notei que ella já não gritava, nem gemia. Tava morta.

"No meio do quarto eu não via mais do que sangue empessado aqui e ali e arguns fiosinhos que corria como largatinhas de zarcão, como aquellas que tão pintadas nas parêdes da casa de seu Chico Lemos.

"Panhei toda aquella nojêra com o estambo imbrulado e enterrei debaixo de um imbuseiro que começava a florá. Na mêma noite b a n d o n e i aquella casa mardita.

"Arguns dias depois, fui buscar os troços que me pertenciam.

"No morão da porteira, vi uma porção de aribús numa festa damnada! Banquei-me pra lá. Quando fui chegando, elles voaro como uma nuve negra de chuva, que o vento tange.

"Olhei o corpo do home que me enganou. Os óio tavam ruidos, onde a gente via dois buraco como a caveira dum burro. O peito tava aberto, sem o coração.

"Bicho damnado é aribú! Nem sei como elles não m o r r e r o pistiados com aquella carniça tão ruim!"

* * *

O sol acabava de romper a bruma e s p e s a, quando João Onça terminou a sua narração.

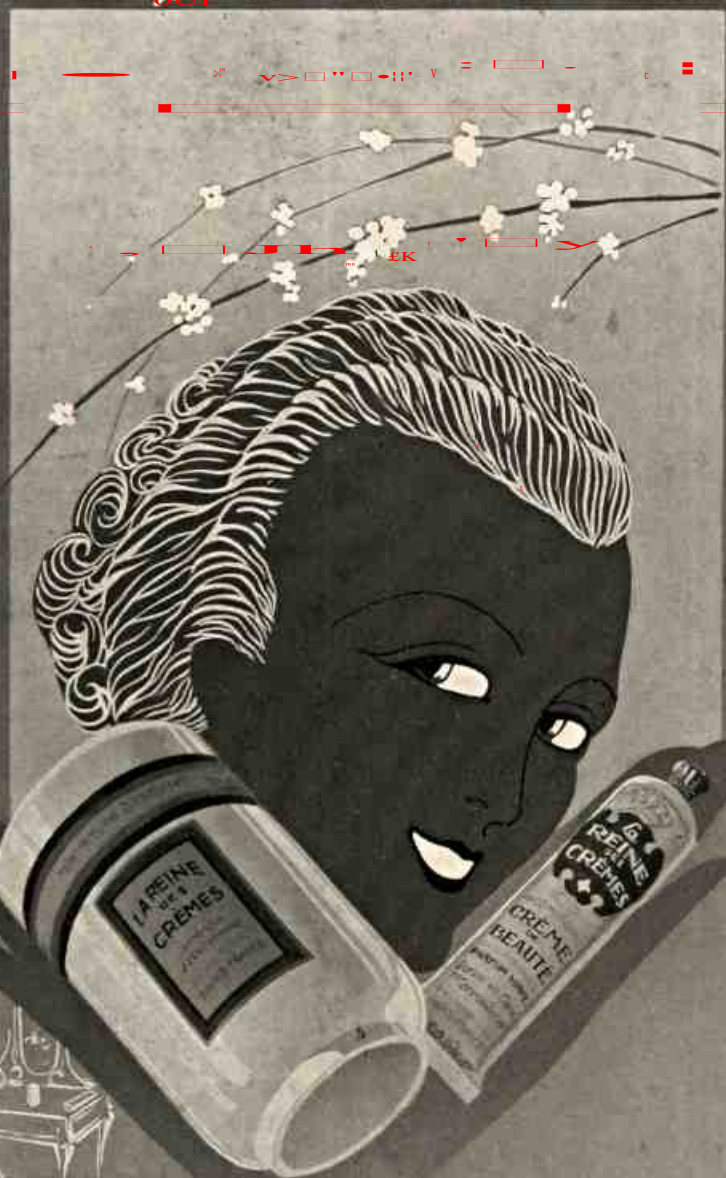
Eu, tonto de somno e com o cerebro cheio daquella historia terrivelmente negra e contada com tanta naturalidade, joguei-me na minha "cama de campanha" e procurei dormir, cerrando os olhos e os sentidos áquelles funestos acontecimentos longinquos!

E já sentindo o torpôr do somno que se avizinhava do meu ser, ainda pensei: Gente boa...

un air de printemps

LA REINE DES CRÈMES

MERVEILLEUSE CRÈME DE BEAUTÉ

CELLE QUI FAIT LA FEMME SI JOLIE

CHEZ VOUS: EN POT

LA REINE DES CRÈMES S.A.
PARFUMEUR
PARIS

A LA VILLE: EN TUBE

Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre

Em venda em todas as boas casas do Brazil

Desfructe do que desfructa o mundo

por meio da Nova Electrola Victor com Radio e do Adaptador Victor de Onda Curta

RADIO VICTOR R-35 — O único Radio Victor de 5 circuitos e Radiotrons de placa blindada . . . com um tom maravilhosamente bello!

NOVA ELECTROLA VICTOR COM RADIO RE-57 — Três instrumentos num só . . . o novo Radio Victor ultra-moderno . . . a nova e magnífica Electrola Victor e o Mechanismo para gravar discos em casa.

ADAPTADOR VICTOR DE ONDA CURTA — Um novo triumpho Victor . . . deleite-se ouvindo os programmas de radio que estão sendo transmittidos a milhares de kilometros de sua localidade!

A animação e a alegria caracteristicas dos paizes latinos . . . o sentimento profundo typico das nações germanicas . . . a musica ardente do *jazz* americano . . . os acontecimentos mais sensacionaes do mundo . . . são transmittidos hoje em dia por radio através de oceanos e continentes. Agora V. S. pode estar tambem ao corrente de todos os acontecimentos mundiaes por meio da Electrola Victor com Radio e do Adaptador Victor de Onda Curta. Os discursos de estadistas eminentes, as narrações dos grandes torneios desportivos . . . emfim, todos os acontecimentos de interesse que occorrem no mundo estão agora ao seu al-cance immediato. Satisfaça a su curiosidade cosmopolita . . . den-tro de sua propria casa.

Com este instrumento V.S. po-derá tambem tocar os famoso Discos Victor, entre os quae V.S. encontrará a musica de su patria fielmente interpretada *Grave tambem discos em su propria casa.*

Temos um magnifico sorti-mento de instrumentos Victor incluindo Victrolas Portateis e Victrolas Orthophonicas a pre-ços ao alcance de todos. Peça-nos uma demonstração hoje mesmo!

Distribuidores Geraes:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 88 — S. Paulo
A' venda em todas as boas casas do ramo

A Nova

ELECTROLA VICTOR com RADIO

(MICRO-SYNCHRONICO)

Protejam-se! Exijam sempre esta marca!

VICTOR DIVISION, RCA VICTOR COMPANY, INC., CAMDEN, N. J., E. U. da A.